



ERICO VERISSIMO

CARTAS DA UNIÃO PAN-AMERICANA
1953/1958

ORGANIZAÇÃO
MARIA DA GLÓRIA BORDINI



edições makunaima

Coordenador

José Luís Jobim

Revisão

Luciana Balbuena

Juliana K. Pauletto

Diagramação

Casa Doze Projetos e Edições

Copyright © 2020 by Acervo Literário de Erico Verissimo (ALEV)

Todos os direitos reservados.

Associação Cultural Acervo Literário Erico Verissimo.

Rua Felipe de Oliveira, 1415, 90630-000, Porto Alegre, RS, Brasil



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

V516e Verissimo, Érico, 1905-1975.
Erico Verissimo: cartas da União Pan-Americana 1953-1958 /
Organizadora Maria da Glória Bordini; transcrição e notas Gabriela
Ruwer Guindani, Juliana Kiszewski Pauletto. – Rio de Janeiro, RJ:
Makunaima, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-87250-13-7

1. Verissimo, Érico, 1905-1975 – Discursos, ensaios e
conferências. 2. Correspondência. I. Caro, Herbert. II. Moog, Vianna.
III. Bordini, Maria da Glória. IV. Guindani, Gabriela Ruwer.
V. Pauletto, Juliana Kiszewski. VI. Título.

CDD 810.9

Elaborado por Mauricio Amormino Júnior – CRB6/2422

ERICO VERISSIMO

CARTAS DA UNIÃO PAN-AMERICANA:
1953/1958

Organização
MARIA DA GLÓRIA BORDINI

TRANSCRIÇÃO E NOTAS

GABRIELA RUWER GUINDANI
JULIANA KISZEWSKI PAULETTO

Rio de Janeiro

2021



Conselho Consultivo

Alcir Pécora (Universidade de Campinas, Brasil)
Alckmar Luiz dos Santos (NUPILL, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)
Amelia Sanz Cabrerizo (Universidade Complutense de Madrid, Espanha)
Benjamin Abdala Jr. (Universidade de São Paulo, Brasil)
Bethania Mariani (Universidade Federal Fluminense, Brasil)
Cristián Montes (Universidad de Chile, Facultad de Filosofía y Humanidades, Chile)
Eduardo Coutinho (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)
Guillermo Mariaca (Universidad Mayor de San Andrés, Bolívia)
Horst Nitschack (Universidad de Chile, Facultad de Filosofía y Humanidades, Chile)
Ítalo Moriconi (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
João Cezar de Castro Rocha (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
Jorge Fornet (Centro de Investigaciones Literárias – Casa de las Américas, Cuba)
Livia Reis (Universidade Federal Fluminense, Brasil)
Luiz Gonzaga Marchezan (Universidade Estadual Paulista, Brasil)
Luisa Campuzano (Universidad de La Habana, Cuba)
Luiz Fernando Valente (Brown University, EUA)
Marcelo Villena Alvarado (Universidad Mayor de San Andrés, Bolívia)
Márcia Abreu (Universidade de Campinas, Brasil)
Maria da Glória Bordini (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil)
Maria Elizabeth Chaves de Mello (Universidade Federal Fluminense, Brasil)
Marisa Lajolo (Universidade de Campinas/Univ. Presbiteriana Mackenzie, Brasil)
Marli de Oliveira Fantini Scarpelli (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil)
Pablo Rocca (Universidad de la Republica, Uruguai)
Regina Zilberman (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil)
Roberto Acízelo de Souza (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
Roberto Fernández Retamar (Casa de las Américas, Cuba)
Salette de Almeida Cara (Universidade de São Paulo, Brasil)
Sandra Guardini Vasconcelos (Universidade de São Paulo, Brasil)
Silvano Peloso (Universidade de Roma La Sapienza, Itália)
Sonia Neto Salomão (Universidade de Roma La Sapienza, Itália)

Agradecimentos

Este livro resulta de um trabalho de equipe, desenvolvido no decorrer do projeto CNPq *Erico Verissimo no Espaço Político-Cultural Transnacional*. Além dos participantes, todos muito devotados às tarefas que lhes couberam, queremos deixar nossos melhores agradecimentos à família Verissimo e aos acervos de Herbert Caro e de Vianna Moog, respectivamente sob guarda do Instituto Cultural Marc Chagall e das Coleções Especiais da Biblioteca da Unisinos.

Aos Verissimo, por permitirem a reprodução das cartas de Erico Verissimo atinentes a sua estada à testa do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana, nos anos 1950, e aos dois acervos, por nos facultarem o acesso aos documentos e por sua contribuição sem ônus com o que havia de Verissimo em seus arquivos.

À equipe, formada pela bolsista de Apoio Técnico do CNPq Juliana Kiszewski Pauletto, pela mestranda da CAPES Gabriela Ruwer Guindani, e pelos doutorandos Grace Costa e Márcio Soares, por empenharem seus esforços constantes para a publicação e divulgação da obra.

Por último, à Editora Makunaima e à Casa Doze Projetos e Edições, à primeira, por sua chancela e, à segunda, pela produção digital do livro.

Sumário

Introdução	8
Critérios de Organização	28
Cartas de Erico Verissimo a Herbert Caro	31
19 de maio de 1953 (fac-símile)	33
19 de maio de 1953	35
28 de setembro de 1953	38
13 de novembro de 1953	43
15 de dezembro de 1953 (fac-símile)	48
15 de dezembro de 1953	49
06 de abril de 1954	54
20 de abril de 1954 (fac-símile)	60
20 de abril de 1954	61
10 de maio de 1954	67
25 de agosto de 1954	71
03 de setembro de 1954	75
21 de outubro de 1954 (fac-símile)	82
21 de outubro de 1954	83
13 de fevereiro de 1955	84
02 de março de 1955	90
26 de junho de 1955	97
04 de agosto de 1955 (fac-símile)	102
04 de agosto de 1955	103
19 de agosto de 1955	105
11 de junho de 1956	108
27 de maio s.a	112
Cartas de Erico Verissimo a Vianna Moog	115
07 de maio de 1953	117
13 de maio de 1953 (fac-símile)	119
13 de maio de 1953	120
17 de junho de 1953 (a)	122
17 de junho de 1953 (b)	124

17 de junho de 1953 (Anexo)	126
13 de julho de 1953	129
06 de agosto de 1953 (fac-símile)	131
06 de agosto de 1953	132
18 de agosto de 1953	134
17 de novembro de 1953 (fac-símile)	135
17 de novembro de 1953	136
05 de maio de 1954	139
10 de setembro de 1954 (fac-símile)	142
10 de setembro de 1954	143
06 de outubro de 1954	144
26 de novembro de 1954 (fac-símile)	146
26 de novembro de 1954	147
24 de janeiro de 1955	149
20 de fevereiro de 1955	152
08 de agosto de 1955 (fac-símile)	154
08 de agosto de 1955	156
01 de março de 1956	159
29 de março de 1956	161
20 de maio de 1956	166
Apêndice	172
Cartas a Clarice Lispector e Maury Valente	173
11 de outubro de 1956	174
25 de setembro de 1957	177
Cartas a Vianna Moog	180
03 de dezembro de 1956 (fac-símile)	181
03 de dezembro de 1956	183
03 de março de 1958	185
Índice de citações	187
Índice de siglas	193

Introdução

Hoje, com as facilidades da Internet, a troca de mensagens se tornou instantânea. O estilo da comunicação mudou muito, se pensarmos em tempos sem Internet, e é mais sintético, pressupondo e subtendendo muito do que não é dito. Parece-se com as conversas que se travam presencialmente. A arte da correspondência anterior aos avanços da informática era mais demorada e cuidadosa, quando não mais profunda. Se a comunicação digital é veloz e breve, afetando o pensamento e a redação da carta, a troca de correspondência em papel traduz o vagar, a concentração do sujeito sobre a mensagem do seu correspondente, a manifestação não só de ideias mais desenvolvidas e argumentadas, mas de sentimentos mais transparentes.

8 A carta em papel se transforma hoje não só num documento oficial – no caso de cartas que necessitam assinaturas para serem aceitas em empresas e entidades da esfera pública – mas num registro vivo de memórias pessoais do passado, em que se relatam fatos, avaliações, desejos, pressentimentos, ordens, e dos momentos de uma história de vida tornados permanentes por intermédio da escrita, quando conservada para a posteridade.

Quando se trata da correspondência de figuras ilustres, maior é o valor conferido à carta em papel, já que as novas formas digitais são de difícil recuperação e correm o perigo de inacessibilidade, seja por decisão dos remetentes, seja porque os programas eletrônicos constantemente se renovam, perdendo-se dados. É o que ocorre com cartas de escritores, que sobrevivem ao tempo, quando impressas ou manuscritas em papel, mas que em e-mails já estão quase em desuso, pela migração dos usuários a outros recursos mais atrativos.

É raro que um arquivo de correspondência, formado pelo próprio escritor ou por um órgão de guarda de documentos literários,

contenha a totalidade das cartas trocadas durante uma vida inteira. Haverá perdas irreparáveis, decorrentes da falta de cópias das cartas remetidas, das perdidas no correio, ou descartadas pelo destinatário, e ainda prejudicadas pelo modo como foram guardadas, ou pela qualidade inferior do papel. E, até, pela pouca importância dada pelo remetente a sua futura história. Com o que foi conservado é que o estudioso de literatura tem a possibilidade de inovar os achados sobre um autor ou uma obra, fazendo progredir o conhecimento literário e as potencialidades de interpretação dos leitores.

A correspondência é uma das formas de expressão escrita das mais espontâneas, pois, mesmo que saída da pena de um escritor, não vem cuidada como o original de um livro. O discurso é frouxo, os assuntos podem estar reunidos sem laços lógicos, apenas por justaposição, e não só o emissor se revela, mas também o destinatário fica retratado, seja pelas pressuposições, seja pelo tom e teor das respostas ou dos pedidos, o que aumenta seu valor documental.

No Acervo Literário de Erico Verissimo,¹ o arquivo de correspondência – que abrange cartas do escritor e de particulares, desconhecidos, amigos e parentes, tanto quanto correspondência de instituições privadas e públicas, no geral ligadas à edição e à difusão cultural – resente-se, por exemplo, de grandes lacunas, não em número de cartas, mas entre cartas trocadas. Há a carta de Erico Verissimo a alguém, mas não a resposta, ou vice-versa. Poucos são os casos em que se pode reconstituir o curso completo da correspondência.

É o que acontece com as cartas de Erico Verissimo enviadas durante sua estada em Washington, D.C., nos anos 1950, quando era diretor do Departamento de Assuntos Culturais da Organização dos Estados Americanos. Erico escreveu a muitas pessoas, família e amigos, contando os dissabores de sua vida administrativa, seus achados culturais, suas impressões dos Estados Unidos e da América Latina, seu período “de seca” na criação literária, assoberbado pelo

¹ Atualmente sob guarda do Instituto Moreira Salles, do Rio de Janeiro.

trabalho e inúmeras viagens. Mas não guardava as respostas de seus destinatários ou as cartas recebidas.

Entre seus correspondentes mais assíduos nesse período salientam-se dois velhos amigos, Herbert Caro e Clodomir Vianna Moog. Nas cartas que lhes dirige, Erico abre-se francamente, faz-lhes confidências, declara seus gostos e desgostos, o que traça um retrato saboroso do que passou e suportou e do que lhe foi possível contribuir para o avanço das relações interamericanas. Tal correspondência cria uma história do cotidiano do escritor, alçado a uma posição administrativo-diplomática que lhe era estranha, mas também concorre para uma história oficial de como funciona uma organização internacional com suas vicissitudes.

Um certo Herbert Caro

Herbert Moritz Caro (1906-1991) foi um judeu alemão de Berlim, formado em Direito, que imigrou em 1933, fugindo ao nazismo que então se anunciava e que o proibira de exercer a advocacia. Em maio de 1935, chegou ao Brasil com um vocabulário de três mil
10 palavras aprendidas em um curso na Alemanha e em dezembro do mesmo ano casou-se com Nina Zabłudowski.

Acolhido pela Livraria do Globo, de 1939 a 1948 trabalhou na famosa Sala dos Tradutores, a convite de Henrique Bertaso e Erico Verissimo, sendo reconhecido por suas versões de *Os Buddenbrook* e *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann. Em 1947, naturalizou-se brasileiro e no ano seguinte começou a trabalhar na seção de livros importados da Livraria Americana, na Rua da Praia, onde não só vendia, mas aconselhava a compra de livros aos consumidores, sempre sorridente. Quando a livraria fechou em 1957, começou a trabalhar como autônomo e free-lancer no *Correio do Povo*, onde manteve por anos uma coluna de livros intitulada “Balcão de Livraria”. Além de seu conhecimento literário e de seu apurado senso de humor, era um apaixonado pela música erudita, um verdadeiro melômano.

Herbert Caro, além de tradutor e colunista, foi conferencista, bibliotecário, escritor de vários artigos e ensaios para jornais e revistas brasileiras e alemãs. Entre os autores traduzidos para o português estão Thomas Mann, Elias Canetti, Lion Feuchtwanger. Para o alemão, traduziu Quintana e Verissimo, entre outros, tornando-se amigo deles. Pelo serviço prestado à difusão da cultura alemã, Caro recebeu, em 1974, a Cruz da Ordem do Mérito, Primeira Classe, do governo alemão. Em 1986, recebeu da cidade de Porto Alegre o título de Cidadão Emérito de Porto Alegre e no ano seguinte a Medalha Cidade de Porto Alegre.²

Foi da convivência na Globo que se originou uma amizade duradoura entre Erico Verissimo e Herbert Caro. Desde os anos 40, quando se conheceram por razões profissionais, até o falecimento de Erico, em 1975, os dois mantiveram um relacionamento muito confiante, em que de lado a lado houve a troca de estímulos mútuos, de conhecimentos e de experiências de vida, bem como o estabelecimento de fortes laços afetivos entre as duas famílias, que permaneceram em contato mesmo à distância, quando as viagens de Erico o afastaram do Brasil, por vezes durante vários anos. Esses distanciamentos deram origem a uma fértil troca de correspondência – de que o Acervo Literário de Erico Veríssimo possui apenas as cartas de autoria do autor de *O Tempo e o Vento*.

Essa coleção testemunha o quanto Erico estimava o amigo e o quanto Caro representava para ele como elo com um Brasil que, de longe, parecia estar se perdendo nas crises políticas dos anos 50 e 60, e de uma Porto Alegre que se tingia de saudade à falta de notícias. Erico era um correspondente assíduo: escrevia e respondia, mas seus destinatários nem sempre lhe respondiam. Herbert Caro era a exceção. Apenas na década de 50, podem-se computar 38 car-

² Dados biográficos extraídos do site do Instituto Goethe. Cf. <http://www.goethe.de/ins/br/lp/prj/jub/pt14636628.htm>

tas a ele dirigidas, coincidentes com os períodos de sua estada em Washington, de 1953 a 1956, e com sua viagem à Europa em 1959.

Entre os temas muito insistentes nessa correspondência, Erico, quando está a serviço da OEA, queixa-se da falta de tempo para dar atenção ao amigo que lhe reclama respostas, pede notícias de alguns amigos e colegas da Globo, tais como Mario Quintana, José Rasgado Filho, Edgar Cavalheiro, ou Maurício Rosenblatt, que não lhe escrevem, expressa suas saudades de Porto Alegre, mas constantemente refere concertos, peças teatrais, livros e discos adquiridos, comentando-os. Percebe-se, nas cartas, que Erico recebe encomendas de discos de Caro e que o mantém informado do que está sendo lançado em termos de livros nos Estados Unidos e na Europa. Um dos autores sempre citados é Thomas Mann, que Erico conheceu nos Estados Unidos em sua primeira viagem de 1941, de quem Caro se transformara na voz em língua portuguesa.

12 A correspondência de Erico para Caro importa não apenas como testemunho da amizade entre dois bons amigos, mas também como documento para a história, não só literária, do século XX. Erico comenta eventos momentosos de seu período à testa do Departamento Cultural da União Pan-Americana, revela sua atuação na diplomacia latino-americana da década de 50 e demonstra seu papel ativo na difusão da cultura brasileira nos Estados Unidos, referindo conferências e excursões literárias realizadas, autores e obras estrangeiras ainda desconhecidos no Brasil, sempre manifestando suas opiniões e avaliações muito pessoais e desinibidas.

Erico, em suas cartas a Caro, escolhe os assuntos que sabe irão interessar o amigo, conta-lhe os fatos corriqueiros da vida cotidiana, conforme os lembra e não em ordem cronológica, enfatiza títulos e nomes que acredita devam ser de utilidade para Caro enquanto livreiro e melômano, e lhe traz episódios que lhe ocorreram, tanto da vida privada, no âmbito da família e das suas viagens, quanto da vida pública, como representante do Brasil

na OEA e como conferencista requisitado pelas universidades e entidades culturais.

Acreditando que Caro compartilhe suas opiniões políticas, faz avaliações de State Department, vendo o amigo como um coirmão liberal, preocupado com o futuro da América Latina dos anos 60, em que as ditaduras militares seriam fomentadas pelos Estados Unidos em função da Guerra Fria. Em 20 de abril de 1954, já escrevia a Caro fazendo um retrato muito curioso e rápido de Nixon: “Há dois dias conheci pessoalmente o Nixon, vice-presidente. Tem o nariz do Bob Hope e uma queixada lombrosiana.” – o que parece profético.

Outra faceta dessa correspondência é a da literatura e da crítica. Em carta de 6 de agosto de 1954, Erico anuncia ao amigo sua novela *Noite*: “o grande truque da novela – devo adiantar-te – é que sendo uma coisa que devia parecer-se com um pesadelo e portanto vago, informe, indefinido, ela foi assim mesmo tratada realisticamente, o que ajuda a aumentar a sensação de desconforto e *confusão* do leitor. Bem. Tu verás.” Caro, entretanto, não gostou da novela e parece tê-lo dito a Erico, que retruca: “Em primeiro lugar quero dizer-te que *Noite* não é livro para ser *gostado*. [...] Falas em cenas repelentes... Pensa bem. É uma questão de sugestão. [...] As perversões do corcunda são mais sugeridas do que mostradas. E se elas te enojam é porque fazem também parte, subterraneamente, da tua noite”.

Em carta de 27 de setembro de 1955, Erico volta à sua literatura e dá notícias sobre os progressos da escrita de *México*: “o livro sobre o *México* vai marchando lentamente. Ainda não saí do período de *estudos*. Tenho nada menos de 100 páginas só de notas. Não vou fazer um livro erudito, que esse não é o meu gênero. [...] E ninguém pode compreender a história do México sem estudar a história da terra, do torrão mexicano, pois toda ela se revolve em torno da posse da gleba, e assim por diante.” A carta evidencia o quanto o narrador de viagens de *Gato Preto em Campo de Neve* percebeu que não podia apenas confiar em suas impressões para

conhecer um povo. E *México* se tornou o livro mais profundo entre as narrativas de viagens do autor especialmente pelo estudo apurado que alicerça os fatos e opiniões narrados.

Fora da literatura, outro assunto mais do que frequente é a música. Além de elencar autores, peças, gravações, para notificá-las ao amigo, a importância da música na vida de ambos se expressa também na carta de 19 de novembro de 1959, que se abre com a informação emocionada de Erico: “Ontem recebemos, pela TV, a notícia da morte do Villa-Lobos. Fiquei muito sensibilizado. Eu não só admirava o homem como também gostava dele como pessoa. Encontramo-nos em Paris, em junho passado, num almoço na sede da Unesco, e pela maneira como ele me recebeu, à Mafalda e a mim, eu vi o quanto ele nos estimava.” Pode-se notar que Erico compartilha a dor da notícia com o amigo, tentando atenuar o impacto da notícia ao lembrar um momento feliz de convívio.

Também de cinema Erico fala ao amigo igualmente cinéfilo. Por exemplo, em carta de 24 de fevereiro de 1956, comenta o seguinte: “Vi uma fita que me abafou por completo – *The prisoner*,³ com Alec Guinness. Baseada no caso do cardeal Midzenski (*how do you spell it?*). Um *script* que é um prodígio. [...] Os indicados para o Oscar, este ano, a não ser *The rose tatoo*⁴, que deve ser bom, são medíocres: *Picnic*, *Love is a Many Splendored Thing*, *Love me or Leave me*.⁵”. Note-se que Erico tem opiniões pouco lisonjeiras sobre

14

3 *Prisioneiro do Remorso*, de 1955, dirigido por Peter Glenville. Cf. <https://www.imdb.com/title/tt0048512/>

4 *A Rosa Tatuada*, também de 1955, filme de Daniel Mann, com Anna Magnani e Burt Lancaster. Cf. <https://www.imdb.com/title/tt0048563/>

5 Respectivamente: *Férias de Amor*, filme de Joshua Logan com Kim Novak e William Holden; *Suplício de uma Saudade*, filme de Henry King com William Holden e Jennifer Jones. Recebeu o Oscar de melhor filme em 1956, vencendo *A Rosa Tatuada*; *Ama-me ou Esquece-me*, filme musical de Charles Vidor com Doris Day. Cf. <http://www.adorocinema.com/filmes>.

o cinema hollywoodiano, em comparação com o europeu, algo que se perpetua até hoje entre os críticos cinematográficos.

Erico não deixa de partilhar com Caro o que o torna feliz. Em carta de 16 de março de 1956, conta-lhe: “Quero te contar uma coisa linda que me aconteceu ontem. Como sabes, o Dr. Winter, de *O Tempo e o Vento*, é natural de Eberbach. Pois recebi uma carta do *Bürgermeister* dessa cidade, agradecendo-me por ter escolhido o seu *Bürger* para berço do dr. Winter e mandando-me de presente várias aquarelas originais com vistas da cidadezinha. Não achas uma coisa fantástica?” É notável não apenas a alegria do escritor ante a homenagem longínqua que recebe, mas o processo de rememoração em trânsito na própria escrita da carta que culmina com uma outra homenagem de reconhecimento ao amigo que lhe indicara a cidade.

Em 11 de junho de 1956, tem-se uma carta em que o modo contido, mas muito afetivo, como Erico se movimentava na esfera privada é manifestado. Erico nela dá a notícia do noivado de Clarissa: “[...] quero dar-te uma notícia importante. Clarissa vai casar com um americano. O que eu temia aconteceu. Trata-se duma amizade que ‘degenerou’ em amor. Eram companheiros de teatro. A princípio fiquei chocado. A ideia de me separar da minha filha não me era nem me é ainda agradável. Depois fiquei triste e mais tarde resignado. Agora começo a encarar o problema, ou, melhor, a situação com uma serena alegria”. Essa confissão tão aberta dos sentimentos de perda de um pai em relação à emancipação da filha demonstra o quanto Erico prezava Herbert Caro, pois não era homem de manifestar seus conflitos, especialmente suas dores.

Por outro lado, um dos exemplos que explicitam a visão isenta da política mundial de Erico aparece na carta de 29 de setembro de 1959, quando ainda está nos Estados Unidos, após sua primeira viagem à Europa e a Portugal. Ele retrata a Caro o líder soviético Kruschev: “O homem é realmente um tipo de político que não se conhece por aqui. Um primário espertíssimo, com o instinto do

político, a sabedoria do camponês e uma obstinação luar. Tem *sense of humour*, sabe dar uma boa risada e no momento seguinte fechar a cara e começar a falar duro, não sei se por temperamento ou por cálculo. [...] Mr. K. tem muitos *good points*, em meio de muita falácia. Eu não lhe perdoo a matança na Hungria, isso para não falar nas da Rússia através dos muitos anos em que ele foi um dos *Stalin boys*.” Ele observa num relance o modo como Kruschev se conduz nos Estados Unidos – estamos no início do degelo da Guerra Fria –, mas não deixa de culpá-lo pelas medidas desumanas que traz em seu passado.

As cartas de Erico proporcionam, como se pode constatar, informações preciosas sobre figuras nacionais e mundiais da arte e da política, sem autocensura – salvo a das precauções estéticas do autor. Delineiam um Herbert Caro como amigo respeitado, parceiro no amor aos livros e à música, capaz de rir-se da tolice humana, de indignar-se ante a opressão, e simpatizante, como Erico, do liberalismo no velho sentido inglês do termo.

O “viking” Vianna Moog

16

Clodomir Vianna Moog (1906-1988), nascido em São Leopoldo, RS, formou-se em Direito e concursou-se como fiscal de Imposto de Consumo, o que lhe permitiu percorrer o Rio Grande. Participou da Revolução de 30, foi preso em 32 na Revolução Constitucionalista e deportado para o Amazonas por dois anos. Ali dedicou-se à leitura de Machado, Eça e Anatole France. Dessa experiência de exílio resultou *O Ciclo do Ouro Negro* (1936). Anistiado, passou por Belo Horizonte e por fim voltou a Porto Alegre, onde foi convidado a dirigir a *Folha da Tarde* de Breno Caldas. Embora não se acertasse com o jornalismo, ali aprendeu a escrever diretamente à máquina e aventurou-se na crônica humorística, publicando *Novas Cartas Persas* (1937). Deixou o jornal e dedicou-se ao ensaio biográfico. Em 1938 publicou, pela Globo, dois livros, *Heróis da Decadência* e *Eça de Queiroz e o Século XIX*, obtendo grande sucesso até em Portugal.

A essa altura, como autor da *Globo*, tornara-se amigo de Erico, a quem visitava seguidamente e com quem compartilhava o gosto pelo cinema e a música.⁶ Erico chamava-o de viking, pela estatura intimidante e seus cabelos louros. Moog não deixava de ser um aventureiro: mais uma vez, ousou sair de sua zona de conforto e experimentou-se como romancista. *Um Rio Imita o Reno* saiu também em 1938, obtendo bela acolhida.

Em 1950 foi nomeado representante do Brasil para a Comissão de Assuntos Sociais das Nações Unidas e participou em Nova York e Genebra de todas as reuniões da Comissão. Dois anos depois foi indicado pelo Brasil para o Comitê de Ação Cultural da OEA, no México. Ficou na cidade por mais de dez anos, como presidente da Comissão, posto em que fez parte da Segunda Reunião do Conselho Interamericano Cultural em 1956.

Mas as novas atividades diplomáticas não o afastaram da escrita, lançando seu ensaio mais celebrado, um trabalho geopolítico de peso, *Bandeirantes e Pioneiros*, em 1954. Em 1959, voltou à literatura com o romance *Uma Jangada Para Ulisses*.⁷ Nomeado de novo para a Comissão Social das Nações Unidas em 1961, foi eleito seu presidente para a XIII Sessão. Continuou uma carreira diplomática internacional de êxito expressivo, que se encerrou apenas com sua aposentaria em 1969.

Sua correspondência de Erico nesse período abrange de 1953 a 1956, e configura as relações pessoais e oficiais dos dois amigos. As 21 cartas de Verissimo dirigidas a Vianna Moog permitem historiar o que acontecia na União Pan-Americana, as tratativas internacionais encetadas, momentos de crise diplomática, bem

6 Dados colhidos de entrevista concedida à *Revista do Globo* (n.259, 21/01/1940. p.30-33). As datas de suas primeiras edições foram retiradas do site da Academia Brasileira de Letras.

7 Cf. <https://www.academia.org.br/academicos/vianna-moog/biografia>

como os acontecimentos da vida familiar do Verissimo, pois Erico levava consigo a esposa Mafalda e os filhos Clarissa e Luis Fernando. Da parte de Moog não existem cartas no ALEV relativas aos anos em questão, podendo suas vivências serem apenas deduzidas das reações de Erico.

O estilo dessas cartas é o mesmo daquelas destinadas a Herbert Caro. Além da abertura nomeando o destinatário e o fecho recomendando-se ao amigo e família, ele salta de assunto em assunto, ora manifestando suas atitudes na vida profissional, ora noticiando a situação de sua família, ora confidenciando sentimentos, ora opinando sobre o que se passa no Brasil, ora comentando seus impasses na criação literária, em movimentos de progresso e regresso aos temas.

18 A primeira carta, escrita logo à chegada dos Verissimo, em 7 de maio de 1953, é de estilo bem pessoal, da mesma forma que as dirigidas a Caro. Erico informa as sensações da chegada, confessa seu temor, seu desejo de fuga da realidade avassaladora de seu cargo, e afirma não estar à altura do trabalho de Tristão de Athayde. De mistura com as informações sobre o cargo, tão absorvente que ele teme não poder escrever o terceiro volume de *O Tempo e o Vento*, expressa suas saudades de Porto Alegre. Refere a felicidade da família, a procura de uma casa, o tempo instável, e a situação da política brasileira, que o preocupa pelo alto custo de vida e pela iminência de um golpe militar.

Outras cartas pessoais se sucedem, alternadas com as oficiais. Notícia a moradia nova, a aclimatação da família, visitantes que o agradam. Fala de música, de cinema, de livros. Todavia, o clima tranquilo muda quando os problemas profissionais começam a pesar cada vez mais na vida cotidiana do escritor. Em carta de 24 de janeiro de 1955, ele se confessa deprimido, saudoso dos lugares que apreciava em Porto Alegre e do dia a dia sem aflições maiores. Em maio de 1955, confessa que a necessidade de um feriado se faz cada

vez mais urgente. Resolve visitar o México, para livrar-se, pelo menos por um tempo, do que chamava de “o mausoléu de mármore”, que o aflige. Erico de fato visitou o México e, encantado com seu povo e cultura, pelo contraste com os descoloridos norte-americanos, escreveu talvez a sua melhor narrativa de viagem.

Sua amizade por Moog se revela nas tentativas de promover a obra deste, *Bandeirantes e Pioneiros* (vide carta de 17 de junho de 1953). Previne-o dos limites da Globo – as tiragens prudentes, a distribuição tímida. Em carta de 6 de agosto do mesmo ano, anima o amigo quanto ao que pode aguardar quanto ao livro: “De acordo com o que dizes de *Bandeirantes e Pioneiros*, e com a tua conclusão em torno de capitalismo, catolicismo e protestantismo, é *provoking*.” E oferece-lhe sua opinião de ex-editor: “O livro será um bestseller de saída e depois, constituirá o que chamo de ‘permalento’, isto é, obra de venda lenta, mas permanente, como *Casa Grande e Senzala*”. Não fica somente no incentivo, pois procura difundir a obra nos Estados Unidos. Tenta vendê-la à Macmillan Co. (cf. carta de 10 de setembro de 1954), consegue que seu tradutor aceite o projeto, conta-lhe do entusiasmo de Anísio Teixeira pelo livro.

19

Pela persistência nas tentativas de fazer circular a obra de Vianna Moog em língua inglesa, Erico não só dá testemunho do seu apreço pelo trabalho original de Moog, cujas edições se sucederam no Brasil e chegaram até a 22ª pela José Olympio – e que continua no mercado -, mas igualmente demonstra a grande parcela de atenção que lhe deu, em meio às tribulações de suas atividades administrativas e dos desentendimentos havidos com a CAC.

Raras são as cartas realmente oficiais, em que as iniciativas ou tratativas relacionadas à União Pan-Americana estejam expostas ou comentadas de forma objetiva e sem a interferência de estados de ânimo. Uma delas, bastante breve, pode exemplificar esse outro estilo. Trata-se de uma carta endereçada com o cabeçalho da UPA, convidando o autor Vianna Moog para participar de um projeto

editorial do Departamento, dentro de sua missão de fomentar o conhecimento entre as culturas das Américas (cf. 26 de novembro de 1954). Trata-se de um convite para participar de uma antologia de contos em tradução para o inglês. Mesmo nesse caso, porém, ao enfatizar o critério de que o enredo seja atrativo, transparece o autor num documento oficial: a ideia de não interessar apenas as elites e sim ao grande público é um dos pontos principais do projeto criativo de Verissimo, que ele sempre defendeu para a literatura.

Em carta de 1º de março de 1956, reitera ao amigo: “Estou firme no propósito de voltar em julho para o Brasil, embora não sinta nenhuma vontade disso. Creio que te contei que minha estada em Porto Alegre em dezembro me deixou assustado”. Em dezembro de 1955, Erico fizera uma rápida viagem ao Rio Grande do Sul e ficara chocado com o acirramento das paixões políticas no Brasil. Em novembro de 1955, o presidente Café Filho, sucedendo Getúlio, após o suicídio, sofrera um evento cardíaco e se afastara do governo, assumido por Carlos Luz, presidente da Câmara dos Deputados. Este se envolvera numa tentativa de golpe de Estado, para impedir a posse do presidente eleito Juscelino Kubitscheck. O Congresso decidiu que Nereu Ramos substituiria Café Filho até o fim do mandato, para a transmissão do governo a Kubitscheck.⁸ A agitação política e social era tamanha que Erico receava regressar em meio de mais um golpe – o que sucedeu em março de 1964.

Em março de 1955, pede a Moog que, quando voltar ao Brasil em 1956, o auxilie com o desembaraço de sua bagagem na alfândega, pois teme que lhe embarquem móveis e utensílios e o automóvel adquirido nos Estados Unidos. Esse é o único apelo de ajuda que faz a Moog, o qual já havia retornado a Porto Alegre, como se depreende o fecho da carta: “Que tal a tua casa? E a família? Quais são os planos? Voltas para o México? E a política? Qual é o teu candidato,

8 Informações colhidas da Wikipedia.

if any?” Ele o reitera em 1956, já de volta a Porto Alegre, porque a Alfândega criou dificuldades com o carro.

Entretanto, não só de problemas e (in)felicidades pessoais falam essas cartas. A estada de Erico na União Pan-Americana incluiu um relacionamento oficial com Vianna Moog, na qualidade de membro do Comitê de Ação Cultural. De início tais relações foram muito cordiais. Em carta de 13 de maio de 1953, Erico convida o amigo a vir para Washington tratar dos assuntos do CAC. Ao que parece, a visita de Moog aconteceu, tanto que em junho, no dia 17, Erico lhe afirma: “Cada vez me convenço mais de que é um erro estar o Comitê de Ação Cultural no México. Podíamos bater grandes papos com proveito mútuo”. Porém, os trâmites com o Comitê não vão bem, pois ele se desculpa: “*I am sorry*, mas tenho que tratar contigo dum abacaxi do CAC, o que faço na carta anexa para não macular esta.”

A carta anexa, também datada de 17 de junho de 1953, trata de um estudo realizado pela CAC, que Erico critica duramente, enumerando uma longa série de erros de conteúdo, de redação, de entendimento das funções e da alçada da Comissão. Erico observa ainda que “o comitê pede um *tape recording*. Não temos verba pra comprar. *No hay plata. There is no money. Pas d’argent.*”, o que não deve ter agradado de forma alguma os membros do CAC. E remata vetando um resumo “dos quatro volumes da Carta Cultural. Isso é um absurdo. É impossível fazer um resumo.”

Essas primeiras advertências à CAC parecem ter originado um mal-estar que mais tarde iria aflorar em problemas constantes. Moog teria apaziguado seus colegas, contando com um futuro mais produtivo. É provável que as relações com o amigo não tenham sofrido abalo, pois Erico continua a dar-lhe conta de suas atividades como membro da União Pan-Americana. Porém, a cada observação que faz ao amigo sobre o CAC, atíça os brios do Comitê. Em carta oficial datada de 5 de maio de 1954, Verissimo efetua um detalhado relato

a Moog do que acontecera recentemente nas suas relações com o Comitê e quanto a participação deste na Conferência Interamericana de Caracas, cheias de dificuldades e mal-entendidos.

A indignação e impaciência de Erico com as manifestações de vaidade e poder que presenciou e que sofreu levam-no a deixar o discurso oficial: “Que tu queiras continuar trabalhando *full time* no CAC é coisa mui louvável. Mas que se procure negar-me o direito de dizer o que penso, ah!, isso não: morro seco e não me entrego, como dizia o meu saudoso conterrâneo João Mandioca”. Mas logo trata de amenizar o desabafo: “Bom. O destino do CAC não está em minhas mãos. O CIC é que vai decidir”. E acrescenta: “Espero que o novo *chairman* não sofra de ‘complexo olímpico’ e possa manter conosco relações normais que não sejam necessariamente as de rei e vassalos”. O que magoa Erico é que o CAC e o embaixador-presidente do Conselho Interamericano de Cultura queriam deturpar o que dissera na Conferência.

22 Em carta de 6 de outubro de 1954, as relações parecem pacificadas. Erico volta a comentar suas andanças como conferencista, seus sucessos junto ao público, seu acolhimento em tantas universidades famosas, como Harvard. A trégua, porém, não vai longe. Outra disputa aponta no horizonte. Haveria um Summit no Peru, em Lima, com representações do DAC e, também, do CAC. As rivalidades tornam a se acender, já nos preparativos internos. As providências estão sendo decididas por instâncias superiores que o Departamento não pode controlar. No ano seguinte, o CAC reivindica uma representação maior no *Summit* de Lima. Erico busca uma solução negociada, que não chega a bom termo.

Aborrecido com os atritos constantes com a CAC, que se reacenderam após a Conferência Pan-Americana de Caracas, Erico confessa ao amigo, em carta de 20 de maio de 1955, que não sabe se quer voltar ao Brasil, apesar das saudades: “penso na minha chateoteca, na bagunça política, na miséria daquele povo, na enfadonha

sanha dos políticos, num certo ranço que anda no ar – então me vem um certo horror de voltar.”. A confissão inclui também outro motivo para o dilema de decidir se permanece ou não nos Estados Unidos.

Erico não teme apontar que o único deslustre de sua administração no DAC é o relacionamento com o CAC e nega a afirmação de Moog de falta de acolhimento por parte da UPA. Procura demonstrar ao amigo as razões do seu Departamento e indica as providências a serem tomadas: “O que nos pareceu desde o princípio é que o CAC não compreende a sua posição dentro da Organização. Aliás, essa história de jurisdição e competência tem de ser esclarecida pelo Conselho, quando o funcionamento e organização de teu comitê forem estudados”.

Para ele, dois pontos sensíveis junto à União Pan-Americana são a quebra da hierarquia e a pretensa autossuficiência da Comissão. Não poderiam passar “por cima do Secretário Geral e ter poderes discricionários sobre este Departamento”. Reconhece a contribuição do amigo aos trabalhos do Comitê, que antes da chegada deste eram “péssimos”. O teor da carta que Moog lhe dirigira fica registrado na resposta algo irônica: “Falas na falsificação das atas [...]. De resto, vocês assinaram as atas e eu tenho de supor que as assinaram depois de lê-las”.

23

Reafirma a lisura do comportamento do DAC quanto ao CAC em Caracas, negando que tivesse havido sabotagem ao Comitê e defende quem fez o registro de sua fala. Erico não se conforma com os boatos em torno da má vontade do seu Departamento em relação ao CAC e refuta a suposta subordinação da UPA ao Departamento de Estado. Todavia, sabe que está mostrando autoridade e que as relações desiguais de poder geram humilhação. Trata de justificar as decisões que geraram a dissensão: “Não compreendo tua reação. Não sabes, miserável, que a agenda foi discutida e aprovada pela Comissão de Conferências da OEA, da qual fazem parte representantes do Brasil (chairman), do Haiti, dos Estados Unidos, Colômbia, Guatemala, Honduras?”

Em 8 de agosto de 1955, Erico já está decidido a regressar ao Brasil. Diz ele que já comunicou sua saída e usa de uma metáfora

para ajuizar a atuação da União Pan-Americana: “A UPA é um belo instrumento que vivemos a polir, afinar, mudar de cordas... mas nunca tocamos. Nem um sambinha, nem uma rumba. ‘Me dê um dó, Dr. Fendrick.’ O velhinho dá. ‘Um lá bemol, dr. Manger.’ E lá vem o lá bemol. Continua a afinação, mas cadê a música? Não tem verba. Muita papelada. Muitas rivalidades.”

Tranquiliza o amigo sobre sua situação atual e, para evitar novos desentendimentos, pede-lhe que tome conhecimento dos documentos a serem apresentados e debatidos na próxima Conferência de Lima: “Peço-te que estudes os documentos intitulados Programa de Ação Cultural (Educação, Ciência e Cultura) que, afora os estudos de vocês, me parecem constituírem a parte mais importante da conferência”. Note-se a ênfase posta na igualdade das propostas da CAC e do DAC, outro argumento para afastar dúvidas. Evidentemente, Erico não deseja perder a amizade antiga com Moog. De um lado, precisa impor-se como diretor de um órgão superior ao do amigo. De outro, quer manter a todo custo a amizade que os une há tanto tempo. Por vezes, as duas entram em conflito, mas Erico não permite que seu afeto por Moog o impeça de fazer cumprir suas obrigações administrativas.

A última carta oficial endereçada a Vianna Moog de Washington data de 29 de março de 1956. Trata oficialmente de tratativas do DAC em relação às três reuniões de cúpula da OEA em Lima, Peru, estabelecendo limites entre as atribuições do Departamento e do CAC, presidido por Vianna Moog. Dado o caráter institucional da correspondência o tom é formal e impositivo. Como teria havido insistência do CAC, por meio de correspondência dirigida ao Secretário Geral William Manger, Erico se apressa a esclarecer novamente a situação, notando-se que ficou indignado pelo rompimento da cadeia hierárquica, passando por cima do Departamento.

9 Então integrante da secretaria da OEA.

Começa com a representação da UPA nas conferências e nomeia de forma clara todos os seus representantes, acrescentando que foram designados pelo próprio Secretário Geral. Outro item da agenda é a composição do Secretariado da UPA, salientando que terá de trabalhar em três conferências, e fica-se sabendo que não eram quaisquer eventos secundários, tendo envolvido a UNESCO, o CIC e a Reunião dos Ministros de Educação dos países-membros, os mais relevantes órgãos culturais das Américas.

Contudo, Erico faz questão de evitar crises com o CAC, sublinhando que os trabalhos da mesma terão a devida atenção do CIC. Tenta mostrar que não serão ignorados, mas que não alcançam o mesmo nível de significação das manifestações da UPA, órgão superior ao CAC. Como conhece as suscetibilidades do Comitê, observa que o problema básico são os fundos e para manter a transparência das escolhas, arrola os critérios de seleção dos participantes. Mas não renuncia a seu papel diretivo, para marcar em quem recairão as reclamações que porventura vierem à tona.

Essa carta, que encerra as relações institucionais entre a União Pan-Americana e o Comitê de Ação Cultural mexicano, permite, apesar de seu viés oficial, verificar as dificuldades havidas entre os dois órgãos, não obstante a amizade que unia seus dois chefes. Percebe-se que Vianna Moog defendia fortemente os interesses do seu Comitê, para marcar o espaço de sua atuação diante da OEA. Por sua vez, o Secretário-Executivo Erico Verissimo sente a surda oposição do CAC à UPA e trata de cercar-se de precauções para dirimir dúvidas, apagar possíveis incêndios diplomáticos, e impedir sublevações quanto a sua autoridade. Um choque de personalidades? Talvez, mas igualmente zelo em garantir o bom desenvolvimento das conferências e não decepcionar seus superiores.

A vida na União Pan-Americana nas cartas da OEA

Comparando os dois conjuntos de correspondência, é notável a diferença entre as cartas a Herbert Caro e as endereçadas a Vianna Moog. Caro se mostra um correspondente acolhedor, o que faculta a Erico uma maior quantidade de confidências e um fortalecimento dos laços de amizade mútua. Nota-se o respeito e a deferência com que escreve ao amigo livreiro. Em contrapartida, Moog manifesta um temperamento pouco flexível, defendendo fortemente sua posição oficial na OEA como presidente do CAC. Assim, o tratamento entre Erico e ele nem sempre é cordial, e diminui a soma dos relatos do cotidiano familiar e dos sentimentos quanto ao que acontece. Embora as cartas a Vianna Moog sejam predominantemente de caráter administrativo, Erico busca amenizar o tom por vezes mais impositivo, entremeando-as com ocorrências e expressão de emoções que possam ser mais facilmente recebidas pelo cioso amigo.

26 As cartas a Caro compõem um panorama colorido do que foi a estada de Erico e sua família em Washington por mais de três anos. Por elas apreciamos as estações do ano, o dia a dia da família, as várias moradias, os livros, filmes e discos consumidos, as relações com os amigos, as conferências realizadas por todo o país, o casamento de Clarissa – e a reação de seu pai –, o amor ao jazz e aos livros de Luis Fernando, a amizade de Mafalda com Clarice Lispector, os impasses criativos de Erico, suas decepções, temores e momentos de satisfação. E também os acontecimentos que mais afetam o escritor à testa do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana, sempre sob uma lente não parcial, pois eventualmente crítica.

Com relação às cartas a Moog, afora as informações sobre família e amigos, visitas e andanças como palestrante, sobressai a história da União Pan-Americana no período. Como Vianna Moog é um colega de OEA, além de amigo antigo, que compartilha a mesma

editora de Erico, a trajetória dos dois se desdobra entre conflitos e reconciliações. Erico respeita as posições do representante do CAC, que a seu juízo e por força do cargo deve corrigir. Mas é forçado constantemente a explicar-se e a apagar a fogueira das vaidades. Por vezes, não consegue suprimir sua inconformidade com as atitudes não só do Comitê quanto de seu presidente. Por outro lado, é nessa correspondência que mais afloram os problemas da OEA, da UPA e do CAC, bem como do Conselho Interamericano de Cultura. Muita burocracia, hierarquias desrespeitadas, regras mal entendidas, pouca ação e muita discussão, além de alguns líderes demasiado autoritários. Também se tornam conhecidos os bastidores das Conferências de Cúpula da OEA de Caracas e Lima, seu planejamento e desdobramentos.

Por todos esses motivos, publicar essa correspondência, embora restrita apenas a dois destinatários, é ao mesmo tempo um testemunho de vida profissional e pessoal de um escritor de ficção, inexperiente quanto às lides administrativas, que enfrentou as responsabilidades de seu posto com denodo, e um documento histórico sobre os modos nem sempre harmônicos de atuação política e diplomática de uma organização transnacional, que reunia todos os países das Américas do Sul e Central e os Estados Unidos da América, no intuito de conservar a paz no Continente.

27

Maria da Glória Bordini
Organizadora

Critérios de organização

Os pesquisadores dedicados à epistolografia conhecem bem os desafios que cercam a publicação de cartas, sejam de intelectuais, artistas, cientistas ou políticos, entre outras. Maiores ainda são as dificuldades decorrentes da exposição ao público de cartas pessoais, privadas. Há direitos de privacidade envolvidos, direitos autorais, além de responsabilidade ética quanto ao teor de opiniões ou confissões que se dirigiam originalmente apenas a um destinatário.

Tendo em vista tais obstáculos, neste livro selecionamos as cartas de um correspondente, o escritor Erico Verissimo, enviadas a dois amigos seus de longa data, Herbert Caro e Vianna Moog, já falecidos. Poderíamos ter acrescentado algumas missivas destes, mas não tínhamos meios de obter a permissão necessária. Por essa razão, preferimos manter as de Erico, também porque possibilitam que se deduza algo sobre as inquietações de ofício ou vicissitudes pessoais de Caro e Moog.

28 As quarenta cartas, despachadas durante o período em que Erico Verissimo esteve em Washington D.C., dirigindo o Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana, secretaria geral da Organização dos Estados Americanos, nos anos de 1953 a 1956, abrangem assuntos oficiais e particulares, por vezes em separado, por outras, mesclados. Somadas a estas, foram incluídas algumas outras por fazerem uma retrospectiva da permanência do autor nos Estados Unidos, e manifestarem sua situação no regresso a Porto Alegre. Duas delas foram endereçadas à família Valente, Clarice Lispector e seu esposo, uma de 1956 e outra do ano seguinte, confirmando a amizade dos Verissimo para com eles, como mencionado em cartas a Caro. Outras duas seguiram para Vianna Moog, uma de 1956 e outra de 1958, ainda sobre o regresso e a escrita de *O Arquipélago*, que Erico não conseguira iniciar nos Estados Unidos.

A correspondência foi transcrita das cópias obtidas no Acervo Literário de Erico Verissimo e nos demais acervos citados, pela mes-

tranda Gabriela. A qualidade dessas fotografias nem sempre facilitou a legibilidade, como o leitor perceberá por exemplos inseridos no corpo do livro. Por outro lado, a caligrafia de Erico nem sempre é clara. Por isso, as cartas foram primeiro transcritas conforme foi possível lê-las, depois foram cotejadas com os documentos fotografados, cabendo à Organizadora decifrar ou esclarecer as dúvidas.

Na etapa seguinte, foram anotadas em rodapé as inúmeras menções a fatos, pessoas e obras de arte (literárias, musicais, teatrais e cinematográficas) que julgamos deveriam ser esclarecidos, dados os mais de 60 anos passados desde que foram registrados pelo escritor. A pesquisa consumiu longo tempo e contou com a participação da bolsista Juliana K. Pauletto, que efetuou parte das buscas e organizou o Índice de Pessoas e de Siglas que aparece ao final do volume. O índice de pessoas inclui somente as repetidamente citadas e as identifica. Nas notas de rodapé estão aquelas mencionadas só uma vez.

Nossa opção, quanto à sequência da correspondência, foi separar as cartas destinadas a Herbert Caro, mais pessoais, das de Vianna Moog, mais oficiais, e, dentro de cada parte, ordená-las por ordem cronológica de datação. Nessa disposição, cria-se uma história do que foi para Erico enfrentar o mundo diplomático e os vaivéns das relações internacionais que testemunhou e de que participou. As cartas a Moog e a Clarice Lispector, após a volta a Porto Alegre, aparecem em Apêndice.

O que temos em mira, com este livro, é completar e ampliar as informações sobre a atuação transnacional de Erico Verissimo no âmbito da interculturalidade, enquanto esteve na União Pan-Americana, com novos dados, confidências e conversas de bastidores, suplementando o livro dos discursos sobre o mesmo assunto, publicado online pela Editora Makunaima em 2020. Essa reunião vale como documento para estudiosos não só da obra ou da vida do autor, mas de especialistas em História das Américas e de Relações Internacionais.

Para Clarissa e Luis Fernando

Cartas de Erico Verissimo a Herbert Caro



Erico Verissimo em seu gabinete na União Pan-Americana, em 1953.

Fonte: ALEV/IMS

Fotografia: UPA/OEA

32



Herbert Caro, em seu gabinete de trabalho.

Fonte: Instituto Goethe

Fotografia@ de Luiz Eduardo Robinson Achutti

Washington, 19 de maio, 1953. 3.ª edição.

Meu querido Cas: Sábado passado na National Gallery of Art comprei um postal com a reprodução dum Utrillo, sentei-me em frente a original e escrevi-te um bilhete. Dei-o a cartista no bolso dum casaco e, para não retardar mais este princípio de correspondência, roubei as expeditas alguns minutos para este bate-papo. Quanto daria eu agora para te levar a tomar um dos nossos cafés "no Jockey"! Sinto muita saudade de vós, amigos, da cidade, da minha casa. No entanto tudo vai correndo bem. Família em boa saúde e contentes. Alugamos casa esplendida. Satisfaz-me perfeitamente em o pessoal de União. O trabalho é muito, além de empuro e aborrecido. Necessitamos dum dia de "ill power" cavalor para poder escrever o Enormidade. O Crisis fundo o "entendido". Conclui em seu material de eletrão o melhor é mandar fazer uma espécie de "high fidelity", em o seu corte de mais perfils no mercado. Já tenho o nome de cara que se succede disso. Também me delicia com a National Gallery, onde vi sábado a colocação particular de Edward P. Bevin. Fabulosa! Tem o mais belo "Gouffier" que entoco: Cavalero dans la place.

Filmes? Pessimos, assucosos.
Teatro? Ainda nenhum aqui com Washington's
Governi? Reacionários
MacCarthy? Um f. d. p.
Cidade? Charming but rather dead.

Só' há mudaceus para a casa
no dia. Lo de junho. Ai troceus confortá
espaço, gramu verde, música, etc.

Abraco p. o pessoal da academia.

Vitro. ex-Dentoch, Zé.

Leubraes para tuos sealyrae e
sotr.

Para ti um squador abraço
di velho amig

Long

P.S. O para cima di mundo
naõ é o de San Francisco da
California. uera de Port. Alegre.
É o de Washington!

Washington, 19 de maio, 1953 – 3h30 da tarde

Meu prezado Caro:

Sábado passado na National Gallery of Art¹ comprei um postal com a reprodução dum Utrillo², sentei-me na frente do original e escrevi-te um bilhete. Deixei o cartão no bolso dum casaco e, para não retardar mais este princípio de correspondência, roubo ao expediente alguns minutos para este bate-papo. Quanto daria eu agora para te levar a tomar um dos nossos cafezinhos no Jockey! Sinto muitas saudades de vocês, amigo, da cidade, da minha casa. No entanto tudo me corre bem. Família com boa saúde e contente. Alugamos casa esplêndida. Entendo-me perfeitamente com o pessoal da União.

1 A National Gallery of Art foi concebida e doada ao público por Andrew W. Mellon (1855-1937), um financista e colecionador de arte de Pittsburg que foi a Washington para assumir a Secretaria do Tesouro. Em 1936, escreveu ao presidente Franklin D. Roosevelt oferecendo sua magnífica coleção de arte para um novo museu, que subvencionaria com seus próprios fundos. Com o apoio do presidente, o Congresso aceitou a oferta, que incluiu uma considerável dotação e instituiu a National Gallery of Art em 1937. A coleção da Galeria abrange principalmente Arte Europeia e Americana, da Renascença aos dias atuais, mas exposições alugadas permitem ao museu mostrar arte de uma quantidade muito maior de culturas e períodos. Possui duas alas, uma a oeste e outra a leste e um jardim de esculturas. Cf. <https://www.nga.gov/about.html>

2 Maurice Utrillo (1883-1955) foi um pintor francês nascido em Montmartre. Vendeu seu primeiro quadro em 1905, e expôs no prestigiado Salon d'Automne em 1909. Chegou ao auge da carreira entre 1912 e 1914, seu “período branco” é caracterizado por impasto branco aplicado à tela com uma espátula. O marchand Paul Guillaume (1891-1934) descobriu suas pinturas só em 1910, graças ao poeta Max Jacob (1876-1944), que vivia em Montmartre. Em 1922, Guillaume organizou uma exposição de 35 quadros de Utrillo, com grande sucesso. Esse é o período “colorido” do pintor. Cf. <https://www.musee-orangerie.fr/en/artist/maurice-utrillo>

O trabalho é muito, além de complexo e absorvente. Necessitarei de uma dose de will power cavalari para poder escrever a *Encruzilhada*³. Consultando os “entendidos”, concluí que em matéria de eletrola o melhor é mandar fazer uma especial. Um high fidelity com o que existe de mais perfeito no mercado. Já tenho o nome da casa que se encarrega disso. Tenho me deliciado com a National Gallery, onde vi sábado a coleção particular de Edward Robinson⁴. Fabulosa! Tem o mais belo Gauguin que conheço: *Cavaliers Dans la Plage*.⁵

Filmes? Péssimos, asquerosos.

Teatro? Ainda nenhum aqui em Washington.

Governo? Reacionário.

MacCarthy?⁶ Um f.d.p.

Cidade? Charming but rather dead.

3 *Encruzilhada* é o último episódio de *O Arquipélago*, terceiro volume de *O Tempo e o Vento*. Erico pretendia chamar assim o terceiro volume.

4 A coleção emprestada pelo ator Edward G. Robinson e sua esposa Gladys, incluía obras de Eugène Delacroix, Jean-Baptiste-Camille Corot, Auguste Renoir, Georges Seurat, Paul Gauguin, Edgar Degas, Vincent van Gogh, Henri de Toulouse-Lautrec, Henri Matisse, Pablo Picasso, e dos pintores americanos Grant Wood e Yasuo Kuniyoshi. Cf. https://www.nga.gov/exhibitions/1953/robinson_collection.html

5 *Les Cavaliers Sur la Plage (II)*, 1902, foi pintado em Hiva Oa, ilha do arquipélago das Marquesas, última etapa da vida de Gauguin. Em 1903, um ano depois da realização dessa tela, Gauguin faleceu. Cf. <http://app.gauguin.fondationbeyeler.ch/fr/reiteramstrand>

6 Joseph Raymond McCarthy (1908-1957) foi um político norte-americano, membro inicialmente do Partido Democrata, e mais tarde do Partido Republicano. Durante os seus dez anos no Senado dos Estados Unidos, de 1947 a 1957, McCarthy e sua equipe tornaram-se célebres e infames pelas investigações agressivas contra o governo federal dos EUA e pela campanha contra todos que eles suspeitassem ser ou simpatizar com os comunistas. Este período compreendido entre 1950 e 1956, o do “Terror Vermelho” (Red Scare), também ficou conhecido como Macartismo. Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Joseph_McCarthy

Só nos mudaremos para a casa no dia 10 de junho. Aí teremos conforto, espaço, grama verde, música, etc.

Abraços para o pessoal da Americana. Vitor, sr. Rentszch, Zé⁷.

Lembranças para tua senhora⁸ e sogra.

Para ti um saudoso abraço do velho amigo Erico

PS: O pior clima do mundo não é o de São Francisco da Califórnia nem o de Porto Alegre. É o de Washington!

7 Funcionários da extinta Livraria Americana, de Porto Alegre.

8 Nina Zabłudawski, esposa de Caro.

Washington, 28 de setembro de 1953

Amigo Caro:

Recebi tua carta última, junto com a primeira parte de tuas “memórias”. *I got a kick out of your article*, como dizem os gringos. Está ótimo. Fico esperando a segunda parte.

38 Sim, recebi também a carta anterior, com os retratos do verão. Faz um tempão que ando pensando em te escrever, mas acontece que nesta altura dos acontecimentos estou de tal forma enredado nesta teia de trabalho aqui na União, que já começo a ficar inquieto quanto ao futuro (pelo menos próximo) deste contador de histórias. Trabalho sem parar das 9 às cinco e meia. O trabalho se complica, aumenta cada vez mais. Passei oito dias no México, a serviço. Dia 9 vou a Chicago fazer um discurso no Dia da Raça (imagina!) e visitar a Universidade. Dia 22 falo em Philadelphia, na Art Alliance; no dia seguinte bem cedo tomo o trem para Newark, Delaware, cidade vizinha, onde farei o discurso de abertura numa *round table* que discutirá assuntos interamericanos de educação. Tenho uma conferência marcada no Ateneo de Washington (em espanhol, e sobre Machado de Assis) para novembro. E outra em North Carolina. E uma palestra para um grupo de mulheres que escrevem para o rádio e televisão. E mais uma conversa para estudantes internacionais. E ainda outra conferência em Philadelphia, sobre Euclides da Cunha, para os “*executives*” da Bell Company. É possível que eu tenha de ir também a Caracas, para a 10^a Conferência da Organização dos Estados Americanos. Depois teremos de preparar o famoso *meeting* do Inter-American Council em São Paulo, em 1954. Os relatórios não cessam de entrar. E a correspondência oficial. E tenho ainda as três reuniões semanais dos *committees*. Um inferno!

Tento fazer alguma coisa para mim aos sábados, mas em geral me sinto tão cansado que só quero cama e música, coisas que não nego a este corpo velho.

Sinto falta de nosso cafezinho das 4. Penso muito nos amigos, na minha casa, nos céus do Rio Grande, mas a verdade é que não quero voltar *agora*. Há muita coisa a ver por aqui. Tenho assistido a peças muito boas. No Arena Stage (creio que te falei neste teatrinho íntimo cujo palco fica no nível do chão, como numa pista de boate) vi uma peça curta de Thornton Wilder, *Happy Journey* junto com *A Phoenix too Frequent*, de Christopher Fry. No National, vi a Deborah Kerr numa peça magnífica, *Tea and Sympathy*, que foi estreada aqui como experiência, antes de ser apresentada em New York. O tema, o homossexualismo, é perigoso, mas foi tratado com muito tato e bom gosto. Os programas de concertos para o outono e inverno são promissores. Teremos as orquestras de Boston e Philadelphia, o Stern, o Heifetz⁹, a Guiomar Novaes¹⁰, creio que o Arrau¹¹ e, *last but not least*, o Quarteto de Budapest, que tocará na Library of Congress. (Para estes últimos concertos receberei convites especiais, imagino). Anunciam-se outras boas peças de teatros, com boa gente.

39

Continuo a achar os americanos muito chatos e sem imprevisito, mas a verdade é que a vida aqui é fácil e confortável. Uma estada de dois anos vai ser muito boa para toda a família. O único problema, repito, é o meu como escritor. Se eu conseguir escrever a *Encruzilhada* ou pelo menos deixá-la bem adiantada, tudo ficará perfeito.

Gostei muitíssimo do México, onde parei com Vianna Moog. Passei um dia com o pintor Siqueiros¹², que é um grande tipo. O

9 Isaac Stern e Jascha Heifetz eram afamados violinistas.

10 Guiomar Novaes era uma pianista brasileira que construiu carreira no exterior.

11 Claudio Arrau foi um pianista considerado como um dos melhores do século XX.

12 David Siqueiros, pintor muralista mexicano.

México é um mundo que merece ser explorado. Quero ver se volto lá com a família, para uma estada mais prolongada.

Vou te mandar o catálogo de discos por via aérea, pois se for por mar levará dois meses. Comprei recentemente um álbum com três discos, da Sociedade Haydn¹³, é uma antologia musical que abrange do canto gregoriano até 1750, terminando com Handel e Bach. Muito boa gravação. A interpretação é de cantores e músicos dinamarqueses.

Temos tido boas noitadas musicais lá em casa. Quinta-feira jantaram conosco o Casal Plá (ele trabalha no meu departamento, é um cientista argentino, físico), o dr. Reulet, chefe de nossa divisão de filosofia, e o seu assistente, dr. Dimmick¹⁴.

A quantidade de brasileiros que tem aparecido por aqui é assustadora. Mas é raro aparecer um tipo interessante. Quase tudo elemento “varzeano”.

A Clarissa foi convidada para fazer um pequeno papel na peça *The Bad Angel*, no Arena Stage. Está delirante. Já começou os ensaios. E aqui me tens, amigo Caro, como “pai de artista”.

40

O Luis Fernando estuda na Roosevelt High School e continua apaixonado por *jazz band*. Mas *hot jazz*. Um clássico, já se vê. Quer aprender a tocar piston. Seja feita a sua vontade!

Uma noite destas levei toda a família ao Casino Royal, um *night club* onde o Louis Armstrong e o seu maravilhoso sexteto se exibiam. Pagamos 1 dólar a entrada e jantamos muito bem. A despesa total não chegou a 20 dólares. O show era muito variado e a comida bastante razoável.

Amanhã aqui na União comeremos, em banquete interamericano, [com] o presidente do Panamá, um sargento da polícia. Eu vou a essa droga porque em todo o caso terei de almoçar nessa hora, de sorte que...

13 Orquestra e coro da cidade de Boston.

14 Consulte o índice de citações para dr. Plá, dr. Reulet e dr. Dimmick.

Tenho de reescrever o último capítulo de *Noite*, que já está (o livro) todo composto, em provas de página. Já tenho a *solução*. Agora é uma questão de forma. O diabo é que não estou *in mood*.

Minha mesa está cheia de cartas oficiais a responder. Preciso terminar o artigo que estou escrevendo para uma revista de Paris (me deram o *deadline* de 15 de outubro) intitulado *Torre de marfim?* *Torre de ferro?* Preciso preparar o discurso de Chicago, tomar notas para a charla de Philadelphia. *Burilar* o *speech* de Delaware, escrever um artiguete para *Americas*... Só de pensar nisso sinto tonturas.

Nos sábados e domingos fico invariavelmente melancólico. É o dia da incerteza também, o dia em que penso mais no Brasil. Durante a semana, passo dopado de trabalho.

Desta vez tenho tido muito mais convívio com gente latino-americana, principalmente com brasileiros. Dum modo geral levamos uma vida mais “social” do que na Califórnia. Quanto a mim, estou levando uma vida intelectualmente mais ativa.

Leituras? Reli *The Heart of the Matter*,¹⁵ terminei ontem um delicioso Simenon¹⁶, *The Enterrement de M. Bouvet*, e estou lendo *The Origins of Love and Hate*, de Suttie, um psicanalista inglês. Tenho uma pilha de outros livros na “agenda”. E leio invariavelmente o *Washington Post*, *The Nation*, *The New Republic*, *The New Yorker* e *Time*.

De vez em quando vejo TV. Aos domingos à noite há bons programas. Mas dum modo geral os shows são verdadeiramente cretinos.

Quando tiveres tempo, escreve. Tenho tido muito poucas cartas daí. O Mauricio até hoje me escreveu uma única carta. O Henrique costumava escrever com certa regularidade, mas faz mais

15 Obra de Graham Greene, publicada originalmente em 1948. É o retrato inesquecível de um homem – com defeitos, mas heroico, destruído e redimido por um terrível conflito de paixão e fé. Cf. <https://www.amazon.com/Heart-Matter-Penguin-Classics-Deluxe/dp/0142437999>

16 Georges Simenon.

dum mês que não dá sinal de vida. Quero ver se escrevo hoje ao Limeira¹⁷, respondendo à sua última carta.

Quando vires o Rasgado, dá-lhe um grande abraço.

Lembranças aos teus e abraça este mártir da causa da solidariedade interamericana (*my God!*).

Erico

P.S. A primeira coisa que um brasileiro perde aqui é a cedilha do c. O resto da desintegração vem fácil e espontâneo.

¹⁷ Consultar índice de citações.

ORGANIZATION OF AMERICAN STATES

ALBERTO LLERAS
Secretary General

[Logomarca OEA] WILLIAM MANGER
Assistant Secretary General

GENERAL SECRETARIAT
PAN AMERICAN UNION
Washington 6, D.C., U.S.A.
Department of Cultural Affairs
Érico Veríssimo, Director

13 de novembro de 1953

Amigo Caro:

Recebi tua carta e o artigo, que está sério, mas não fúnebre, e bastante bom.

Tivemos há uma semana a primeira nevasca, que caiu inesperadamente, contra todas as expectativas, inclusive a do *Weather Bureau*¹⁸. Que espetáculo! Mafalda ficou tão alvorotada que teve de tomar dois comprimidos de Bellergal. Nessa noite fomos ver *John Brown's Body*¹⁹. Um grande show. Pouco depois vimos *The Love of Four Colonels*²⁰, que achei delicioso, apesar de vários amigos aqui da União não haverem gostado *muito*. Acontece que quando um livro ou uma peça me diverte, eu perco todo o senso crítico. Lilli Palmer²¹ e o marido estão muito bem. Se um dia eu falar com ela, hei de me lembrar de teu recado.

43

18 *United States Weather Bureau* era o antigo nome do atual Serviço Nacional de Meteorologia dos Estados Unidos.

19 *John Brown's Body*, peça musical da Broadway, dirigida por Charles Laughton.

20 *The Love of Four Colonels*, peça da Broadway, de Peter Ustinov, dirigida por Rex Harrison.

21 Atriz de diversos filmes europeus e hollywoodianos. Seu marido na época era Rex Harrison.

O Quarteto de Budapest está dando concertos na Library of Congress, e de graça! Uma milionária paga esses *boys* para virem todos os outonos tocar no Coolidge Hall, salão que ela própria doou à Biblioteca. (Vai junto um calendário musical, para teres uma ideia do que temos aqui em Washington).

Passsei o *Armistice Day* no sótão da minha casa revisando o diálogo de *Ana Terra*. O trabalho está bom, bastante cinematográfico, com poucas falas e muitas oportunidades para grandes fotografias. Alterei alguma coisa, principalmente o diálogo do final. Confio em que o Celi²² possa fazer um bom filme.

Vai aqui a cópia dum discurso que fiz na Universidade de Delaware e que tem causado “alguma” sensação nos meios acadêmicos que tomaram conhecimento dele. O reitor da dita universidade me pediu licença para publicar essa “peça oratória” em separata. Lê e mostra-o para os amigos, porque me interessa que esses – os amigos – vejam, compreendam que não estou trabalhando para os americanos, dizendo amém a tudo que eles fazem. Pelo contrário, minhas conferências têm sido críticas e francas. A minha situação, olhada com má vontade ou com ignorância, pode parecer a um escritor brasileiro que alugou a sua pena a uma organização internacional a qual por sua vez está dominada pelo State Department. A verdade é que os Estados Unidos passam o diabo no conselho da OEA, onde não há direito de veto, e eles são minoria: um contra vinte.

O Mauricio já voltou?²³ Tenho lhe escrito muitas cartas, mas ele não responde.

Por acaso conheces o professor Herbert Dorn²⁴, especialista

22 Adolfo Celi, teatrólogo, também fez parte da Companhia Cinematográfica Vera Cruz. Na época, preparava-se um roteiro para a filmagem de *Ana Terra*, que não se realizou devido a falência da companhia.

23 Mauricio Rosenblatt foi responsável pelo setor editorial da Livraria do Globo. Erico se refere à volta de Mauricio do Rio de Janeiro, onde, de 1942 até 1953, viveu, trabalhando como diretor sucursal da Editora Globo.

24 Herbert Dorn era economista e lecionou na Universidade de Delaware.

em economia? É alemão (*Jewish*), de Berlim, e parece que no Segundo Reich teve posição de destaque no governo, como consultor econômico. É muito meu amigo. Foi ele quem organizou a *round table* perante a qual fiz o discurso há pouco mencionado.

Creio que já te contei das minhas últimas aquisições em matéria de disco.... Se já contei, perdoa a repetição. O sexteto em si bemol de Brahms. Os seis quartetos de Mozart dedicados a Haydn. Um concerto de corno (salvo seja!) e outro de piston, de Haydn. E música espanhola do tempo de Fernando e Isabela²⁵. Ótimos todos.

Ontem à noite nós rimos muito do Groucho Marx²⁶, que tem um programa intitulado *Two for the Money*²⁷. TV é uma coisa “contagiosa”. Se a gente não se cuida, acaba escravo do hábito de ver os seus shows... e cadê tempo para ler ou ouvir boa música?

Não sei se te contei que aqui em Washington mora a Clarice Lispector, a romancista.... É casada com o Maury G. Valente²⁸, da embaixada brasileira. Ela é nossa *patricia*. Ambas excelentes criaturas. De toda a colônia brasileira, são os nossos melhores amigos. E é comovente a paixão que ela tem pela Mafalda e a Mafalda por ela.

Segunda tenho outro banquete. Homenagem ao ministro do exterior da Colômbia. Ontem fui à inauguração da exposição de pintura de artistas panamenhos. Não posso faltar a essas solenidades porque é o meu Departamento que as patrocina. Andei quebrando o corpo para não me encontrar com umas americanas chatas (velhotas), donas Dodós²⁹ washingtonianas. Mas havia muita

45

25 Trata-se do período do século XV, em que a Espanha foi governada pelos Reis Católicos Fernando II (1452- 1516) e Isabel.

26 Groucho Marx foi um ator e comediante, integrante dos Irmãos Marx.

27 Erico citou erroneamente o show de Groucho Marx, que se chamava *You Bet Your Life* e deu origem a *Two for the Money*.

28 Consulte o índice de citações.

29 Alusão a sua personagem benemerente e fútil, Dodó Leiria, de *Caminhos Cruzados*.

comida, muita bebida, muita animação. Não toquei em nada. Nem nos sanduíches nem nas mulheres. Fiz ato de presença. Apertei a mão do embaixador do Panamá e outras mãos diplomáticas e depois sub-repticiamente (andava em busca duma oportunidade para usar esta palavra) me esgueirei para fora. Tomei um táxi e fui comer o bife com moganga e lasanha que a Mafalda me havia preparado.

Hoje à noite vamos ver *The Bad Angel*,³⁰ o *play* em que Clarissa toma parte como extra.

Amanhã pretendo subir para a mansarda e trabalhar no último capítulo de *Noite*.

Isto aqui é bom, amigo Caro, apesar da falta de graça e de imprevisto dos americanos. A cidade é calma, bonita, limpa e tem tudo. E não tem demais, como New York, o que deixa a gente meio aflito. Já estamos completamente habituados. A família nem quer ouvir falar em voltar.... Mas sei que não posso, não devo ficar mais de dois anos.

46 Continuo sentindo saudade de nosso cafezinho. Em outubro estarei por aí, por ocasião duma conferência que vamos ter em São Paulo.

Como vai tua gente? Dona Nina? Tua sogra? Minhas lembranças!

Bom. Vou fazer ponto.

Um grande e saudoso abraço do

Erico

Merry Christmas! [em manuscrito na margem superior direita]

30 *The Bad Angel*, peça teatral encenada pelo grupo a que Clarissa Verissimo pertencia em Washington, D.C. Em 2018 foi lançado um filme com o mesmo título, escrito e dirigido por Austin Sheeley.

Cf. <https://www.imdb.com/title/tt7672852/>

W. 15 de Dez. 1953

Merry Christmas!

Amigo Caro: Hoje foi um dia tão terrível na União, que tive vontade de rolar no chão e soltar urros e exclamações nas três, isto é, nas quatro línguas oficiais da Organização. Não sei aonde vou parar com tanto serviço e principalmente com tantos problemas. São problemas em vários níveis diferentes e de diversa natureza. O basket está ~~uma~~ entulhado de correspondência para despachar. Chegou do México o nosso secretário e com ele um memorando do Comitê de Ação Cultural que me deu vontade de mandar o chairman do dito cujo a p. que o p. - e tu sabes que não sou muito dizedor de nomes feios, embora minhas personagens às vezes sejam. Ao almoço tive um director da Association for the Advancement of Science e naturalmente tive de levar a conversa para o lado dos assuntos que o interessavam. Quando voltei ao escritório me esperava um diplomata Filipino que queria conhecer o Departamento. Pela manhã falei para um grupo de estudantes da American University sobre a UPA e em seguida fui ver o Secretário Geral para discutir com ele os problemas do famigerado comitê do México. Tenho de preparar uma conversa para a Voz da América, tratar da minha viagem ao Oeste... E a todas essas a correspondência se acumulando no cesto... Um inferno! Só não sei por que e estou te contando estas coisas desinteressantes.

Fiquei surpreendido com a demora da minha última carta. Quanto tempo levará esta para te chegar às mãos? Recebi a tua e o último artigo, que está excelente, um dos melhores. Creio que descobriste um vein de ouro. Debaixo daquele título despretencioso, cabe um mundo. Continua mandando os recortes. Toda a família os lê com muito interesse.

Não tenho comprado discos porque a conta bancária da família atingiu o seu lowest of all times. Meu Chevrolet já está funcionando. Eu andava com medo de fazer o test para conseguir a carteira, mas um dia decidi go or bust e lá me fui. Entrei no departamento de trafego, peguei um numero e quinze minutos depois tinha a carteira na mão.

São sete da noite. Mafalda está preparando o jantar para os filhos. Ela e eu vamos ao restaurante El Tero comer na companhia do casal Valente (A sra. Valente é, como creio, já te haver contado, a Ularice Lispector.)

Tornamos a ver e ouvir a simpaticíssima Família Frapp, no Constitution Hall. A mesma gente, só que agora acrescentada de dois amigos, uma soprano e um tenor. Na semana três semanas vimos a Katherine Cornell em The Prescott Proposals. Peça boa até certo ponto, um pouco de propaganda política

é ingênua maneira americana, que simplifica tanto os russos ou, melhor, os comunistas e seus propósitos, motivos e ações. Dentro de alguns dias iremos ver Judith Anderson numa peça nova e o Cab Calloway em Porgy and Bess.

O frio está aumentando. Hoje a temperatura está abaixo de zero. Mas não venta e o céu está limpo. É muito mais fácil aguentar o inverno aqui do que aí.

Leste o último discurso de Stevenson? Magnífico. Esse homem é a minha esperança para este país. Um líder da fibra, da estatura do Roosevelt.

Antes que me esqueça: não quero que se publique o KNOW YOUR NEIGHBOR. Foi um speech feito especialmente para o público americano. Traduzido não tem muito sentido. O de Delaware, sim, pode ser publicado. É um artigo em português que mandei ao Maurício - TORRE DE MARFIM E TORRE DE FERRO.

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

Muito te agradeço ^{por} os livros que me mandaste e ^{por} te haveres lembrado dia de meu aniversário. Com um certo arrependimento, "realizo" que vou entrar dentro de dois dias nos US. Como foi que isso aconteceu? - pergunto às vezes ao espelho. Enfim...

48 Tenho tentado escrever alguma coisa para mim, mas é inútil. Volto moído para casa, e em geral bocejando e pensando na cama. Às vezes fico cretinamente olhando os programas de televisão. É uma coisa passiva, fácil... Na maioria dos casos me estendo no sofá do living e ouço boa música. Antes da meia-noite estou dormindo.

Pelo primeiro portador te mandarei um disco. Gostas do Mauré? Que é que tens de mais? Melhor ainda: escolhe no catálogo que te mandei alguma coisa que desejes ter. Escolhe mais de uma, para o caso de não se encontrar o que queres. Manda a tua escolha na próxima carta. Os portadores às vezes aparecem.

Como vai essa cidade? E os amigos? Tens visto o Raagado? Um abraço para ele.

Lembra-me aos teus e abraça o amigo de sempre

Bordini

Depois de Ananka vou ouvir o Quarteto de Budapest na Library of Congress. Duas entradas a "leite de pato"

Washington, 15 de dezembro de 1953

Amigo Caro:

Hoje foi um dia tão terrível na União, que tive vontade de rolar no chão e soltar urros e exclamações nas três, isto é, nas quatro línguas oficiais da Organização. Não sei aonde vou parar com tanto serviço e principalmente com tantos problemas. São problemas em vários níveis diferentes e de diversa natureza. O basket está entulhado de correspondência para despachar. Chegou do México o nosso secretário e com ele um memorando do Comitê de Ação Cultural que me deu vontade de mandar o chairman do dito cujo à p. que o p. – e tu sabes que não sou muito dizedor de nomes feios, embora minhas personagens às vezes sejam. Ao almoço tive um diretor da Association for the Advancement of Science e naturalmente tive de levar a conversa para o lado dos assuntos que o interessavam. Quando voltei ao escritório me esperava um diplomata filipino que queria conhecer o Departamento. Pela manhã falei para um grupo de estudantes da American University sobre a UPA e fui ver o Secretário Geral para discutir com ele os problemas do famigerado comitê do México. Tenho de preparar uma conversa para a *Voz da América*³¹, tratar da minha viagem ao Oeste... E a todas essas a correspondência

49

31 A *Voice of America* (em português, *Voz da América*) ou VOA é o serviço oficial de radiodifusão internacional financiado pelo Governo Federal dos Estados Unidos e autorizado a operar exclusivamente fora de território americano. É retransmitida em mais de 44 idiomas (via rádio) e 24 idiomas (via televisão) por várias estações ao redor do mundo e está sob supervisão do International Broadcasting Bureau, uma instituição vinculada ao presidente dos Estados Unidos e que teoricamente garantiria a isenção da VOA perante a política externa norte-americana. A Voz da América tem seus escritórios localizados na 330 Independence Avenue SW, em Washington DC, 20237, nos Estados Unidos. In: https://pt.wikipedia.org/wiki/Voz_da_Am%C3%A9rica

se acumulando no cesto... Um inferno! Só não sei por que estou te contando estas coisas desinteressantes.

Fiquei surpreendido com a demora da minha última carta. Quanto tempo levará esta para te chegar às mãos? Recebi a tua e o último artigo, que está excelente, um dos melhores. Creio que descobriste um veio de ouro. Debaixo daquele título desprezioso, cabe um mundo. Continua mandando os recortes. Toda a família os lê com muito interesse.

Não tenho comprado discos porque a conta bancária da família atingiu o seu lowest of all times. Meu Chevrolet já está funcionando. Eu andava com medo de fazer o test para conseguir a carteira, mas um dia decidi go or bust, e lá me fui. Entrei no departamento de tráfego, peguei um número e quinze minutos depois tinha a carteira na mão.

São sete da noite. Mafalda está preparando o jantar para os filhos. Ela e eu vamos ao restaurante El Toro comer na companhia do casal Valente (a sra. Valente é, como creio já te haver contado, a Clarice Lispector).

50

Tornamos a ver e ouvir a simpaticíssima Família Trapp³², no Constitution Hall. A mesma gente, só que agora aumentada de dois amigos, um soprano e um tenor. Há umas três semanas vimos a

³² Von Trapp é o nome da família de cantores austríacos, cuja história, contada em livro por Maria von Trapp, inspirou o filme *The Sound of Music*. Maria, ex-noviça de um convento, casa-se com o Comandante Naval Georg von Trapp em 1927. Em 1935, ele perde sua fortuna com a falência do seu banco austríaco. A família começa a cantar profissionalmente para manter-se. Após participarem com sucesso num festival de música, passam a cantar em turnês pelo país. Quando a Áustria é anexada pela Alemanha nazista em 1938, fogem pelos Alpes para a Itália e de lá para os Estados Unidos. Intitulando-se Cantores da Família Trapp, os von Trapp se apresentaram durante a guerra em concertos nos Estados Unidos e depois pelo mundo.

Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Fam%C3%ADlia_von_Trapp

Katherinne Cornell em *The Prescott Proposals*³³. Peça boa até certo ponto, um pouco de propaganda política à ingênua maneira americana, que simplifica tanto os russos ou, melhor, os comunistas e seus propósitos, motivos e ações. Dentro de alguns dias iremos ver Judith Anderson numa peça nova e o Cab Calloway em *Porgy and Bess*³⁴.

O frio está aumentando. Hoje a temperatura está abaixo de zero. Mas não venta e o céu está limpo. É muito mais fácil aguentar o inverno aqui do que aí.

Leste o último discurso de Stevenson³⁵? Magnífico. Esse homem é a minha esperança para este país. Um líder de fibra, da estatura do Roosevelt.

33 Katharine Cornell (1893-1974) nasceu em Berlim e criou-se em Nova York. Foi atriz de teatro, escritora, proprietária de um teatro e produtora. Foi a primeira atriz a receber o Drama League Award, por *Romeu e Julieta* em 1935. Tornou-se conhecida por seus grandes papéis na Broadway em dramas sérios, muitas vezes dirigidos por seu marido Guthrie McClintic. O casal formou a companhia C. & M.C. Productions, Inc., que lhes deu plena liberdade para escolher e produzir peças teatrais e que contou com alguns dos mais notáveis atores do século XX, incluindo atores ingleses shakespearianos. Em 1953, Cornell atuou em *The Prescott Proposals*, sobre um Delegado dos Estados Unidos nas Nações Unidas. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Katharine_Cornell.

34 *Porgy and Bess* é uma ópera em inglês de George Gershwin, com libretto de DuBose Heyward e Ira Gershwin. Foi adaptada da peça *Porgy* de Dorothy Heyward e DuBose Heyward, esta uma adaptação do romance de DuBose Heyward de 1925. Depois de um tour pela Europa, financiado pelo Departamento de Estado norte-americano, a produção foi para o Ziegfeld Theatre, da Broadway, em março de 1953. O elenco original dessa produção apresentava Leontyne Price como Bess, William Warfield como Porgy, e Cab Calloway como Sportin Life, papel composto por Gershwin para ele. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Porgy_and_Bess

35 Adlai Ewing Stevenson II (1900-1965), político estadunidense, filiado ao Partido Democrata, foi duas vezes candidato à presidência em 1952 e 1956, sendo derrotado em ambas por Dwight D. Eisenhower. Foi ainda embaixador dos Estados Unidos nas Nações Unidas (1961-1965). Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Adlai_Stevenson_II

Antes que me esqueça: não quero que se publique o *Know Your Neighbor*. Foi um speech feito especialmente para o público americano. Traduzido não tem muito sentido. O de Delaware, sim, pode ser publicado. E um artigo em português que mandei ao Maurício – *Torre de marfim e torre de ferro*.

Muito te agradeço pelos livros que me mandaste e por te haveres lembrado do dia de meu aniversário³⁶. Com um certo ar-repio, “realizo” que vou entrar dentro de dois dias nos 48. Como foi que isso aconteceu? – pergunto às vezes ao espelho. Enfim...

Tenho tentado escrever alguma coisa para mim, mas é inútil. Volto moído para casa, e em geral bocejando e pensando na cama. Às vezes fico cretinamente olhando os programas de televisão. É uma coisa passiva, fácil... na maioria dos casos me estendo no sofá do living e ouço boa música. Antes da meia-noite estou dormindo.

52 Pelo primeiro portador te mandarei um disco. Gostas do Fauré³⁷? Que é que tens dele? Melhor ainda: escolhe no catálogo que te mandei alguma coisa que desejes ter. Escolhe mais de uma, para o caso de não se encontrar o que queres. Manda a tua escolha na próxima carta. Os portadores às vezes aparecem.

Como vai essa cidade? E os amigos? Tens visto o Rasgado? Um abração para ele.

Lembra-me aos teus e abraça o amigo de sempre

Erico

36 A data de nascimento de Erico Verissimo é 17 de dezembro de 1905.

37 Gabriel Fauré, cujo nome completo é Gabriel-Urbain Fauré (1845-1924), foi um compositor cuja música refinada e suave influenciou o rumo da música de câmara francesa moderna. Entre suas poucas obras escritas apenas para orquestra está *Masques et bergamasques* (1919). A *Messe de Requiem*, para vozes solo, coro, orquestra e órgão (1887), tornou-se um dos trabalhos mais executados de Fauré. Cf. <https://www.britannica.com/biography/Gabriel-Faure>

P.S.: Depois d’amanhã vou ouvir o Quarteto de Budapest³⁸ na Library of Congress³⁹. Duas entradas à “leite de pato”⁴⁰.

38 O Quarteto de Cordas de Budapest existiu de 1917 a 1967. Originalmente, consistia de três húngaros e um holandês, terminando com quatro russos. De 1940 até 1967 gravou para a Columbia Records. Várias das apresentações ao vivo foram gravadas na Biblioteca do Congresso e outros locais. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Budapest_String_Quartet

39 Biblioteca do Congresso, a instituição de pesquisa oficial dos Estados Unidos, reúne milhões de obras em mais de 400 línguas.

40 Ditado goiano-tocantinense, significando sem custo ou sem esforço. In: DM Opinião. <DM.com.br>

Washington, 6 de abril de 1954

Prezado amigo Caro:

Cá estou de volta, bronzeadado pelo sol da Venezuela, e assim com cara do *chargé d'affaires*⁴¹ da embaixada do Paquistão. Impossível resumir o que me tem acontecido nestes três primeiros meses de 1954, em que não tenho parado em ramo verde. Primeiro, como já te contei, foram as visitas às universidades do Oeste, as conferências; depois duas semanas agitadas em Washington, preparando a viagem a Caracas; depois a viagem, que foi ótima, num vapor da *Grace Line*, cheio de turistas, a maioria dos quais eram nossos patrícios, classe média do Brooklyn e arredores. Fizemos escala em Curaçao, ilha interessantíssima em que se fala o “papiamento”, mistura de caribe, espanhol, inglês e holandês. Muita loja (na sua maioria de filhos de Israel, muitos com nomes portugueses) onde se vendem perfumes, bebidas e joias, tudo a preço baixo, pois Curaçao é porto livre. O vapor, por assim dizer, entra por uma das ruas, mercê duma ponte que se afasta no momento oportuno. A cidade é limpa, as casas de tipo holandês, pintadas em cores vivas. Nas ruas, muitos negros e mestiços e naturalmente as holandesas enormes como cavalos normandos, e os holandeses de calções brancos e curtos, seus cachimbos e a sua pele cor de queijo. Meu companheiro de viagem foi o dr. David Heft⁴², diretor da minha Seção de Intercâmbio Educacional, um sujeito excelente, com grande *sense of humor*, e muito meu amigo. Divertimo-nos todo o tempo, dando grandes risadas quando descobríamos nomes de judeus na fachada das lojas. (O David é legítimo patrício do Brooklyn).

41 Encarregado de Assuntos Estrangeiros.

42 Consulte o índice de citações.

A viagem terminou no porto de La Guaira. A gente chega e vê, a poucas centenas de metros da praia, um paredão imenso, uma verde montanha de mais de dois mil metros de altura. Do outro lado da montanha, a mais de 900 metros, fica Caracas. Subimos de auto por uma autopista moderníssima, que, em quinze minutos, através de túneis, nos atirou na velha Caracas, de ruas tão estreitas que mal dão lugar a dois automóveis. Depois passamos para a cidade moderna, imitação dos Estados Unidos e finalmente chegamos ao Tamanaco (de que vão aqui duas fotografias para teres uma ideia). É um hotel fabuloso, cuja diária mais barata é de 12 dólares, sem comida. A vida de Caracas é mais cara do que a de qualquer outra cidade do mundo. Um prato de salada verde com duas lascas de queijo: três dólares. Um breakfast que me custa 60 centavos aqui me custava no Tamanaco U\$2.50. Venezuela não tem agricultura nem indústria. Importa leite em pó dos Estados Unidos. Os salários são altíssimos. Há em tudo um ar de atividade e prosperidade estonteantes. Estão demolindo a parte espanhola e antiga da cidade para construir alguns monstros pseudomodernos. As ruas não têm nome, só as esquinas. O dinheiro, isto é, a moeda metálica não traz claro o seu valor: a gente tem de conhecer pelo tamanho ou pela figura. O espanhol que falam é horrendo. Comem as vogais, aspiram o S e o Z como o H. O governo é uma ditadura militar repulsiva⁴³. O presidente fez o discurso inaugural da Conferência cercado de soldados com metralhadoras. A Cidade Universitária, moderníssima em suas linhas, mas, na minha opinião, muito feia, foi o centro da Conferência. Secretas por todos os cantos. Era necessário um passe especial para entrar no campus.

Portei-me muito mal. Recusei os convites oficiais e não quis entrar na fila para apertar a mão do gordinho Cel. Jiménez. Dei umas entrevistas irritadas, inclusive uma para a *Voz da América* em que

43 A Venezuela, no período de 1952 a 1958, foi governada via golpe de estado por Marcos Pérez Jiménez (1914-2001).

disse que havia gostado do discurso do representante da Guatemala, pois me parecia que devíamos manter o direito ao diálogo na família Americana. Disse mais que a declaração contra o comunismo me havia decepcionado, pois me parecia hipocrisia usar uma medida para julgar as nações da “cortina de ferro” e outra para as americanas.

Quanto à Conferência, muita besteira, muito discurso vazio. Perdi todo o respeito por esses embaixadores e delegados. Sempre que havia conflito de opiniões no setor cultural, o presidente⁴⁴ me pedia para resolver o problema num pequeno grupo de trabalho, que era composto do dr. Nannetti⁴⁵, meu Diretor da Divisão de Educação e do escritor mexicano Ermillo Abreu Gomez⁴⁶, que também trabalha no meu departamento. Nós nos reuníamos numa sala fechada e, ao som de coca-colas e piadas, reduzíamos os papers dos embaixadores à expressão mais simples, a fatos... e fatos que correspondessem aos nossos interesses, porque afinal de contas, no setor cultural, nós no Departamento é que teríamos de levar a cabo as resoluções que a Conferência aprovasse. Assim, meu amigo, a Declaração Cultural de Caracas e muitas outras resoluções saíram com redação nossa.

56 Um dia, depois de termos resolvido com grande diplomacia uma pendência entre México e Cuba, que brigaram numa sessão, muito contente da vida eu voltei à reunião da comissão para ver o que se estava passando, e na ilusão de que meu trabalho havia terminado.

44 Erico se refere a Carlos Gregorio Dávila Espinoza (1887-1955), político chileno, jornalista e presidente da Junta de Governo do Chile em 1932, foi o secretário geral da Organização dos Estados Americanos de 1954 até sua morte em 1955. In: https://en.wikipedia.org/wiki/Carlos_D%C3%A1vila

45 Consulte o índice de citações.

46 Ermillo Abreu Gómez (1894-1971), escritor mexicano, jornalista e conferencista, destacou-se na poesia (*Canek*), na novela (*La del alba seria*), no teatro (*Romance de Reyes*, *Un juego de escárnio*, *Un loro y três gondolrinas*), na crítica literária (*Clásicos, românticos y modernos*, *Sala de retratos*) e no ensaio (*Diálogo del buen decir y otros ensayos*). In: https://en.wikipedia.org/wiki/Ermilo_Abreu_G%C3%B3mez

Encontrei lá um novo conflito de opinião entre a Bolívia, o Brasil e o México. E o presidente me olhou, me chamou e disse: “Vá tomando as suas notas, porque vocês é que tem de resolver este problema”. E assim reunimos a trinca e de novo em dois dias de trabalho apaziguamos os meninos e fizemos passar uma ponencia com um plano para acabar com o analfabetismo nas Américas.

Na sessão plenária que aprovou definitivamente todos esses *papers*, ganhei, com o Nannetti, um voto de louvor pelo nosso trabalho no setor cultural.

A Delegação do Brasil era boa e numerosa. Sei que cada membro ganhou para a conferência, 5.000 dólares.

Era muito engraçado a política que se fazia nos bastidores. Eu mesmo mais de uma vez convidei um delegado para almoçar ou tomar breakfast e “cantá-lo”, afim de que ele endossasse uma proposta nossa. Fomos sempre bem-sucedidos. E a razão é simples. Os delegados nada sabem. O que querem é fazer figura bonita. Se pertencem a um país ditatorial, querem chegar em casa e contar ao “chefão” que suas sugestões foram aprovadas.

Bom. Basta de Caracas.

Tenho para ti, há meses, um disco maravilhoso. É um (trio) divertimento de Mozart para violino, viola e cello, excelente gravação. Ia mandar pela profa. Nicolaevsky, mas finalmente ela não apareceu.

Muito obrigado pelo disco do Cosme. Vou te mandar o que pediste em tua carta.

Estou agora tentando comprar o *Cravo bem temperado*, na magnífica interpretação da Landowska.⁴⁷

Tenho me deliciado com os Balcões. Estão ótimos. Continua mandando. Toda a família os lê.

47 Wanda Landowska (1879-1959) foi uma musicista, musicóloga e cravista polonesa, cujas apresentações, ensino, gravações e escritos desempenharam um papel importante no reavivamento do instrumento no início do século XX. Foi a primeira a gravar ao cravo (1931) as *Variações Goldberg* de Bach. In: https://pt.wikipedia.org/wiki/Wanda_Landowska

Não li ainda *Les Enfants Jeronime*⁴⁸[sic]. Trabalhei a bordo no final na *Noite*, que está pronta. Acho um livro muito importante na minha respeitável (em número) bagagem.

Mauricio ainda não me escreveu. Sei que saiu da Globo por carta tua e do Henrique. Estou ansioso por saber como se sente, que pretende fazer, etc.

Entrega a ele o cartão que aqui vai junto.

Mostra esta carta ao Rasgado e dá-lhe um grande abraço.

Vou te mandar o catálogo de discos. Ainda não tive tempo de passar na Record Shop de que sou freguês. Penso ir hoje.

Mandarei também, via marítima, uns recortes sobre a tradução alemã de *O Tempo e o Vento*. Passa os olhos, se quiseres e tiveres tempo, e depois passa-os ao Acauã, para que ele mande arquivá-los.

58 Minha vida se tem complicado muito. Há muita coisa que eu gostaria de fazer, mas simplesmente não há tempo. Encontrei uma montanha de correspondência, não só do departamento como também particular. Umas cento e tantas cartas. Não sei quando liquidarei isso. Tive uma conferência na Univ. de George Washington sábado passado. Recusei um convite para ir a New York dia 15. Mas vou dia 11 ao State College, Pennsylvania. Falo aqui dia 9 deste e 17 do próximo. Em fins de maio irei a um *college* dos arredores de Philadelphia. Telefonemas a toda a hora com convites. Um inferno. Chega a ser cômico. Para um sujeito meio “parado” como eu, mais para o lado do iogue que do comissário, é too much. Em todo caso isto é melhor do que a pasmaceira inútil e estéril em que eu vivia aí em Porto Alegre.

48 *Les Enfants Jérôme* é um romance de aprendizagem em dois volumes escrito por Ernst Wiechert, a primeira parte em 1940/1941. Vigiado pelos nazistas, Weichert enterrou o manuscrito, junto com o de *Bois des Morts* no seu jardim em Wolfratshausen. Os dois volumes foram publicados em 1945 e 1947 em Munique. Cf. https://fr.wikipedia.org/wiki/Les_Enfants_J%C3%A9romine

Sinto falta dos amigos, do nosso cafezinho, do pôr do sol de Porto Alegre, da minha casa..., mas devo confessar que já gosto de Washington, deste escritório, da casa do McDermott⁴⁹.

Bom. Vou fazer ponto. Recebe, com tua senhora, o abraço muito saudoso do

Erico

⁴⁹ Consulte o índice de citações.

30
Washington, 12 de abril de 1954

Amigo Caro recebi ontem duas cartas com as duas talcoãs. Achei muito interessante o que não foi publicado e, para falar com franqueza, foi muito bom que o Correlô tivesse o cuidado de desacomodar as reproduções, as arranjar muitas iniciais e algumas cores de estampa. Quanto aos papercas, não tenho ainda uma opinião formada, acho que é uma oportunidade de divulgar o livro, tirando-as das mãos do livro pelo livro, parece-me uma pena reduzir um objeto tão bonito à expressão dum pocket book que se desmancha (é assim que se con joga este verbo?) facilmente. A verdade é que muito livro que deixei de comprar na edição original de 4 dólares ou 3,50 vieram depois para a minha estante na versão de capa mole. Talvez o futuro desta problemática e misteriosa mercadoria esteja nas mãos pelos opostos: livro de luz para os poucos felizes e o livro popular. Não know?

Tomei nota do que dizas sobre o trio de Mozart. Mandarei um ou dois Rascovskys pelo primeiro portador. Ultimamente adquirei um disco do Zabala, com austerias clássicas dum lado e música moderna do outro. Um prazer de execução límbica e de gravação idem. Ocuprei também 12 concertos de Vivaldi - "L'Extravaganza". 3 dias de concerto enriquecer minha discoteca de música de câmara com as sonatas de Bach para violino e clavicórdio, flauta e clavicórdio e cello e clavicórdio.

Tivemos ontem um esplêndido concerto aqui na União, promovido pelo meu Departamento e regido pelo maestro Espingola, diretor da nossa seção de música. Um concerto grosso de Handel, ao que o choro trilha de princípio a flauta sinfonia pouco tocada há mearta (a n-25) bastante interessante. Há concertos para piano e orquestra de câmara de Piaten. Um ballet dum compositor mexicano e uma suite para cordas (em gírfica) dum jovem argentino. A orquestra, trinta e poucas figuras, é uma redução da sinfonia de Washington. (The National)

Hoje em carta ao Maurício contei-lhe que minha filha ^{de facto pelo filho} está se jurando muito com a de facto Alcega. Foi tirado da casa ^{de facto} e ela veio em pranto que se podia fosse imediatamente à casa dela. Foi, já com a direção perturbada. Entrou para o seu carro e se pediu que tocasse. Levou dez minutos para poder falar e entre soluços me contou sua triste história de amor. E passou o resto da noite a chegar no meu ouvido. Procurei consolá-la como pude, o que foi difícil, pois a criatura é feia e, não que me conta, o homem não está interessado nela. A vítima é jornalista, jornalista em livro publicado, e atualmente chama-se Levidis de volta para casa por volta das onze, mais consolada. Eu tinha prometido levar minha mulher para ver o Dany há aquela noite. Quando se despedi dela, cheio de desculpas, a "afalada me disse: "Quê é que se vai fazer? Casei com um cético de alma..."

Estive com o dr. Eisenhower no State College. Não sei se já te contei isto... É um homem muito simpático. Há dois dias conheci pessoalmente o Nixon, vice-presidente. Ter o nariz do Bob Hope e uma quelhada leprosiana.

O trabalho continua no mesmo ritmo. Não se trata de ter mais ou menos auxiliares. São coisas que eu mesmo tenho de fazer.

Termino ~~o trabalho~~ NOTIC, que me parece ficou muito bem com o final que lhe dei. Não acredito que se ja "o teu gênero", mas é um gênero, e estou satisfeito por ter trabalhado um pouco. Procurei dizer algumas coisas (em termos de arte, naturalmente) plantear alguns problemas da alta humana.

Há mais notícias tuas e dessa terra. Não sei nada da briga do filho do Cuvello com o Lacerda. Que se conta da próxima eleição?

A primavera continua desafortunadamente límbica. Como europeu deves conhecer este tipo de abril, com os arvores explodindo em flores por todos os lados.

Segunda-feira vou entrar para o hospital da Georgetown University. Com o pedido de trocailho, quero fazer um check up para evitar um check out prematuro. Vais visto o mas, joo? Um abraço para ele.

Não sei se te contei na Hena Sinfonia que ouvi há poucos dias, sou. Muito boa, apesar dos solistas medíocres. Foi no Constitution Hall. ^{em a Symphonie Haydn} Su vires o machado Yillo pergunta se ele recebeu uma carta que me enviou há quase dois meses. - Lembra-me aos teus e abraça o velho amigo *Bras*

Washington, 20 de abril de 1954

Amigo Caro:

Recebi ontem tuas duas cartas com os dois Balcões. Achei muito interessante o que não foi publicado e, para falar com franqueza, foi muito bom que o *Correio*⁵⁰ tivesse o cuidado de desaconselhar sua reprodução. Ias arranjar muitos inimigos e algumas dores de cabeça. Quanto aos paperbacks, não tenho ainda uma opinião firmada. Acho que é uma oportunidade de divulgar o livro, barateando-o. Mas como amigo do livro pelo livro, parece-me uma pena reduzir um objeto tão bonito à expressão dum pocket book que se dismilingue (é assim que se conjuga este verbo?) facilmente. A verdade é que muito livro que deixei de comprar na edição original de 4 dólares ou 3,50 vieram depois para a minha estante na versão de capa mole. Talvez o futuro dessa problemática e misteriosa mercadoria esteja em dois polos opostos: o livro de luxo para os poucos felizes e o livro popular. Who knows?

61

Tomei nota do que dizes sobre o trio de Mozart. Mandarei um ou dois Razumovsky⁵¹ pelo primeiro portador. Ultimamente adquiri um disco do Zabaleta⁵², com música clássica dum lado e música moderna do outro. Um primor de execução limpa e de gravação idem.

50 Trata-se do jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre.

51 O Príncipe Razumovsky foi um embaixador russo em Viena, grande patrono das artes, que encomendou três Quartetos de Cordas a Beethoven, hoje conhecidos como os Razumovsky Quartets, Opus 59. Cf. www.classicfm.com/composers/beethoven/guides/prince-razumovsky/

52 Nicanor Zabaleta (1907-1993) foi um virtuoso da harpa espanhol. Zabaleta interpretou sobretudo música do século XVIII, mas também música antiga e moderna. Entre os que compuseram para ele, encontram-se Alberto Ginastera, Darius Milhaud, Heitor Villa-Lobos, Walter Piston, Ernst Krenek e Joaquin Rodrigo. Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Nicanor_Zabaleta

Comprei também 12 concertos de Vivaldi – *La Stravaganza*.⁵³ 3 discos. Quero enriquecer minha discoteca de música de câmara com as sonatas de Bach para violino e clavicórdio, flauta e clavicórdio e cello e clavicórdio.

Tivemos ontem um esplêndido concerto aqui na União, promovido pelo meu departamento e regido pelo maestro Espinosa, diretor da nossa seção de música.⁵⁴ Um concerto grosso de Handel⁵⁵, em que o oboé brilha do princípio ao fim. Uma sinfonia pouco tocada do Mozart (a n.25)⁵⁶ bastante interessante. Um concertinho para piano e orquestra de câmara, de Piston⁵⁷. Um ballet dum compositor mexicano e uma suíte para cordas (magnífica) dum jovem argentino.

53 *La Stravaganza*, Op. 4, é um conjunto de concertos de Antonio Vivaldi de 1712-1713. Foi publicado pela primeira vez em 1716 em Amsterdam, dedicado ao nobre veneziano Victor Delfin, aluno de violino de Vivaldi. Todos os concertos têm partituras para violino solo, cordas e baixo contínuo. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/La_stravaganza

62 54 Guillermo Espinosa (1905-1990), maestro colombiano, diretor da Divisão de Música da UPA. Estudou com Felix Von Weingartner na Alemanha. Criou os Festivais Interamericanos de Música em Washington, D.C, em 1958. Cf. <http://www.anba.org.ar/academico/espinosa-guillermo/>

55 O Concerto para Oboé No. 2 em Si Bemol maior (HWV 302a) foi composto por Georg Friedrich Händel para oboé, orquestra e baixo contínuo. É também conhecido como *Concerto Grosso No. 9*. Foi publicado pela primeira vez no quarto volume de Select Harmony por Walsh em 1740. Cf. [https://en.wikipedia.org/wiki/Oboe_Concerto_No._2_\(Handel\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Oboe_Concerto_No._2_(Handel))

56 *A Sinfonia No. 25 em Sol Menor, K. 183/173dB*, foi escrita por Wolfgang Amadeus Mozart aos 17 anos em 1773, depois do sucesso de sua ópera séria *Lucio Silla*. Seu primeiro movimento ficou célebre como abertura do filme de Miloš Forman, *Amadeus*. Essa é uma das duas sinfonias que Mozart compôs em Sol menor, às vezes citada como “a pequena sinfonia em Sol menor”. Cf. [https://en.wikipedia.org/wiki/Symphony_No._25_\(Mozart\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Symphony_No._25_(Mozart))

57 Walter Hamor Piston Jr. (1894-1976) foi um compositor americano de música clássica, teórico musical e professor de música na Harvard University. Erice se refere ao Concertino para Piano e Orquestra de Câmara (1937). Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Walter_Piston

A orquestra, trinta e poucas figuras, é uma redução da sinfônica de Washington. (The National⁵⁸).

Hoje em carta ao Mauricio contei-lhe que minha vida aqui em alguns pontos está se parecendo muito com a de Porto Alegre. Fui tirado da mesa de jantar pelo telefone. Uma amiga em pranto me pedia que fosse imediatamente à casa dela. Fui, já com a digestão perturbada. Entrou para o meu carro e me pediu que tocasse. Levou dez minutos para poder falar e entre soluços me contou sua triste história de amor. E passou o resto da noite a chorar no meu ombro. Procurei consolá-la como pude, o que foi difícil, pois a criatura é feia e, pelo que me contou, o homem não está interessado nela. A vítima é jornalista, novelista sem livro publicado, e atualmente chômeuse⁵⁹. Levei-a de volta para casa por volta das onze, mais consolada. Eu tinha prometido levar minha mulher para ver o Danny Kaye⁶⁰ aquela noite. Quando me despedi dela, cheio de desculpas, a Mafalda me disse: “Que é que se vai fazer? Casei com um médico de almas...”

58 A National Symphony Orchestra (NSO), fundada em 1931, é uma orquestra sinfônica americana, sediada no John F. Kennedy Center for the Performing Arts, em Washington D.C. A NSO participa regularmente de eventos de importância nacional e internacional, incluindo performances para cerimônias oficiais, inaugurações presidenciais e celebrações de feriados nacionais. Conta com 100 músicos permanentes, apresentando uma temporada de 52 semanas de aproximadamente 175 concertos por ano, que abrangem séries de música clássica, concertos pop e programas educacionais. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/National_Symphony_Orchestra

59 Desempregada.

60 Danny Kaye (1911-1987) foi um ator americano, cantor e dançarino, comediante, músico e filantropo. Kaye estrelou 17 filmes, principalmente *Wonder Man* (1945), *The Kid from Brooklyn* (1946), *The Secret Life of Walter Mitty* (1947), *The Inspector General* (1949), *Hans Christian Andersen* (1952), *White Christmas* (1954), and *The Court Jester*(1956). Cf. <https://en.wikipedia.org/wiki/DannyKaye>

Estive com o dr. Eisenhower no State College⁶¹. Não sei se já te contei isto... é um homem muito simpático. Há dois dias conheci pessoalmente o Nixon,⁶² vice-presidente. Tem o nariz do Bob Hope⁶³ e uma queixada lombrosiana⁶⁴.

61 Erico se refere a Milton Stover Eisenhower (1899-1985), irmão mais moço do presidente Dwight D. Eisenhower. Ele foi um administrador educacional que presidiu três importantes universidades americanas: a Kansas State University, a Pennsylvania State University e a Johns Hopkins University. Eisenhower era citado frequentemente como “Doutor”, embora não possuísse o grau de doutorado. Em 1949, recebeu um título de Doutor Honoris Causa em Letras da University of Nebraska. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Milton_S._Eisenhower

62 Richard Nixon (1913-1994) foi eleito o 37º presidente dos Estados Unidos (1969-1974), após ter atuado como representante dos EUA e senador pela Califórnia. Depois de haver encerrado com sucesso a participação americana na Guerra do Vietnã, e melhorado as relações internacionais com a URSS e a China, foi o único presidente a renunciar ao mandato, devido ao escândalo de Watergate. Cf. <https://www.whitehouse.gov/about-the-white-house/presidents/richard-m-nixon/>

63 Bob Hope, cujo nome de batismo era Leslie Townes Hope (1903-2003), foi o superstar do rádio, filme e televisão dos anos 1930 a 1990. Sua popularidade atingiu o máximo durante a Segunda Guerra Mundial, quando levou espetáculos cômicos para os combatentes, e nos primeiros anos do pós-guerra. Formou na década de 1940, ao lado do cantor e ator Bing Crosby, uma das mais famosas e influentes duplas cômicas do cinema. Os filmes que o lançaram foram *The Cat and the Canary* (1939) e *The Ghost Breakers* (1940), dois filmes de horror coestrelados por Paulette Goddard. Em 1940, Hope fez *Road to Singapore*, o primeiro de sete filmes “Road” muito populares que coestrelou com Bing Crosby e Dorothy Lamour. Os filmes, dos quais *Road to Morocco* (1942) e *Road to Utopia* (1946), são vistos como os melhores da série, também contribuíram para o status de Hope como um dos maiores êxitos de bilheteria nos anos 1941-1953. Cf. <https://www.britannica.com/biography/Bob-Hope>

64 Erico se refere a Cesare Lombroso (1835-1909). Lombroso é tido como o criador da antropologia criminal e suas ideias inovadoras deram nascimento à Escola Positiva de Direito Penal, mais precisamente a que se refere ao positivismo evolucionista, que baseava sua interpretação em fatos e investigações científicas. Desenvolveu a teoria de que o criminoso é

O trabalho continua no mesmo ritmo. Não se trata de ter mais ou menos auxiliares. São coisas que eu mesmo tenho de fazer.

Terminei *Noite*, que me parece ficou muito bem com o final que lhe dei. Não acredito que seja o “teu gênero”, mas é um gênero, e estou satisfeito por ter variado um pouco. Procurei dizer algumas coisas (em termos de arte, naturalmente), plantear alguns probleminhas da alma humana.

Manda mais notícias tuas e dessa terra. Não sei nada da briga do filho do Oswaldo com o Lacerda⁶⁵. Que se conta das próximas eleições?⁶⁶

vítima principalmente de influências atávicas, uma regressão hereditária a estágios mais primitivos da evolução, justificando sua tese com base nos estudos científicos de Charles Darwin. Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Cesare_Lombroso

65 Trata-se de uma luta entre Euclides Aranha, filho de Osvaldo Aranha (então ministro de Getúlio, e muito atacado por Lacerda), e o jornalista Carlos Lacerda. Murilo de Barros Pimentel, um general goiano que participou diretamente do episódio, conta a Lira Neto: “Eu me encontrava, com alguns amigos no Bife de Ouro e, numa mesa vizinha, Lacerda jantava com outro grupo. Vi quando Euclides, que eu conhecia de vista, entrando também com dois ou três amigos no restaurante, percebeu Lacerda, e imediatamente se transfigurou. Partiu para a mesa do desafeto, aos palavrões, o que fez Lacerda se levantar. Quando se levantava, Lacerda recebeu um soco de Euclides, perdeu os óculos e se desequilibrou, enquanto este dava um passo atrás e sacava um revólver. Um dos amigos de Euclides atracou-se com ele, e o revólver caiu. Eu, mais que depressa, pois havia me levantado também, apanhei o revólver, que meti no bolso. Vi, nesse momento, e acho que os outros nem haviam percebido, que Lacerda também empunhava um revólver. Segurei-o, juntamente com um dos da sua mesa, e aos brados chamei-o à razão, conseguindo tomar-lhe o revólver, que foi também para meu bolso. Lembro-me que Lacerda, que conseguimos encostar à parede, arfava muito. Serenados, tanto quanto possível os ânimos, Euclides se retirou relutantemente, conduzido por seus amigos, enquanto os demais permanecíamos”. In: <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/contraponto/o-goiano-que-evitou-duelo-entre-carlos-lacerda-e-um-filho-de-oswa>

66 Em 3 de outubro de 1954 foram realizadas eleições gerais no Brasil, em que foram renovados onze governos estaduais, dois terços do Senado Federal, toda a Câmara dos Deputados e as Assembleias Legislativas. No Rio

A primavera continua desafortadamente linda. Como europeu, deves conhecer este tipo de abril, com as árvores explodindo em flores por todos os lados.

Segunda feira vou entrar para o hospital da Georgetown University. Com o perdão do trocadilho, quero fazer um check up para evitar um check out prematuro.

Tens visto o Rasgado? Um abraço para ele.

Não sei se te contei da Nona Sinfonia que ouvi há poucos dias, aqui. Muito boa, apesar dos solistas medíocres. Foi no Constitution Hall. Com a Sinfonia Nacional.

Se vires o Machado Villa, pergunta se ele recebeu uma carta que lhe mandei há quase dois meses. – Lembra-me aos teus e abraça o velho amigo

Erico

Washington, 10 de maio de 1954

Amigo Caro:

Tive esta manhã o prazer de receber tua carta de 2 do corrente. E, agora, aproveitando uma clareira nesta floresta pan-americana (clareira que eu abri a socos...), bato esta carta. Notícias? Vamos todos bem. Eu, como sempre, no doido galope habitual. Sexta embarquei pela manhã para Philadelphia, onde almocei com um milionário que estamos “cantando” para nos dar fundos para uma orquestra de câmara. Depois segui para Northshore,⁶⁷ onde fiz uma conferência à noite. Jantei com um professor de história, que mora numa casa magnífica, bem moderna, na companhia dum gato (antigo). Ele mesmo fez o jantar, que estava

Ha! Ha! Ha!

(11 de maio. Nove e meia da manhã)

Falei em clareira, não foi? Pois no momento em que terminei a palavra “estava” entrou a minha secretária e disse: “Please, don’t forget your meeting at four”. Eram quatro horas. Precipitei-me para o subterrâneo na direção do edifício velho. A reunião, chatíssima, durou até quase às seis, hora em que saí, fui buscar a Clarissa na escola de teatro de Georgetown (o bairro antigo e boêmio da cidade) e só agora, num outro dia, é que retomo a carta. Mas o jantar do homem estava delicioso. Falei às 8h15min e tomei, de volta para Washington, o famoso “trem do leite”, que vai parando em todas as estações. Resultado: cheguei em casa às 4h30min da manhã.

Há alguns dias estava eu trabalhando quando ouvi risadas na sala contígua. Reconheci a risada de meu assistente, o dr. Ralph E.

67 North Shore é uma região de Massachusetts, célebre pela cidade de Salem e por autores como Hawthorne e Lovecraft.

Dimmick. Levantei-me e fui ver o que era. Encontrei-o a ler um dos teus Balcões publicados no *Jornal de Letras*. Estava gostando muito.

(Aqui houve outra interrupção de seis horas: um *meeting* da Comissão de Conferências, um almoço com um professor da Universidade de New Mexico, e várias cartas a assinar...)

Pois o homem estava gostando tanto do teu artigo que me leu largo trecho em voz alta.

As notícias que me dás da OSPA são ótimas. Com o oboé, a trompa, o cello e os outros, o *team* do maestro Komlos⁶⁸ ficará reforçado.

O meu diretor da seção de música é um maestro colombiano que estudou com o Weingartner⁶⁹ na Alemanha. Foi muito elogiado aqui no seu último concerto, pelos melhores críticos de Washington. E como ele vai a Buenos Aires, México, Lima e outras capitais para reger as suas sinfônicas, estive pensando em que seria interessante que ele regesse a OSPA. Vou escrever ao Moisés⁷⁰ a respeito, mas gostaria que consultasses desde já o Komlos. A data seria... lá por outubro próximo. Quanto ao programa, ficaria à discrição do maestro Komlos. As despesas? Uma vez que o homem tem o problema das passagens resolvido, seria questão apenas da estadia, que a prefeitura talvez estivesse disposta a pagar. Vai fazendo as tuas sondagens e

68 Pablo Komlós (1907-1978), maestro húngaro, atuou na Europa, Uruguai e Brasil. Por mais de dez anos trabalhou em Montevideu, e, em 1950, transferiu-se para Porto Alegre, assumindo a organização e regência da recém fundada Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA), onde se manteve até 1978, tornando-se uma das personalidades musicais mais destacadas do Rio Grande do Sul.

69 Felix Weingartner (Edler von Münzberg) (1863-1942), compositor, pianista e maestro austríaco, foi o primeiro a gravar todas as sinfonias de Beethoven.

70 Moisés Vellinho. Consulte o índice de citações.

mais tarde discutiremos detalhes. O nome do homem é Guillermo Espinosa⁷¹.

Depois d'amanhã embarco para Hanover,⁷² como já te disse. Dia 20 falo em New York. Dia 17, aqui em Washington, para um clube feminino. Dia 18, para os adidos culturais de todas as embaixadas.

Clarissa vai aparecer em duas peças em um ato dia 14.

Perguntas se me lembro do dr. Oliven. Lembro-me muito bem.

Não tive a menor notícia das ocorrências em Belém do Pará. Nem sei quem é o famigerado Gal.Verissimo. Será o Ignácio José Verissimo?⁷³ Custa-me a crer! É um homem inteligente (filho do famoso crítico⁷⁴) e decente. Os jornais americanos não noticiam nada do Brasil.

Faço votos para que consigas sucesso no processo de indenização. Apesar de toda a inflação, esses duzentos mil viriam em boa hora, não achas?

Ando meio cansadote dessas andanças pan-americanas e com vontade de me esquecer da União por algumas semanas. No entanto todos dizem que nunca estive melhor de aparência. A Mafalda já começou a reclamar que ando muito moço e liso de cara.

Não mandei o catálogo, apesar de o ter trazido aqui para a União. Vai agora o mais recente.

Manda notícias do Maurício, pois já perdi a esperança de receber carta dele. Desde que cheguei, só recebi uma. Escrevi-lhe muitas.

A primavera aqui está ainda fria, felizmente.

Há muita coisa bonita e boa nas livrarias em matéria de

71 Consulte o índice de citações.

72 A Hanover norte-americana fica no estado de Indiana.

73 O General de Divisão Ignácio José Verissimo foi o Comandante da 5ª Região Militar / 5ª Divisão do Exército e do 5º Distrito Militar, em 1954-1955.

74 Erico se refere a José Verissimo (José Veríssimo Dias de Matos) (1857-1916), escritor, jornalista, estudioso da literatura brasileira, membro e principal idealizador da Academia Brasileira de Letras.

edições. Dia 20 em New York vou estudar a possibilidade de se fazer algo no Brasil em matéria de *pocket book*. Não tenho, entretanto, muitas esperanças nesse setor.

Vi dois filmes americanos muito bons, recentemente. Uma comédia – IT SHOULD HAPPEN TO YOU⁷⁵, com Judy Holliday e EXECUTIVE SUITE⁷⁶, com uma coleção de estrelas e “estrelas”.

A televisão anda geralmente infame. Só vejo os programas de domingo. Ontem por puro cansaço fui ficando na frente de aparelho e acabei vendo uma série de drogas. A cada momento eu resmungava: “Eu me desprezo por estar vendo este programa...” mas ia ficando...

Bom, vou fazer ponto.

Um grande abraço e...inté!

Erico

⁷⁵ *It Should Happen to You (Demônio de Mulher)* é uma comédia romântica de 1954, dirigida por George Cukor.

⁷⁶ *Executive Suite* é um drama de 1954, dirigido por Robert Wise e estrelado por William Holden e June Allyson.

Washington, 25 de agosto de 1954 – 3h30 da tarde

Amigo Caro,

Escrevo-te durante uma chatíssima sessão do Comitê Executivo, enquanto o meu colega, o dr. Taylor, Diretor do Dep. de Assuntos Econômicos e Sociais, defende sonolento o seu orçamento.

Desde ontem estou abafado ante os últimos acontecimentos políticos do Brasil. Getúlio me “pegou de surpresa”: seu suicídio foi um gesto de alcance humano, político e social incalculável.⁷⁷ Que homem tremendo! Com esse derradeiro golpe ele venceu seus inimigos, salvou seu nome e deu uma bandeira revolucionária a seu partido. A morte do cap. Vargas não será esquecida. Lacerda passará a ser o vilão da peça e Getúlio o herói. Que grande golpe! A única salvação será a prova clara e pública da corrupção que houve no governo.

Estive ansioso por detalhes em torno dos distúrbios aí em P. Alegre⁷⁸. Como se originaram? Quem os provocou? Quantos

71

⁷⁷ Getúlio Vargas suicidou-se com um tiro no peito na madrugada de 24 de agosto de 1954, após ter sido informado de que os Altos Comandos Militares exigiam o seu licenciamento do cargo de presidente da República como condição para a solução da crise política em que seu governo se viu envolvido nos últimos anos de seu segundo mandato. Essa crise fora agravada com o atentado do dia 5 de agosto, na rua Toneleiros, na capital do Rio de Janeiro. Perpetrado contra o jornalista Carlos Lacerda, nele morreu o major da Aeronáutica Rubens Vaz, mas teve a participação de membros da guarda pessoal de Vargas. In: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=264453>

⁷⁸ Desde as primeiras notícias sobre o suicídio do presidente Getúlio Vargas, populares se concentraram no Comitê Central Pró-Candidatura Leonel Brizola, da ala esquerda do PTB, em busca de informações. De lá, saíram às ruas carregando fotos de Getúlio e bandeiras nacionais tarjadas de preto, em sinal de luto. Os primeiros alvos da multidão foram as sedes dos principais partidos de oposição: a UDN, a Frente Democrática, a Frente Popular, o Partido Socialista, o Partido Social Progressista (PSP) e o Partido

morreram? Quem são?

Não tenho podido me concentrar no trabalho. Espero melhorar amanhã.

Recebi teu último Balcão – gostoso e bem-escrito como os anteriores. Thanks!

Chegou-me também o *Deuses, Túmulos e Sábios*⁷⁹. Já li metade. Uma delícia. E que bela estória!

Sábado tivemos lá em casa 30 pessoas: 21 estudantes de medicina e mais os dois Faraco e Sales.

Estive lendo também *The Story of Civilization* dum tal professor Lee⁸⁰. Bem interessante.

O calor voltou, mas este verão tem sido camarada. Uma verdadeira primavera.

Republicano (PR). Os prédios foram depredados e incendiados. Furiosa, a multidão também investiria contra *O Estado do Rio Grande*, jornal ligado ao Partido Libertador (PL), as oficinas do *Diário de Notícias*, dos *Diários Associados*, e os prédios onde ficavam as rádios Farroupilha e Difusora. O governador do Rio Grande do Sul, general Ernesto Dorneles, primo de Getúlio, só ao final da tarde solicitaria auxílio do Exército para conter os manifestantes. Os distúrbios na capital gaúcha terminaram com o saldo de dois mortos e dezenas de feridos. In: <http://memorialdademocracia.com.br/card/mataram-getulio-o-povo-sai-as-ruas>

72

⁷⁹ *Deuses, túmulos e sábios: o romance da arqueologia* (no original em alemão: *Götter, Gräber und Gelehrte: Roman der Archäologie*) é um livro popular do escritor alemão C. W. Ceram sobre a história da arqueologia. Publicado pela primeira vez em 1949, o livro aborda a Grécia Antiga, o Egito Antigo, bem como a arqueologia da Mesopotâmia, da América do Sul, do México e da América Central, intercalando a descrição das descobertas com rápidas biografias dos estudiosos e arqueólogos como Heinrich Schliemann, Jean-François Champollion, Paul-Émile Botta, Howard Carter, dentre outros. O livro vendeu mais de 5 milhões de cópias em 26 idiomas – e é impresso ainda hoje. Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Deuses,_T%C3%BAmulos_e_S%C3%A1bios

⁸⁰ O título deve ser *The Story of Our Civilization*, de Philip Lee Ralph, publicado pela Dutton em 1954. In: <https://www.biblio.com/book/story-our-civilization-ralph-philip-lee/d/1321257392>

Deliciei-me um dia destes com o filme do Curzio Malaparte – *Il Cristo Proibito*.⁸¹

Vi também uma boa farsa com Fernandel - *The Red Inn*⁸² (não me lembro do título em francês). O grande sucesso aqui é um filme sueco que ainda não vi, *A Summer of Happiness*⁸³.

Não tenho ouvido música. Falta de tempo. Muitos programas noturnos: visitas, jantares, etc.

Estou inquieto quanto as nossas Conferências no Brasil em outubro e novembro. Temo demonstrações populares contra os delegados.

Neste momento o meu colega e amigo dr. Fenwick (International Law) me passou um bilhete.

Num papel como este. “My sympathies for the sad and difficult days through while Brazil is living. I have great confidence in the honor and integrity of the army officers”. Amém!

O chato continua a falar. Não sei porque fiquei nesta sessão. Bom. Prometo para breve uma carta melhor.

81 *O Cristo Proibido*, filme de 1951, escrito e dirigido pelo escritor Curzio Malaparte, nome artístico de Kurt Erich Suckert (1898- 1957), estrelado por Raf Vallone, Rita Morelli e Alain Cuny. Obteve o Prêmio Especial da Cidade de Berlim, no Festival Internacional de Cinema de Berlim, no mesmo ano. Cf. <https://www.imdb.com/title/tt0042354/>

82 *The Red Inn* (em francês: *L'Auberge Rouge*) é uma comédia-crime de 1951, dirigida por Claude Autant-Lara, estrelando Fernandel. Sua estreia foi em 1951 e teve um remake por Gérard Krawczyk, em 2007. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/The_Red_Inn

83 *Um Verão de Felicidade* (em sueco: *Hon Dansade en Sommar – Ela dançou todo o verão*) é um filme de 1951 do diretor Arne Mattsson, baseado no romance *Sommardansen* (*A Dança do Verão*) de 1949 de Per Olof Ekström. Foi o primeiro filme sueco a receber o Urso de Ouro no Festival Internacional de Cinema de Berlim. Hoje, é mais conhecido por suas cenas de nudez, que causaram muita controvérsia na época e, juntamente com *Um Verão com Mônica*, de Ingmar Bergman (1953), espalhou a imagem do “amor livre” sueco no mundo. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/One_Summer_of_Happiness

Um afetuoso abraço do teu amigo

Erico

Acabo de saber que o *Diário de Notícias* foi depredado a mando do Thales⁸⁴.

84 Provavelmente Thales Bezerra de Albuquerque Ramalho (1923-2004), político brasileiro, bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Recife. Seu ingresso efetivo na política deu-se em 1954, quando participou intensamente da campanha do general Osvaldo Cordeiro de Farias, candidato do Partido Social Democrático (PSD) ao governo de Pernambuco. (Cordeiro de Farias fora antes interventor no Rio Grande do Sul de 1938 a 1943, nomeado por Getúlio Vargas, sendo substituído por Ernesto Dornelles, primo do presidente). Com a vitória de seu candidato no pleito de outubro de 1954, Ramalho retornou às funções de advogado e professor de literatura portuguesa na Universidade de Pernambuco. Cf. <http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/dicionarios/verbete-biografico/ramalho-ales>

Washington, 03 de setembro, meio-dia, 1954

Prezado amigo Caro:

Há dias que ando preocupado com a situação brasileira. Fiquei sabendo do suicídio do Getúlio uma hora após o fato, por meio da televisão. Meu filho, que geralmente nas férias acorda às onze, no dia 22 de agosto, pulou da cama às 7h30 para ver o programa matinal de Jack Parr,⁸⁵ um humorista. Estávamos nós à mesa, tomando café, quando o rapaz gritou lá de baixo a notícia inesperada e sensacional. Fiquei abafado. O gesto – decisivo, dramático, irreparável – não me pareceu getuliano. Mas depois que li a carta mudei de opinião. Foi o maior golpe do Velho. Tem um alcance político, histórico e humano incalculável. Creio que o homem estava mais preocupado com as loucuras de seus próprios parentes e amigos do que com a “deslealdade” de seus generais. Com o suicídio ele se limpa dos erros que cometeu, livra-o da família e dos maus amigos, dá uma bandeira ao seu partido e entra gloriamente na História.

Li nos jornais sobre o quebra-quebra aí em Porto Alegre.⁸⁶ E

75

85 Jack Harold Paar (1918-2004), escritor, ator cinematográfico, comediante de rádio e televisão, é mais conhecido como o segundo apresentador de *The Tonight Show*, de 1957a 1962.

86 A divulgação do suicídio do presidente Getúlio Vargas, às 8h da manhã de 24 de agosto de 1954, desencadeou um quebra-quebra nas principais cidades brasileiras. Em Porto Alegre, 40 prédios foram depredados, entre eles, incendiados os estúdios das rádios Farroupilha e Difusora e a redação do jornal *Diário de Notícias*, órgãos dos Diários Associados, que o povo chocado e enfurecido identificou como responsáveis no Rio Grande do Sul pela campanha da mídia para desestabilizar o governo trabalhista. No centro da questão, estava a estratégia nacionalista de Vargas que dificultava ou barrava investimentos estrangeiros no país, encampava empresas e criava grandes conglomerados estatais, como a Siderúrgica Nacional e Petrobras.

In: <http://projetos.eusoufamecos.net/memoria/incendiados-predios-da-farroupilha-difusora-e-diario-de-noticias/>

temi pela morte da livraria de vocês,⁸⁷ de nome tão perigoso, e pela da Globo, tão odiada pelos comunistas. Não sei ainda detalhes. Quem morreu? Quem matou? Como? Quando? Onde? Que chefes dirigiram os atos de violência? Dornelles⁸⁸ realmente assistiu impassível? Que tipo de estragos foram causados a casas como por exemplo o City Bank? E o consulado americano? Escapou o Instituto Cultural⁸⁹? Manda contar.

Uma notícia não muito boa: creio que não irei mais ao Brasil este ano. Recebi um telegrama do Renato Almeida⁹⁰, do Itamarati, dizendo que nossas reuniões de São Paulo foram transferidas para o ano que vem. Não temos detalhes. Não creio, entretanto, que a situação mude. Confesso que não fiquei muito triste, porque – apesar das saudades e do desejo de rever os amigos e a querência – eu tinha certos receios, a certeza de que ia me aborrecer aí. Tu compreendes que, para muita gente, eu estou trabalhando para o Department of State. E numa época de fanatismo, de demagogia e de frases dramáticas, de que vale o bom senso, a razão, a verdade? Creio que os próprios delegados à Conferência do Conselho Cultural correriam riscos. É melhor que essa fúria passe.

76

87 Trata-se da livraria Americana, que se localizava na esquina da General Câmara com a Rua dos Andradas.

88 Ernesto Dornelles (1897-1964), militar e político brasileiro, senador da República e ministro da Agricultura, governou o estado do Rio Grande do Sul em duas ocasiões, em 1943-1945 e 1951-1955 . Era primo do ex-presidente Getúlio Vargas.

89 O Instituto Cultural Brasileiro Norte-americano (ICBNA) é um centro binacional cujo objetivo é promover e divulgar a cultura dos Estados Unidos aos outros países das Américas.

90 Renato Almeida (1895-1981), advogado e jornalista brasileiro, destacou-se como musicólogo e folclorista. Na década de 1920 ingressou no Ministério das Relações Exteriores, tendo sido chefe do serviço de documentação do Itamaraty.

Manda me contar o que se passou aí em Porto Alegre depois da morte do Getúlio. Os comunistas são mesmo os instigadores de tudo?

Aqui vamos indo na vida de sempre. O verão, que foi muito camarada este ano, aproxima-se do fim. O outono já está mandando seus primeiros recados na luz do sol, no ar, e aqui, onde todos querem correr na frente do tempo (as lojas já estão vendendo artigos de outono), até as folhas das árvores se apressam a ficarem amarelas.

Ontem tivemos um concerto no Aztec Gardens da União. A banda de música dos Fuzileiros Navais abriu a noitada com uma marcha composta por um sargento, que era da banda militar de Ribeirão Preto, São Paulo, e intitulada “Presidente Eisenhower”. Seguiu-se um concerto grosso a maneira do século XVIII composto por um americano, Wagner (!) para banda de música. Depois veio a feature: um concertinho de piano e banda, de Corell⁹¹, interpretado pelo próprio. É uma peça interessante, cheia de novidades como por exemplo a de tocar quinze notas ao mesmo tempo com o braço e obter sons de harpa dedilhando as cordas do piano. O compositor é um tipo curioso. Almocei com ele há dois dias. É considerado ultramoderno. Os russos o apontam como uma expressão capitalista. Tem coisas tocadas pelo Salgetti⁹² e gravadas pela Columbia. Quite a character. Aconteceu que a noite estava linda e a Mafalda venceu uma certa implicância que ela tem com os concertos da União e se dispôs a ir comigo. O jardim é muito grande e bonito. Havia um estrado logo acima da imagem asteca que domina uma pool quadrada onde boiam lótus. De dois em dois minutos um avião passava por cima de nossas cabeças rumo ao aeroporto. O dr. Faraco⁹³ está aqui com a senhora (creio que já te contei isto). Temos estado juntos

77

91 Não foram encontrados registros do compositor Corell.

92 Não foi localizado Salgetti na gravadora Columbia.

93 Dr. Eduardo Zaccaro Faraco. Nascido em 1917 e já falecido, foi professor da Faculdade de Medicina da UFRGS e reitor da Universidade de 1968 a 1972. Era o cardiologista de Erico Verissimo.

repetidamente. Convidei-os para ir domingo ao Olney Theater: ver *The Male Animal*, uma peça do James Thurber “1939”.⁹⁴

Estou me deliciando com o *Child of the Century*, do teu “patrício” Ben Hecht⁹⁵. Não se pode dizer que o homem seja um grande romancista ou um grande pensador. Mas creio que ninguém maneje o inglês com mais agilidade, imprevisto e graça do que esse diabo. Como teve uma vida aventureira e boêmia, o resultado é um livro interessantíssimo. Como já deves ter compreendido, é uma autobiografia.

Continuo lendo muita psicanálise, cada vez mais interessado pelo assunto. Outro assunto de meu interesse no momento: história.

Recebi ontem carta do Macmillan⁹⁶ dizendo que foi fechado o contato com a Julliard⁹⁷. Quanto ao Paul Neff⁹⁸, ainda não recebi

95 *The Male Animal* é uma peça de sucesso da Broadway, de autoria de James Thurber (1894-1961) e Elliott Nugent (1896-1980). Em 1942 foi filmada pela Warner Bros, com Henry Fonda, Olivia de Havilland e Joan Leslie. “1939” refere-se à data da peça.

96 *A Child of the Century*, de Ben Hecht (1894-1964). Na Introdução dessa autobiografia, Sidney Zion descreve o autor como “acrobata, mágico, poeta, jornalista, escritor, roteirista, propagandista---Hecht foi tudo isso e mais. Viveu com paixão e finura.” In: https://www.goodreads.com/book/show/612650.A_Child_of_the_Century

97 Macmillan Publishers é uma editora e distribuidora de livros de origem britânica, fundada em 1843 pelos irmãos Daniel Macmillan e Alexander Macmillan. Sua sede norte-americana localiza-se no Flatiron Building, em Nova York. Com filiais em 41 países, pertence hoje à Holtzbrinck Publishing Group. Foi a editora das seguintes obras de Erico Verissimo: *Crossroads*, *The Rest is Silence*, *Consider the Lilies of the Field*, *Time and the Wind* (apenas *O Continente*), *Night e His Excellency the Ambassador*. Sua atuação deu visibilidade internacional a Verissimo. Cf: <https://us.macmillan.com/about>

98 Éditions Julliard é uma editora francesa, fundada em 1942 por René Julliard. Julliard distinguiu-se na indústria editorial como descobridor de novos talentos. Editou, de Erico Verissimo, *Le temps et le vent*.

99 Paul Neff Verlag, sediada em Stuttgart, editou diversos livros de Erico Verissimo: *Die Zeit und der Wind*, *Das Bildnis des Rodrigo Cambará*, *Die*

um tostão. Fui informado de que o editor não nos deve nada, pagou tudo, quem está ursando é o intermediário. Tenho uma falta de sorte tremenda com minhas traduções, no que diz respeito a dinheiro. Da Argentina não me vem nada, apesar de os livros continuarem a vender-se. O Alfred Kahn⁹⁹ continua silencioso. Descobri aqui que *O Resto É Silêncio* apareceu em francês pela Éditions de la Paix. Não recebi nem sequer um exemplar da edição. Essa foi outra das atropalhadas do Kahn.

Dia 12 vou a Wisconsin fazer uma conferência. Dia 14 sigo para Madison, onde fica a universidade do estado, para Milwaukee, onde tomarei parte num congresso nacional da UNESCO. Logo que eu tenha notícia oficial sobre a transferência da reunião [ilegível].

Faço votos para que teu braço já esteja em ordem. Enfim, para que tudo esteja em ordem nessa cidade que eu relembro com uma vaga mistura de saudade e horror.

Li no *Correio* (e vi as fotos) sobre uma noitada do clube da chave em que se recitou Quintana com a presença da vítima. Como vai o Patinho?¹⁰⁰ Continua bebendo? É uma pena.

Tenho uma amiga argentina (creio que te falei nela muitas vezes) que continua a me escrever cartas desesperadas. Na última deu a entender que se irrita com o fato de eu não ser infeliz. É curioso. Muitos de meus amigos preferiam ver-me infeliz, a gritar, a protestar, a dizer nomes. Parece que acham que só dessa maneira poderei ser artisticamente coisa que preste. Acho isso uma besteira, porque a coisa rara é encontrar um sujeito com um certo equilíbrio interior. O vulgar é o inadaptado, o infeliz, o estrilador (claro, o desgraçado

79

Lilien auf dem Felde, Seine exzellenz der Botschafter, Mexiko (Landder Gegensätze) e Nacht.

99 Alfred Kahn, agente literário de Nova York, representou os direitos de tradução de Erico Verissimo nos anos 1950.

100 Apelido do poeta Mario Quintana, cuja obra infantil, *Pé de Pilão*, tinha um pato por protagonista.

é sempre mais pitoresco que o outro). E depois eles já me apanharam nesta casa dos quarenta que, afinal de contas, é uma soma, um resultado de muitos anos de lutas, de buscas, de dúvidas, de descertos. Não tenho nenhuma vocação para mártir. Acontece também que as pessoas mais infelizes são aquelas que pensam demais em si mesmas. Na carta dessa moça não há nada sobre os outros. Só sobre ela. O que ela sente, a sua frustração, sua inconformidade, sua revolta, as injustiças do mundo. O que me tem valido na vida, amigo Caro, é que estou tão preocupado em fazer felizes a minha mulher, os meus filhos, a minha mãe e alguns amigos, que nesse processo acabo ficando feliz. Não serei menos egoísta ou egocêntrico do que o comum dos homens. Mas tu compreendes o que eu quero dizer, sempre procurei não olhar demasiadamente para o meu próprio umbigo. É perigoso e um pouco ridículo.

80 Não tenho planos por enquanto devido a essa incerteza quanto a Conferência. Continuo firme na ideia de voltar para o Brasil em 1955, caso as coisas melhorem por aí. Estou perfeitamente feliz aqui, pelo menos na superfície. Vida calma, limpa, agradável, bom teatro, muito livro, muito show, algumas pessoas interessantes e um trabalho que pode ter detalhes cacetes, burocráticos, administrativos, mas que dá oportunidade de fazer alguma coisa decente, como por exemplo: campanhas contra o analfabetismo, criação de bibliotecas rurais, centros de educação rural, publicação de clássicos latino-americanos em inglês e francês, concertos, lançamento de artistas latino-americanos aqui em Washington, mesas redondas, seminários, conferências... Um dia desses recebi de Paris uma deliciosa e simpaticamente cínica carta do Justino¹⁰¹, que confessa estar

101 Justino Martins (1917-1983), jornalista, era cunhado de Erico Verissimo, com quem colaborou na *Revista do Globo*. Convidado por Adolpho Bloch, foi trabalhar na revista *Manchete*, da qual inicialmente foi correspondente em Paris, e a seguir seu diretor. Foi o responsável pelo projeto que se tornou a marca registrada da revista, com fotos coloridas, em tamanhos grandes, impressão de qualidade e textos leves.

aproveitando da melhor maneira que pode este fim da era burguesa. Há uma referência irônica ao me ter afastado e a minha posição aqui na União. Diz ele que não acredita que eu goste ou esteja levando a sério o meu trabalho. Imagina tu, o homem que não pensa em outra coisa senão em ter muitas mulheres, se acha com o direito de ironizar um cidadão que bem ou mal está procurando seguir aquele provérbio chinês que diz ser melhor acender um toco de vela do que ficar simplesmente lamentando a escuridão...

Perdoa o desabafo, se é que isso foi desabafo. Se te conto estas coisas é porque sei que, como amigo, te interessas por elas. Um dia destes vi publicada na *Cruzeiro*¹⁰² uma carta que escrevi ao Edgar Cavalheiro em 1941. Fiquei arrepiado. É uma carta íntima, apressada, sem nenhum cuidado literário. Para ti escrevo tranquilo porque sei que não passarás minha carta aos arquivos implacáveis do Condé.¹⁰³

Lembra-me à tua senhora e abraça o amigo de sempre

Erico

[desenho de um toco de vela aceso após a assinatura]

102 Revista semanal ilustrada, fundada por Assis Chateaubriand, com sede na cidade do Rio de Janeiro, circulou de 1928 a 1975. Cf. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/cruzeiro-o>

103 Em seu período áureo, *O Cruzeiro* manteve a tradição de cobertura da vida literária do país. Além de continuar a reunir diversos literatos de renome entre seus colaboradores, passou a publicar, em 1948, a já então famosa coluna de João Condé, “Os arquivos implacáveis”. Condé permaneceu escrevendo para a revista por 19 anos. In: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/cruzeiro-o>

A frota do Rock Island - 21 de Out-1934

Caro: Recebeste m/carta de Minneapolis? Gerev-te do trem a caminho de Chicago. Passei ontem em Iowa City um dia inesquecível. Fiz 4 palestras com um sucesso espetacular. Uma delas versou sobre a arte da novela e foi ilustrada pelo autor com caricaturas no quadro-negro. A noite estive no concerto cujo programa a qui vai. Conversei uma boa quantidade de 70 estudantes. Hoje ^{à noite} falo na Univ. de Illinois. Amanhã vou p. Chicago onde passarei o week-end. Segunda: Indiana. Quarta: Cincinnati. Quinta: Oxford. Sábado, 30, tomo o trem de volta para casa.

Um saúdo a todos
 e seu amigo
 D. J. Wiley

P.S. Please, entrega a carta que aqui vai ao Moiss. Vellinho

A bordo do Rock Island – 21 de outubro de 1954

Caro:

Recebeste minha carta de Minneapolis? Escrevo-te do trem a caminho de Chicago. Passei ontem em Iowa City, um dia inesquecível. Fiz 4 palestras com sucesso espetacular. Uma delas versava sobre a arte da novela e foi ilustrada pelo autor com caricaturas no quadro-negro. À noite estive no Concerto cujo programa aqui vai. Comovente! Uma boa orquestra de 70 estudantes.

Hoje de noite falo na Univ. de Illinois. Amanhã vou p. Chicago onde passarei o weekend. Segunda: Indiana. Quarta: Cincinnati. Quinta: Oxford¹⁰⁴. Sábado, 30, tomo o trem de volta para casa.

Um saudoso abraço de teu amigo

Erico

PS: *Please*, entrega a carta que aqui vai ao Moisés Vellinho.

¹⁰⁴ Oxford é a cidade sede do Condado de Lafayette, no Mississippi. Fundada em 1837, foi chamada com o nome da cidade universitária britânica de Oxford, visando atrair para si a universidade estadual, o que conseguiu. Em Oxford se localiza a Universidade do Mississippi, estabelecida em 1848 e conhecida como “Ole Miss”. William Faulkner adotou-a como sua cidade natal e usou-a como modelo para sua fictícia Jefferson. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Oxford,_Mississippi.

Washington, 13 de fevereiro de 1955

Amigo Caro:

Tenho andado muito atrapalhado, mas se não te escrevi antes foi principalmente porque te imaginava “posto em sossego”, como a linda Inês do poema¹⁰⁵, num veraneio marítimo. Mas vejo que teu veraneio gorou, pelo que I am sorry. Espero que a Nina já esteja restabelecida.

Aqui vou, trabalhando como sempre, e com a vida cada vez mais complicada. Se eu ficasse aqui mais um ano, como esta gente quer e não cessa de me pedir, eu teria cada vez menos tempo para escrever e ler. Nos fins de semana o telefone lá em casa bate todo o dia. Visitas, convites, o diabo. Isso que nós não aceitamos os convites oficiais das embaixadas, que vivem de jantares e cocktails. Mas o pessoal da colônia é muito ativo, de sorte que a gente ou tem de ir às festinhas ou então tem de viver mentindo, inventando desculpas.

84

Clarissa caiu de cama com uma gripe furiosa, quase 40 de febre, isso no dia em que tinha seu último espetáculo. (Estrela do *The Deep Blue Sea*¹⁰⁶). Foi representar assim mesmo, fiel à ideia de que “the show must go on”. Saiu-se muito bem. Hoje amanheceu sem febre. Assisti ao primeiro espetáculo e achei que a menina tem talento, paternidade à parte.

Esta semana vai ser braba. Amanhã às 9 da manhã vou ser entrevistado na televisão a propósito do aparecimento de *Night*. Dia

105 De autoria de Luís de Camões.

106 *The Deep Blue Sea* (no Brasil: *Amor Profundo*) é uma peça teatral de Terence Rattigan de 1952, sobre a esposa de um juiz que se envolve em um caso com um ex-piloto da RAF. Teve sua primeira versão cinematográfica em 1955, estrelado por Vivien Leigh. In: [https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Deep_Blue_Sea_\(2011\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Deep_Blue_Sea_(2011))

12 às 2, na livraria do Franz Bader¹⁰⁷, vou dar autógrafos (?). Dia 16 falo no Foreign Students' Center¹⁰⁸ e no dia seguinte na Corcoran Gallery,¹⁰⁹ numa série patrocinada pelo Institute of Contemporary Arts¹¹⁰, e da qual faz parte (como conferencista) o Truman Capote¹¹¹, talentosíssimo e fresquíssimo.

Lamentei o que ocorreu com o teu carro. Para um rapaz jovem

107 A Franz Bader era uma galeria de arte e livraria em Washington D.C. operada por Franz Bader (1903-1994) sob vários nomes, incluindo Franz Bader Gallery, Franz Bader Inc., e Franz Bader Gallery and Bookshop. Cf. <https://www.aaa.si.edu/collections/franz-bader-gallery-scrapbooks-and-guestbooks-6608>

108 Provavelmente o atual International Student & Scholar Services, da American University, no endereço 4400 Massachusetts Avenue NW, 410 Butler Pavilion. Washington, DC, USA 20016. Cf.: <https://www.american.edu/ocl/iyss/>

109 A Corcoran Gallery of Art foi um museu de artes em Washington, D.C., que agora sedia a Corcoran School of the Arts and Design, parte da George Washington University. A Corcoran School, fundada em 1878, apresenta exposições de seus estudantes e artistas visitantes e oferece cursos de Belas Artes, Fotojornalismo, Arquitetura de Interiores, etc. Antes do fechamento da galeria, era uma das instituições culturais privadas mais antigas dos Estados Unidos. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Corcoran_Gallery_of_Art

110 O Institute of Contemporary Arts foi um instituto educacional e uma organização artística em Washington, D.C., fundado pelo poeta Robert Richman em 1947. Pautava-se pela filosofia da arte de Herbert Read. Encerrou suas atividades em 1967. Muitas de suas exposições e programas eram levados na Corcoran Gallery of Art. Cf. <https://www.aaa.si.edu/collections/institute-contemporary-arts-records-9688>

111 Truman Capote, cujo nome de batismo era Truman Streckfus Persons (1924-1984), foi um romancista, contista e dramaturgo norte-americano, cujas primeiras obras ampliaram a tradição gótica sulista. Mais tarde, desenvolveu uma abordagem mais jornalística no romance *A Sangue Frio* (1965; filmado em 1967), que, junto com *Bonequinha de Luxo* (1958; filmado em 1961), é seu texto mais conhecido. Cf. <https://www.britannica.com/biography/Truman-Capote>

como ele, sua vida tem sido demasiado acidentada. Lembro-me de outros contratempos que me contaste.

Estou de acordo com teu amigo Hesse¹¹² quanto à música. Cada vez gosto mais dos clássicos. De vez em quando compro uns modernos (Hindemith¹¹³, Honneger¹¹⁴, Prokofiev¹¹⁵, etc.) mas nunca românticos. É uma vergonha como tenho abandonado o velho Beethoven. Quero agora tocar os últimos quartetos para observar

112 Hermann Karl Hesse (1877-1962) foi um escritor e pintor alemão, que em 1923 se naturalizou suíço. Em 1946 recebeu o Prêmio Goethe e, passados alguns meses, o Nobel de Literatura “por seus escritos inspirados que, enquanto crescem em audácia e penetração, exemplificam os ideais humanitários clássicos e as altas qualidades de estilo”. Suas obras mais conhecidas são *Demian*, *O Lobo da Estepe* e *O Jogo das Contas de Vidro*. Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Hermann_Hesse

86 113 Paul Hindemith (1895-1963) foi um prolífico compositor, violista e violonista, professor e regente alemão. Nos anos 1920, tornou-se um defensor do estilo musical da *Neue Sachlichkeit* (Nova Objetividade). Suas composições mais notáveis incluem seu ciclo de canções *Das Marienleben* (1923), *Der Schwanendreher* para viola e orquestra (1935), e a ópera *Mathis der Maler* (1938). Sua obra mais popular é a *Metamorfose Sinfônica de Temas de Carl Maria von Weber*, de 1943. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Paul_Hindemith

114 Arthur Honegger (1892-1955) foi um compositor suíço, conhecido por compor vários oratórios e a famosa *Cantata de Natal*. Foi membro do grupo de compositores considerado antirromântico chamado *Les Six* (Os Seis). Escreveu diversas sinfonias, dentre as quais a *Sinfonia Litúrgica*. Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Arthur_Honegger

115 Sergei Sergeyevich Prokofiev (1891-1953) foi um compositor, pianista e regente russo. Criador de inúmeras obras-primas em diversos gêneros musicais, é considerado um dos maiores compositores do século XX. Sua obra inclui peças muito ouvidas, como a Marcha de *O Amor por Três Laranjas*, a suite *Tenente Kijé*, o ballet *Romeu e Julieta* — e *Pedro e o Lobo*. Sua produção abrange sete óperas completas, sete sinfonias, oito ballets, cinco concertos para piano, dois para violino, um para cello, uma sinfonia para cello e orquestra e nove sonatas completas para piano. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Sergei_Prokofiev

minhas próprias reações. Toda essa fuga pode ser medo das emoções que o Velho me desperta. Não sei. Quanto a Brahms, temos boas relações, embora não íntimas. Gosto muito dos quartetos e de toda a obra para clarineta.

Continuo comprando discos. A Cantata 170 de Bach tem como interprete um contratenor, Alfred Deller¹¹⁶, que possui a mais bela voz de contralto que já ouvi. Já ouviste?

Pela primeira vez entrei para um club do livro, o Readers' Subscription, cujo board de seleção é formado de Auden¹¹⁷, Trilling¹¹⁸ e outros desse calibre. Entrei porque ofereciam, por 5 dólares, livros

116 George Alfred Deller (1912-1979) foi um contratenor inglês, membro do coro da Catedral de Canterbury e da Catedral de St Paul (em 1940-1947 e 1947-1962, respectivamente). Surgiu como solista, em grande parte como resultado da admiração do compositor Michael Tippett, que reconheceu a beleza única da sua voz. In: https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfred_Deller

117 Wystan Hugh Auden (1907-1973) foi um poeta anglo-americano, notável por sua realização estilística e técnica, seu engajamento com a política, a moral, o amor e a religião, e sua variedade de tom, forma e conteúdo. É mais conhecido por seus poemas de amor como *Funeral Blues*, poemas sobre temas políticos e sociais como *September 1, 1939* e *The Shield of Achilles* (National Book Award for Poetry, 1956), sobre temas culturais e psicológicos como *The Age of Anxiety* (Prêmio Pulitzer de Poesia, 1948) e sobre temas religiosos como *For the Time Being* and *Horae Canonicae*. Auden foi igualmente um prolífico escritor de ensaios em prosa e resenhas sobre assuntos literários, políticos, psicológicos e religiosos, e trabalhou vez por outra com filmes documentários, peças poéticas, libretos de ópera e outras formas de performance. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/W._H._Auden

118 Lionel Mordecai Trilling (1905-1975) foi um crítico literário, contista, ensaísta e professor norte-americano. Foi um dos líderes da crítica do século XX nos EUA, salientando-se por suas investigações das implicações sociais, políticas e culturais da literatura contemporânea. Foi colaborador da *Partisan Review* e membro dos Intelectuais de Nova York, um grupo de escritores, na maioria judeus, que defendiam posições de esquerda, mas eram firmemente antiestalinistas. Eram conhecidos por tentar integrar a teoria da literatura com o marxismo e o socialismo, rejeitando o comunismo soviético como modelo político. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Lionel_Trilling

que me custariam normalmente 20. Comprei o segundo volume da biografia de Freud, uma biografia do D.H. Lawrence e uma antologia de peças do O'Casey¹¹⁹. Meu compromisso é aceitar quatro seleções futuras.

Manda a carta do Hesse que traduziste.

Li *Os Mandarins*.¹²⁰ Gostei muito. Não acho pornográfico. Gostei daquelas cenas de amor porque ela nos dá o outro lado, o ponto de vista da mulher.

Estou com originais de livros de amigos para ler. Um em inglês, um em espanhol e um em português, num total de mais de 1.000 páginas.

Em Cincinnati¹²¹ tomei parte numa mesa redonda. Estava lá o presidente da Life Inc.¹²² que se entusiasmou de tal modo com

119 Seán O'Casey (nascido John Casey; 1880-1964) foi um dramaturgo e memorialista irlandês. Socialista empenhado, foi o primeiro grande dramaturgo da Irlanda a escrever sobre as classes trabalhadoras de Dublin. Entre suas obras estão *Juno e o pavão* (1924), *The Plough and the Stars* (1926), *The Star Turns Red* (1940), *Cock-a-Doodle Dandy* (1949), *The Wild Goose* (1952), bem como sua autobiografia *Mirror in My House* (dois volumes, 1956). Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Se%C3%A1n_O%27Casey

120 Romance de Simone de Beauvoir.

121 Provavelmente na University de Cincinnati. Hoje é uma Universidade pública de pesquisa com quase 46.000 estudantes matriculados e consta "entre a camada superior das Melhores Universidades Nacionais", segundo o U.S. News & World Report. Cf. <https://www.uc.edu/about.html>

122 A *Life* foi uma revista americana de interesse geral, renomada pela sua qualidade fotográfica, publicada semanalmente até 1972 e intermitentemente até 1978, tornando-se mensal até 2000. Seu período de ouro ocorreu entre 1936 a 1972. Apresentou alguns dos maiores escritores, editores, ilustradores e cartunistas do seu tempo, incluindo Charles Dana Gibson, Norman Rockwell e Jacob Hartman Jr. Gibson se tornou o editor e dono da revista depois da morte do fundador, John Ames Mitchell, em 1918. Gibson foi sucedido por Henry Luce como proprietário da revista em 1936. Cf. [https://en.wikipedia.org/wiki/Life_\(magazine\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Life_(magazine)). É, portanto, Luce o editor a que Erico Verissimo se refere.

minha “presentation” que me encomendou um artigo o qual, se for aceito pelas duas edições da revista, me dará 1.500 dólares (5.000 palavras). Jamais me pagaram tão bem.

Escrevi ao Maurício, mas não recebi resposta.

Dize ao Rasgado que mandarei o disco de saxofone do Debussy¹²³ quando tiver portador. E que as nossas fotos (as que tirei em Porto Alegre) ficaram muito boas. Mostrarei quando voltar.

Bom, amigo Caro, vou começar a minha semana. Ando meio cansadote, precisando não tanto de descanso como de liberdade, isto é, libertação do horário, dos compromissos.

Recebe com os teus o meu saudoso abraço

Erico

123 Achille-Claude Debussy (1862-1918) foi um músico e compositor francês. É por vezes visto como o primeiro compositor impressionista, embora ele rejeitasse o termo. A música inovadora de Debussy agiu como um fenômeno catalisador de diversos movimentos musicais em outros países. Autores como Ravel, Béla Bartók, Heitor Villa-Lobos e outros foram por ele influenciados. Do *Prélude à l'Après-midi d'un Faune* com que, para Pierre Boulez, começou a música moderna, até *Jeux*, toda a arte de Debussy foi uma lição de inconformismo. Outras de suas obras muito executadas são o *Quarteto de Cordas* (1893), a ópera *Pelléas et Mélisande* (1893–1902), os *Nocturnes para Orquestra* (1899) e *La mer* (1903-1905).

Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Claude_Debussy

Washington, 2 de março de 1955

Amigo Caro:

Este caixeiro-viajante anda meio desnordeado na sua correspondência particular. Tenho viajado tanto que já nem sei a quantas ando. Mas tenho a desconfiança de que te escrevi depois que voltei do Panamá... ou não te contei que tinha ido inesperadamente ao Panamá representar a Organização no Congresso del Niño? Pois é. Saí daqui com 5° Fahrenheit acima de zero e cheguei lá com 90. Fiz um discurso realista cuja cópia mandei ao Maurício. Depois, passei uma semana em casa e me toquei para Virginia, onde tomei parte num painel do Hollins College (*Freedom Around the World*). Havia lá o sr. Oralepe Onipede, da Nigéria e um Fu qualquer da China. Conheci o mais liberal dos americanos, Mr. Frank Graham, antirracista, pró-labor, anti-McCarthy – grande orador e grande praça. Foi um painel memorável. Meu discurso (talvez o melhor de todos quantos fiz até agora) contou a história do underdog latino-americano desde a época pré-colombiana até nossos dias, mostrando como ele jamais gozou de liberdade. De volta de Virginia, passei um dia em casa e segui para Hartford, Connecticut, na aristocrática Nova Inglaterra, para falar perante um grupo de leaders de clubes femininos. Um chauffeur uniformizado me levou numa limousine Cadillac negra para uma mansão estilo Tudor no fundo dum parque. Um butler alemão de casaco de mescla e calça listrada apanhou a minha candanguíssima mala e levou para meus aposentos no segundo andar, enquanto uma maid também uniformizada me oferecia bebida. Deixaram-me em paz por uma hora, tempo que usei para tomar um banho e me meter na minha Sunday best¹²⁴ de sarja azul. Depois o chauffer me levou para o lugar onde eu tinha de falar, durante um jantar. Falei, e tudo,

124 Traje de domingo.

como de costume, correu muito bem. Após a conferência, a dona da casa em que me hospedava deu uma recepção durante a qual fiquei descadeirado. Tratava-se de Mrs. Auerbach, proprietária do maior departmet store da cidade e dama famosa por seus empreendimentos filantrópicos. No dia seguinte, continuou a farra, tornei a falar e passei horas respondendo a perguntas. Dei uma entrevista no rádio e fui convidado para um programa de televisão – no qual não tomei parte por falta de tempo. Porque às 2h45min deixei a plataforma onde estava falando e me toquei para a estação para tomar o trem para New York, onde esperava o Maury Valente, da Embaixada do Brasil, excelente sujeito com quem eu tinha combinado passar o weekend em Nova York. Cheguei ao anoitecer. Fomos comer num restaurante chinês perto da Broadway: lagosta à moda de Cantão e chicken fried rice. Depois fomos – sem nenhuma esperança – a uma agência de bilhetes de teatro. Encontramos lugares, e bons!, para *The Desperate Hours*¹²⁵ e para um musical *Plain and Fancy*¹²⁶. O primeiro é um drama de “suspense”, três criminosos escapados de uma penitenciária entram numa casa de família, onde ficam esperando um dinheiro que alguém lhes vai mandar, e usam membros da família como reféns. A todas essas, a polícia se empenha em descobrir o paradeiro dos criminosos. É uma peça muito bem-feita e muito bem representada. A outra é uma revista leve tipo *Oklahoma*,¹²⁷ embora não tão interessante como esta. Na mesma

91

125 *Horas de Desespero* (1955), filme dirigido por William Wyler, com roteiro de Joseph Hayes, autor da peça, estrelado por Humphrey Bogart, Frederich March, Arthur Kennedy.

126 Comédia musical de Albert Hague, letra de Arnold B. Horwitt, libretto de Joseph Stein e Will Glickman, foi levada no Mark Hellinger Theatre, da Broadway, em 1955-1956. É uma das primeiras representações de uma comunidade Amish na cultura popular americana. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Plain_and_Fancy

127 Comédia musical, dirigida por Fred Zinnermann, com roteiro de Sonya Levien e William Ludwig, estrelada por Gordon MacRae, Gloria Grahame,

noite em que vimos a primeira daquelas peças, fomos a Greenwich Village expressamente tomar um café italiano expresso. Andamos correndo os bares e cafés daquela parte de Manhattan que brinca de Paris. É realmente uma zona interessante, refúgio de poetas, pintores, escultores e frescos. Vestem-se como a turma das caves existencialistas, cabeleiras crescidas, bigodões caídos pelos cantos da boca, barbichas românticas, mistura de raças – enfim uma coisa que a gente não espera encontrar nesse país. No dia seguinte, vimos um excelente filme inglês *The Heart of the Matter* do romance do G. Greene¹²⁸. Visitamos o Museu de Arte Moderna, onde está uma prodigiosa exposição internacional de fotografias intitulada *The Family of Man*.¹²⁹ E vimos, no museu mesmo, uma série de filmes documentais, inclusive um, que achei estupendo, feito na Suécia: *Um Dia em Estocolmo*. Corremos as casas de discos onde comprei os Brandenburgueses por dois dólares cada um (Columbia, Reiner)¹³⁰. Há uma grande redução nos preços. Há casas que vendem os discos de Haydn por U\$1,98. A Westminster anuncia a comemoração de seu aniversário vendendo discos a U\$2,98, 12 polegadas. Em matéria de livros há coisas extraordinárias de baratas. Há uma casa em que todos os livros custam 19 cents. Em alguns casos, só o papel vale

Gene Nelson e Charlotte Greenwood. Cf. <https://www.imdb.com/title/tt0048445>

128 Henry Graham Greene (1904-1991), mais conhecido como Graham Greene, escritor inglês, jornalista e crítico. Sua obra mais famosa é *Nosso Homem em Havana*.

129 Essa ambiciosa exposição, que reuniu centenas de imagens de fotografos que trabalhavam no mundo inteiro, foi uma clara declaração de solidariedade global na década após a Segunda Guerra Mundial. Organizada pelo célebre fotógrafo e diretor do Departamento de Fotografia do MoMA, Edward Steichen, a exposição tomou a forma de um ensaio fotográfico celebrando os aspectos universais da experiência humana. In: <https://www.moma.org/calendar/exhibitions/2429>

130 *Concertos de Brandenburgo*, de J.S. Bach, regidos por Fritz Reiner.

mais que isso. Vimos outros dois filmes, ambos bons. Um inglês, *An Inspector Calls*, tirado de uma peça de J.B. Priestley¹³¹, e outro francês, *Les Compagnes de la Nuit*¹³², sobre o tráfico de brancas em Paris. Domingo voltei para casa. Dentro de duas semanas vou para Cincinatti, fazer duas conferências sob o patrocínio da Taft Foundation. Depois falarei na Universidade de Harvard. E no Wellesley College. E em abril vou a Georgia outra vez: cinco conferências em lugares diferentes. Sim, e tirarei finalmente minhas férias em maio próximo. Vou ao México com a Mafalda. Passaremos lá um mês, viajando pelo interior.¹³³

Clarissa anda numa atividade tão grande que, desde que cheguei, só a vi por cinco minutos. Quando saio de manhã ela está dormindo. Quando volto de noite ela saiu para o ensaio de sua próxima peça e só volta às 2, quando eu já estou ferrado no sono. Estou contente com o interesse que ela toma pelo teatro. Os grupos que frequenta, como creio que já te disse, são pobres, de sorte que ela é ora a make-up girl, ora a atriz, ora a auxiliar do diretor. Faz de tudo, até ajudar a pintar cenário e costurar costumes.

Luiz Fernando já toca vagos foxes e blues no seu saxofone. Sua coleção de jazz enriquece dia a dia. É um grande devorador de

93

131 A peça *Um Inspetor Chama* foi escrita pelo dramaturgo inglês J. B. Priestley em 1945. Estreou nesse ano na União Soviética, no Teatro Kamerny em Moscou, devido à falta de vagas nos teatros londrinos. Na Inglaterra, foi levada no Old Vic de Londres, em 1946. É uma das obras mais conhecidas de Priestley para o palco e é considerada um dos clássicos no teatro inglês de meados do século XX. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/An_Inspector_Calls

132 *Les Compagnes de la Nuit (Companheiros da Noite)*, drama policial dirigido por Ralph Habib, de 1953, estrelado por Françoise Arnout, Raymond Pellegrin e Pierre Cressoy.

133 A viagem foi narrada por Erico no livro *México*, de 1957.

livros. Lê desde Mickey Spillane¹³⁴ até Faulkner¹³⁵.

Por falar em ler, diverti-me muito com o teu Balcão¹³⁶ sobre os cronistas sociais. Eles merecem. Que cretinos! Parece até que foi uma doença que apareceu de repente em Porto Alegre. Está muito bem escrito. Toda família leu e gostou. Não li ainda o último Balcão que mandaste na carta que me chegou esta manhã. Lerei hoje na cama.

Quanto ao livro da tua senhora, está claro que farei por ele tudo quanto for possível. Manda uma informação detalhada sobre o mesmo, para eu ir consultando editoras de New York. E depois, se eles pedirem, manda os originais. Eu já te havia mandado este recado há tempo. Ando desconfiado de que uma de minhas cartas se extraviou.

Mudei a cápsula do braço do meu high fidelity, pois uma agulha de diamante dura apenas um pouco mais de um ano.

Recebi ontem, finalmente, o disco que me mandaste. Não falei com o portador, mas sim com – of all people! – Miss Dorothy Dudley, a inefável Dot. Lembra-se dela? Pois é. Surgiu-me de repente com o disco. Felizmente não ficou no meu escritório mais de 20 minutos.

94

Achei a gravação bastante razoável. Agora, as músicas e a interpreta-

134 Mickey Spillane (1918-2006) vendeu centenas de milhões de livros. Introduziu o icônico detetive Mike Hammer aos leitores em 1947 com *Eu, o Juri*, e foi nomeado Grande Mestre dos Escritores de Mistério da América em 1995. In: <https://www.amazon.com/Mickey-Spillane/e/Boo0APA186>

135 William (Cuthbert) Faulkner (1897-1962), romancista e contista norte-americano, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1949. O maior romancista americano de sua geração, e um dos grandes escritores do século XX, distingue-se por seus extraordinários recursos estruturais e estilísticos, pela extensão e profundidade de caracterização e notação social, e por sua persistência e sucesso ao explorar questões humanas fundamentais em termos intensamente locais. Foi notabilizado por obras como *O Som e a Fúria* (1929), *Luz de Agosto* (1932), *Absalom, Absalom!* (1936) ou *Go Down, Moses* (1942). Cf. <https://www.britannica.com/biography/William-Faulkner>

136 Refere-se a “Balcão de Livraria”, coluna de Caro no *Correio do Povo* de Porto Alegre.

ção me pareceram ótimas. Thanks. Pedi a Miss Dudley que dissesse ao portador que passasse por aqui antes de voltar para o Brasil, pois quero que ele leve os discos que me pediste para comprar.

Escrevi novamente para o Maurício, mas não espero receber carta dele tão cedo. Quem me escreveu foi o Cavalheiro, uma carta pessimista quanto ao Brasil e muito nacionalista quanto ao petróleo. Acha que tudo se resume nisto: entregar ou não entregar o petróleo aos Estados Unidos. Está tomado pela coisa econômica e acha que quem matou o Getúlio foi a luta do petróleo. Respondi dizendo que ele estava saltando por cima de todo um capítulo de psicologia, esquecendo todos os motivos que levaram o velho G. a matar-se.

Aqui na União o serviço parece aumentar. Os problemas se multiplicam. E a primavera está chegando. Sempre fico um pouco preocupado quando essa cavalheira entra. Vontade de mandar tudo para o diabo e sair a caminhar sob as cerejeiras em flor. E tomar sol e muito sol. Céu e muito céu.

Que me contas de Porto Alegre? E a cidade? Progride? Novos edifícios? Já está pronto o da Krahe? E o Jockey Clube? Manda dizer.

Estou lendo várias coisas ao mesmo tempo, no outro tempo de que disponho. *Les Mandarins*.¹³⁷ *Marxism: Past and Present*.¹³⁸ Ah! Muito obrigado pelo inquérito em torno da tradução francesa de *O Resto é Silêncio*.

Estou torcendo para que consigas a cadeira de professor. Seria ótimo para ti e para os alunos! Vai aqui o último retrato deste notável e honrado administrador.

137 Romance à-clef de Simone de Beauvoir, *Os Mandarins* mereceu o Prêmio Goncourt em 1954.

138 Obra de R.N. Crew Hunt, publicada por G. Bles em 1954. Cf. https://www.amazon.com/Marxism-past-present-Carew-Hunt/dp/B0006AUoPO/ref=sr_1_7?dchild=1&keywords=Marxism%2C+past+and+present&qid=1600975683&s=books&sr=1-7

Escrevo sempre. Prometo responder logo.
Recebe com d. Nina e tua sogra o meu abraço.

Erico

PS.: Acho que a conferência do Conselho Cultural que ia sediar-se no Brasil se realizará em Havana, no próximo mês de novembro. Como vês, esta é uma carta desordenada, apressada, misturada. Talvez seja melhor assim. Detesto escritura epistolar.

Washington, domingo, 26 de junho de 1955 – 8h30 da noite

My dear Caro:

Voltei do México há três dias e devo-te resposta a cem mil cartas. Foi uma viagem interessantíssima da qual sairá um livro. Creio que tenho material mais rico e colorido do que o dos Gatos Pretos.¹³⁹ Não podes calcular quanta coisa nos aconteceu. Nosso trem saltou dos trilhos, a locomotiva virou de patas para o ar e com ela cinco carros. Houve alguns feridos, mas nosso *pullman* permaneceu imperturbável, e nós com ele. Fotografamos em cor o “desastre”, pois o socorro levou cinco horas para chegar até nós, dando-nos tempo não só para essas expansões fotográficas como também para observar a reação dos índios diante do perigo e da morte. Imperturbáveis. A Morte é a sua namorada querida. O sofrimento, um hábito.

Passamos vinte dias na capital. Visitamos Puebla e Oaxaca, no Sul. Taxco e Cuernavaca no Oeste. Guanajuato e Querétaro no Norte. Vimos igrejas fabulosas. Apaixonei-me pelo barroco mexicano. Em Taxco nos hospedamos na Casa de Humboldt¹⁴⁰, onde o barão viveu quando por lá andou. Essa casa foi construída no século XVI e servia de pouso aos mercadores chineses que aportavam em Acapulco e dali subiam para o México com suas porcelanas, sedas e outras bugigangas. Retretas na praça, festas de igreja com foguetes,

97

139 Sobre essa viagem, Erico lançaria *México*, em 1957. Foi seu terceiro livro de viagens, após *Gato Preto em Campo de Neve* (1941) e *A Volta do Gato Preto* (1946), em que relata suas experiências nos Estados Unidos.

140 Friedrich Wilhelm Heinrich Alexander von Humboldt, o barão de Humboldt (1769-1859), mais conhecido como Alexander von Humboldt, foi um geógrafo, naturalista e explorador nascido na Prússia, atual Alemanha. In: https://pt.wikipedia.org/wiki/Alexander_von_Humboldt

prateiros, santeiros; pura idade média nas igrejas. Que país dramático! A cor dos tapetes e rebozos¹⁴¹ pode ser viva e berrante, mas a cor essencial da terra e da alma mexicanas é parda. E a História do país, que romance trágico! As crianças com seus olhos de veludo úmido e terno impressionam. E os burricos também.

No ônibus que nos levou ao sul houve um princípio de incêndio. Registrei diálogos com índios, condutores de táxi, gente da rua. Tiramos 210 fotos coloridas que estão sendo transformadas em slides. Vi teatro de revista, teatro sério, ópera espanhola (*El Gato Montés*¹⁴², uma delícia, num teatro provinciano). Conheci um pintor tipo Matisse (Chucho Reyes¹⁴³) e para meu gosto mais interessante que Matisse. Estive em uma conferência gozadíssima de Diego Rivera e passei algumas horas com Siqueiros, seu correligionário político

98

141 Um rebozo é uma manta comprida usada principalmente pelas mulheres no México, de várias maneiras: enrolada na cabeça e/ou no tronco, para evitar o sol, abrigar-se ou como acessório de um traje. É utilizada também para carregar bebês ou trouxas grandes, especialmente entre as mulheres indígenas. <https://en.wikipedia.org/wiki/Rebozo>

142 *El Gato Montés (O Gato Selvagem)* é uma ópera em três atos, composta por Manuel Penella, que também escreveu o libreto em espanhol. Sua première foi em 1916 no Teatro Principal em Valencia. A ópera obteve grande sucesso na Espanha e outros países de fala espanhola. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/El_gato_mont%C3%A9s

143 Jesús Reyes Ferreira (1880-1977), nascido José de Jesús Benjamín Buenaventura de los Reyes y Ferreira e também conhecido por Chucho Reyes, foi um pintor autodidata e colecionador de arte e antiguidades, bem como marchand. Começou a pintar em papel crepe, para empacotar suas vendas. O papel decorado se tornou popular a ponto de vender sozinho. Reyes passava horas por dia pintando. Seu trabalho foi exibido em Nova York em 1942, mas sua primeira exposição individual aconteceu só em 1967 no Palacio de Bellas Artes depois de meio século de pintura. Suas obras são relativamente simples e muitas vezes deixadas de lado como pintura folclórica, mas sua estética foi elogiada por artistas e arquitetos famosos à época. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Jes%C3%BAs_Reyes_Ferreira

e inimigo artístico¹⁴⁴. Vi *Joana d'Arc na Fogueira*¹⁴⁵, com artistas mexicanos. Virei todo o basfond do Distrito Federal, andei pelos mercados mais famosos. Encontrei um barão alemão, restaurador de igrejas coloniais, e cuja família se parece com a do compositor Sanger da *Ninfa Constante*¹⁴⁶. Voltei com o caderno cheio de notas,

144 O muralismo se desenvolveu de maneira definitiva durante as décadas de 1920 e 1930, resgatando a cultura indígena, com influências da arte pré-colombiana das civilizações Maia, Asteca e Inca e misturando tudo isso à arte moderna. Os grandes prédios públicos eram as telas principais dessa nova modalidade artística, que deveria chegar a todos sem discriminação. Os três principais representantes da nova técnica eram Clemente Orozco (1883-1949), David Siqueiros (1896-1974) e Diego Rivera (1886-1957). Os temas principais de suas obras, com profundas raízes indigenistas e carregadas de religiosidade, eram as desigualdades sociais, a exploração dos camponeses, a miséria, a luta contra o imperialismo ianque e o arbítrio. <https://www.revistaforum.com.br/as-cores-de-uma-revolucao-que-simbolicamente-pode-voltar-ao-poder-com-obrador/>

145 *Jeanne d'Arc au Bûcher* ou *Jeanne au Bûcher* é um mistério lírico (ou oratório dramático) em 11 cenas de Paul Claudel e Arthur Honegger. A primeira versão para orquestra se deu em 1938 em Bâle (Suíça, sob a direção de Paul Sacher, com Ida Rubinstein no papel de Joana e o coro de meninos de Bâle). A primeira versão cênica ocorreu em 1942, na Opernhaus de Zurich, na adaptação alemã de Hans Reinhard. Cf. https://fr.wikipedia.org/wiki/Jeanne_d%27Arc_au_b%C3%BBcher

99

146 *A Ninfa Constante* é protagonizada pelos Sanger, uma complexa família chefiada por um pai músico e compositor, completamente embebido na sua própria obra e partidário de uma educação antiautoritária. Sua morte provoca o choque de sua descendência com as normas sociais. Este foi um romance subversivo e muito popular, quando publicado em 1926. Logo tornou-se um dos maiores bestsellers do século. Dele se fizeram versões teatrais e cinematográficas, assim como incontáveis traduções. Margaret Kennedy (1896-1967) se inscreve na grande tradição britânica de sagas em que a mulher tem um papel dominante e que teve sua idade de ouro com os maiores romancistas do século XIX. Esse romance lhe deu renome universal. Cf. <https://www.casadellibro.com/libro-la-ninfa-constante/9788489846203/621758>

a pele queimada e cheio dum desejo de escrever sobre esse estranho país de montanhas, vulcões, índios místicos, bandidos e visionários.

Lamentei a morte do Rentzsch,¹⁴⁷ pessoa de quem eu gostava. Posso bem imaginar os transtornos que isso e o estado de José estão causando à Americana. Tenho pensado muito em arranjar dinheiro para fazer em Porto Alegre (talvez seja loucura) um recanto em que haja um pequeno teatro de 100 cadeiras, para teatro íntimo e conferências, uma casa de chá, uma livraria de livros estrangeiros e de luxo e uma loja de discos finos. O homem para dirigir essa casa serias tu. Mas não sei se tal iniciativa poderia encontrar apoio da gente de dinheiro. Ah! Esse lugar também teria facilidades para exposições de pintura. Como estás a ver minha intenção não é ganhar dinheiro, mas dar à cidade (e gozar também) dum ambiente agradável, uma espécie de oásis para a gente descansar desse deserto em que às vezes se transforma a nossa cidade. A dream? Maybe.

Esta carta vai apressada (estou aproveitando a noite de domingo) porque sei que amanhã lá na União não terei tempo para nada.

¹⁰⁰ Estou decidido a voltar lá por fevereiro. Não vou antes porque o trabalho não permite. Continuo a gostar daqui e achar a vida muito boa, apesar do muito serviço e das responsabilidades que tenho. Mas acho que se eu ficasse mais tempo aqui iria prejudicar o meu filho e, quem sabe?, a mim mesmo.

Continua escrevendo!

Meu hi-fi está meio estragado. Ainda não ouvi música desde

147 Segundo artigo de Sérgio da Costa Franco, “em 1914, último ano da publicação do Anuário do Estado do Rio Grande do Sul, aparece anúncio da LIVRARIA AMERICANA, com sede à Rua dos Andradas, 363, então sob a razão social de Cunha, Rentzsch & Cia. [...] Aquele número deveria corresponder ao prédio térreo da esquina da Rua Gen. Câmara, que aparece em histórica fotografia, muito divulgada”. Herbert Caro foi funcionário da Livraria e Rentzsch era um dos proprietários. Cf. <https://seer.ufrgs.br/revistaihrgs/article/viewFile/57551/34532>

que cheguei. O defeito é um ruído, um zumbido que aumenta ou diminui quando a gente se aproxima do aparelho. Nada grave, parece. Bom. Até a próxima carta. Um grande abraço do

Erico

16.4 de Agosto de 1955

Amigo Caro: Estou em dívida para
 contigo. Too many things going on at the
 same time. (o calor, brother, este calor
 de fronteira, maciço, implacável, úmido.
 Fiquei a uma hora (4.30 da tarde) von à
 Embaixada do Brasil, que recebi a correspon-
 da de brasileiros que aqui está a convite
 da UARIG. Não sei que conhecidos encontrarei.
 Dátem terminai uma história — THE LIFE AND
 DEATH OF A GAUCHO — para o número especial
 que a ATLANTIC MONTHLY vai dedicar ao Brasil
 e que escrevereis com muito entusiasmo na
 proximidade talvez o livro sobre o México.
 Vi há dias The Skin of our Teeth do Thornton
 Wilder. Gostei muito. Telemundo an donning-
 ons a sua obra de teatro de verão, o Other, que fica
 a 30 km. de Washington. Dátem vi no auditó-
 rio do Park, uma revista muito vagabunda.
 Em Setembro vamos encenar a La Bohème em
 inglês aqui no nosso Artco Garden. Teremos
 um outro bom concerto de músicas de câmara,
 tudo promovido pelo nosso Department.
 Discos comprados recentemente: 3 de Clavier
 Übung; 3 de Mozart, por Lily Kraus; vários
 de Bach — Mandante o último catálogo
 de discos — O sr. Donald Glassman,
 a quem emprei a colocação do Livro de
 Nina, me informou que tem recebido difi-
 culdades em escolas, mas que vai continuar
 preparando o ditivo.
 A família vai bem. Cláudio também quer
 um excelente curso intensivo de ~~de~~ ~~de~~ ~~de~~
 e também mesmo vai para Vermont, onde passará
 2 semanas. L. Eduardo tem feito progressos
 no desenho e no xerofone. Os pais dos

Washington, 4 de agosto de 1955

Amigo Caro:

Estou em dívida para contigo. Too many things going on at the same time (o calor, brother, este calor de fornalha, maciço – implacável, úmido). Daqui a uma hora (4:30 da tarde) vou à Embaixada do Brasil que receberá a caravana de brasileiros que aqui está a convite da VARIG. Não sei que conhecido encontrarei. Ontem terminei uma história – *The Life and Death of a Gaucho* – para o número especial que a *Atlantic Monthly*¹⁴⁸ vai dedicar ao Brasil.

Estou escrevendo com muito entusiasmo, mas pouquíssimo tempo, o livro sobre o México.

Vi há dias *The Skin of our Teeth*¹⁴⁹. Gostei muito. Tenho ido aos domingos àquele teatro de verão, o Olney,¹⁵⁰ que fica a 30km de Washington. Ontem vi no anfiteatro do park uma revista muito vagabunda. Em setembro vamos encenar a *Sabrina Fair*¹⁵¹ em inglês

148 O texto foi publicado pela *Atlantic Monthly* e está disponível no ALEV.

149 *The Skin of Our Teeth*, peça de Thornton Wilder, recebeu o Prêmio Pulitzer de Drama. Estreou em 1942, no Shubert Theatre em New Haven, Connecticut, antes de passar ao Plymouth Theatre na Broadway em 1942. Foi produzida por Michael Myerberg e dirigida por Elia Kazan. In:

https://en.wikipedia.org/wiki/The_Skin_of_Our_Teeth

150 Um dos dois teatros estaduais de Maryland, o Olney Theatre Center localiza-se em 14 acres no meio do triângulo Washington–Baltimore–Frederick. Em maio de 2016, recebeu 18 Helen Hayes Awards desde a criação dos prêmios em 1985, e foi indicado a eles 146 vezes. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Olney_Theatre_Center

151 *Sabrina Fair* (subtítulo *A Woman of the World*), comédia romântica de Samuel A. Taylor, produzida pela Playwrights' Company, durou 318 exibições na Broadway, estreando no National Theatre em 1953. Dirigida por H. C. Potter, foi estrelada por Margaret Sullavan e Joseph Cotten,

aqui no nosso Aztec Garden. Teremos no outono bons concertos de músicas de câmara, tudo promovido pelo nosso Departamento.

Discos comprados recentemente: 3 do Clavier Übung¹⁵²; 3 de Mozart por Lily Kraus¹⁵³; vários Bachs – mandei-te o último catálogo de discos. O senhor Donald Glassman, a quem confiei a edição do livro da Nina, me informa que tem encontrado dificuldades em colocá-lo, mas que vai continuar procurando editor.

A família vai bem. Clarissa termina amanhã um excelente curso intensivo de verão e amanhã mesmo vai para Vermont, onde passará duas semanas. L. Fernando tem feito progresso no desenho e no saxofone. Os pais das crianças vão bem.

Esta carta é apenas mera retomada de contato. Em breve mandarei outra mais decente e noticiosa. Um abraço do teu amigo

Erico

com Cathleen Nesbitt, John Cromwell e Russell Collins. A peça foi a base do filme de 1954 *Sabrina*, dirigido por Billy Wilder, e para a versão dirigida por Sydney Pollack. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Sabrina_Fair

152 *Clavier-Übung* (Klavierübung) significa exercício para teclado. Nos séculos XVII e XVIII era um nome comum para coleções de música para teclado. O termo ficou associado principalmente às quatro publicações de *Clavier-Übung* de Johann Sebastian Bach. Erico se refere às seguintes: Johann Sebastian Bach – Clavier-Übung I - Sechs Partiten (Seis Partitas); Clavier Übung II (Concerto Italiano e Abertura Francesa); Clavier-Übung III (Missa Alemã para Órgão). Gravações atuais estão disponíveis no YouTube.

153 Lili Kraus (1903-1986) foi uma pianista húngara, naturalizada neozelandesa, especialista em Mozart e Beethoven. Durante a Segunda Guerra, quando se apresentava em Java, foi capturada pelos japoneses e internada num campo de concentração de 1943 a 1945. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Lili_Kraus

19 de agosto de 1955

Amigo Caro,

Recebi tua carta última e logo em seguida o cartão do Rio. Imagino que tua viagem tenha sido divertida e proveitosa, e que já estejas de volta, mergulhado na rotina. Aqui estamos mergulhados... n'água. Chove há quase uma semana. Este tem sido o pior verão de quantos já passei neste país, e em qualquer outro. Ontem a umidade era tal (94%) que a gente chegava a sentir a alma encharcada.

Faço votos para que tenhas encontrado a senhora tua mãe já restabelecida, ou a caminho disso. A minha andou muito doente, com uma infecção renal e febre alta. Isso me dá muito cuidado e reforça meu desejo de voltar. Estou firmemente decidido a embarcar em princípios de março de 56. Não será fácil porque a campanha para eu ficar continua aqui na União.

Mudamos de casa há quatro dias. Encontramos uma casinha de tábuas, simpatiquíssima, e talvez a mais confortável das três, apesar de ser a mais barata. Tem quatro quartos de dormir, living, sala de estar e um den nos fundos (onde fica a televisão, a eletrola do Luiz F.). Pintada de novo em cores alegres, a casa é acolhedora. Fica a meia quadra da anterior, que tivemos de entregar inesperadamente à dona.

Estou atravessando um período de chateação, impaciência e inapetência, que quero otimisticamente atribuir ao verão. Estou escrevendo sobre o México (e lendo muito), mas lentamente, pois só posso trabalhar nos weekends. Meu hi-fi está parado: mandei o cartridge de volta à fábrica, para que lhe corrijam um defeito.

Escrevi em inglês um conto que a revista *The Atlantic* me pediu. (Acho que já contei isso. Sorry!) Ontem o redator de cinema do *The New York Times* me entrevistou pelo telefone a respeito da filmagem duma das histórias que a Vera Cruz está fazendo de O

Tempo e o Vento. O diabo é que só tenho uma notícia vaga e indireta de que estão filmando *O Sobrado*, e não *Ana Terra*.¹⁵⁴ Atribuo isso a uma questão de economia. *O Sobrado* exige menos gente, menos mudanças de cenário, portanto, menos dinheiro. Mas nada me informaram. Vou escrever hoje a São Paulo.

Macmillan me pediu para cortar algumas cenas escabrosas de *Noite*. Respondi que desistia do contrato. Replicaram que não aceitavam a desistência e queriam publicar o livro.

Como encontrei o Ronai? E os outros?

As associações judaicas de que me falas são muito “encontradiças” (perdão) aqui neste país, e parece que muito poderosas. Não acredito que o Maurício se interesse.

Como vai o frio por aí? Vou comprar várias estufas para a minha casa.

Parabéns pela reorganização da Americana¹⁵⁵. New hopes.

Muito obrigado pelo recorte que mandaste com a crítica de Carlos Dante¹⁵⁶ sobre *Noite*.

106 Dentro de um mês recomeço as atividades conferencísticas. Vou à Virginia falar num college de moças. Vou fazer o discurso de abertura do ano letivo numa universidade em Florida. Irei também a Yale. E farei um programa de televisão que será filmado em outubro e distribuído pelas estações de TV em dezembro: uma besteirinha sobre o Natal. Só de pensar nessas coisas fico gelado. É que tudo isso, visto do ângulo mole e pegajoso deste verão úmido, está longe de ser sedutor.

154 A Vera Cruz filmou, de fato, *Ana Terra*. A direção foi de Durval Garcia e o filme foi lançado em 1972.

155 A Livraria Americana situava-se na esquina da rua General Câmara com a Rua dos Andradas. Herbert Caro foi seu balconista por anos, e da experiência resultaram suas crônicas “Balcão de Livraria”, publicadas no *Correio do Povo*.

156 Carlos Dante de Moraes.

Como vai a política? Em quem vais votar? Que esperanças haverá para o Juarez¹⁵⁷? Creio que se houver eleições Juscelino ganhará. De qualquer modo Jango¹⁵⁸ será eleito.

Então nosso amigo Thomas Mann se foi... A gente se acostuma a querer bem essa gente e quando eles morrem é como se um parente chegado ou um amigo desaparecessem. Ouviste falar no último livro dele, uma ampliação dum velho conto sobre um patife¹⁵⁹?

A estação dos livros não começou. O que tem aparecido agora no verão não é importante.

Receberás dentro de algumas semanas o catálogo de LP que te mandei há algum tempo.

Bom, amigo Caro, vou fazer ponto. Prometi almoçar em casa hoje, pois o meu filho precisa do carro para ir à lição de saxofone. (Clarissa voltou de Vermont, onde estava descansando com seus amigos teatrais).

Recebe com os teus um saudoso abraço do amigo de sempre,

Erico

157 Trata-se de Juarez Távora, adversário de Juscelino Kubitschek nas eleições de 1955 para a Presidência da República.

158 João Goulart, vice-presidente na chapa de Kubitschek.

159 Erico se refere a *Confissões do Impostor Felix Krull*, autobiografia ficcional de um homem para quem todos os meios são aceitáveis para se atingir os fins desejados. Embora tenha começado a ser concebido nos anos 1910, e parte dele tenha saído antes em forma de conto, este foi o último livro publicado por Thomas Mann, no outono de 1954. Cf. <https://www.amazon.com.br/Confiss%C3%B5es-impostor-Felix-Krull-Primeira/dp/8535930477>

Washington, 11 de junho de 1956

Amigo Caro:

Desde que cheguei da minha excursão a Porto Rico, Peru e Equador, estou pensando em te escrever, mas em vão, pois não encontro tempo nem tranquilidade. Não se trata apenas do Aconcágua de cartas e pacotes que encontrei sobre minha mesa de trabalho, mas também e principalmente o relatório que tive de preparar sobre as Conferências para a Secretaria Geral, o programa de atividade do Departamento para o ano fiscal 1957-1958 e no qual temos de incorporar as decisões de Lima ...

108 Mas antes de ir mais longe nessas considerações administrativas, quero dar-te uma notícia importante. Clarissa vai casar com um americano. O que eu temia aconteceu. Trata-se duma amizade que “degenerou” em amor. Eram companheiros de teatro. A princípio fiquei chocado. A ideia de me separar de minha filha não me era nem me é ainda agradável. Depois fiquei triste e mais tarde resignado. Agora começo a encarar o problema ou, melhor, a situação com uma serena alegria. O que tem de ser tem de ser. Afinal de contas, para ser bem honesto, nunca acreditei que Clarissa pudesse adaptar-se de novo à vida de Porto Alegre. Naturalmente já se começa a fazer teatro aí. Mas que me dizes das intriguinhas, da maledicência, das limitações que toda a mulher sofre no Brasil? A pobre menina tinha e tem a desvantagem de ser minha filha, o que a colocaria on the spot permanentemente. Voltaremos todos em setembro, e em dezembro o “noivo” irá até aí para casar-se. Chama-se Dave Jaffe, é patricio, de Brooklyn, 27 anos, físico, não é glamour boy, usa óculos, tem um ar de rapaz estudioso e parece boa praça. And that’s that.

Recebi o disco que me mandaste. Muito obrigado. Eu já tinha um exemplar que o Tostes¹⁶⁰ me mandou. Está comigo a lista de discos de tua encomenda. Começarei as compras em tempo.

Ontem vi os slides da minha viagem. Há alguns estupendos. Outros sofreram um pouco com a falta de luz, pois não havia muito sol no Peru. Dessa viagem te contarei algo quando nos encontrarmos. Só te direi que no avião que me levou a Cuzco encontrei Jean Louis Barrault¹⁶¹ e parte de sua companhia. Tornei a encontrá-los em Quito. Hospedamo-nos na mesma pension (de luxo), fomos apresentados numa recepção no Ministério do Exterior (Equador) e tive a oportunidade de ver duas representações: *La Repetition*, de Anouilh¹⁶² e

160 Theodemiro Tostes (1903-1986) foi um poeta, diplomata, escritor e tradutor brasileiro, amigo de Erico Verissimo. Com Augusto Meyer, Ruy Cirne Lima, Vargas Netto e Pedro Vergara formou o primeiro grupo modernista no Rio Grande do Sul. Suas obras mais conhecidas são *Novena à Senhora da Graça*, de 1928 e *Pequeno Guia de Poesia Portuguesa*, de 1967. Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Teodomiro_Tostes

161 Jean-Louis Barrault (1910-1994), ator, diretor e produtor francês, cujo trabalho, entre peças de vanguarda e clássicas, ajudou a reviver o teatro na França depois da Segunda Guerra Mundial. Trabalhou na Comédie Française, dirigindo e atuando em peças como *Fedra*, *Antonio e Cleópatra* e *Le Soulier de Satin*, de Paul Claudel. Deste, levou várias peças, dando visibilidade ao poeta-dramaturgo. Na sua própria companhia, mais tarde, encenou a tradução de Gide de Hamlet, as farsas de Georges Feydeau e o moderno teatro de Eugène Ionesco, Christopher Fry, Jean Anouilh e Jean-Paul Sartre. Dirigiu o Odéon (hoje Théâtre de France), onde encenou Samuel Beckett, e o Théâtre des Nations. Fundou o Théâtre D'Orsay. Cf. <https://www.britannica.com/biography/Jean-Louis-Barrault>.

162 Jean Marie Lucien Pierre Anouilh (1910-1987) foi um dramaturgo francês, cuja carreira percorreu cinco décadas. Embora sua obra vá do drama sério à farsa absurda, é mais conhecido pela adaptação de *Antígona*, de Sófocles, vista como um ataque ao governo do Marechal Pétain em Vichy. Escritor prolífico, depois da Segunda Guerra Mundial, a maior parte de seus temas girou em torno da manutenção da integridade num mundo de compromisso moral. *La Répétition* ou *l'Amour Puni* é uma peça de cinco atos, caracterizada pelo teatro dentro do teatro, representada pela primeira vez no

Les Fausses Confidences, de Marivaux.¹⁶³ Não posso conceber coisa mais perfeita.

O avião que me levou a Cuzco voou a 7.000 metros de altura, sobre a cordilheira. Como não tinha cabine pressurizada, passamos duas horas com um tubo de oxigênio na boca. A viagem a Macchu Picchu, a “cidade perdida dos Incas”, foi muito interessante. Cenário fabuloso. Verdes lindíssimos. Giestas, begônias e outras flores em estado selvagem. Lagos transparentes, lhamas, picos nevados.

Li *Un Certain Sourire*, da Sagan¹⁶⁴. Mediocre na minha

Théâtre Marigny, em 1950. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Jean_Anouilh

163 Pierre Carlet de Chamblain de Marivaux (1688-1763), mais conhecido como Marivaux, foi um dramaturgo e novelista francês. O teatro de Marivaux retoma o lema da comédia *castigat ridendo mores* (“rindo, corrige os costumes”) e constrói uma espécie de ponte entre o teatro tradicional italiano da *commedia dell’arte* e seus personagens (principalmente Arlequim) e o teatro mais literário, mais próximo dos autores franceses e ingleses da época. Foi considerado um dos mais importantes dramaturgos franceses no século XVIII, embora não tivesse obtido sucesso no século anterior. Escreveu numerosas comédias para a Comédie-Française e para a Comédie-Italienne de Paris. Seus trabalhos principais são *Le Triomphe de l’amour*, *Le Jeu de l’Amour et du Hasard* e *Les Fausses Confidences*, uma comédia em três atos em prosa, levada à cena pela primeira vez em 1737 pelos atores da Comédie Italienne no Hotel de Bourgogne, Paris. Também publicou ensaios e dois romances incompletos, *La Vie de Marianne* e *Le Paysan parvenu*. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Pierre_de_Marivaux/Le_fausses_confidences

164 Françoise Sagan (1935-2004) – cujo nome verdadeiro era Françoise Quoirez – foi uma dramaturga, romancista e roteirista francesa. Saudada como um “pequeno monstro encantador” por François Mauriac na primeira página do *Le Figaro*, Sagan tornou-se conhecida por obras com fortes temas românticos envolvendo personagens burgueses ricos e desiludidos. Seu romance mais destacado foi o primeiro – *Bonjour Tristesse* (1954) –, escrito quando era adolescente. *Un Certain Sourire* foi seu décimo, publicado em 1956. As suas personagens, nos anos 1960, se tornaram ícones para os adolescentes, de certa forma como os de J. D. Salinger. Na sua carreira literária até 1998, Sagan escreveu dezenas de obras, muitas delas adaptadas para

opinião. Estou lendo o último romance de Jules Romains¹⁶⁵.

A notícia que me dás da nova firma me entusiasma. Desejo-te toda a sorte possível.

Vou dia 14 deste mês a New York representar o Secretário numa “comida”. Dia 21 volto para uma conferência no Biltmore Hotel (N.Y).

Termino minhas funções aqui na União exatamente no dia 14 de setembro. Saio no dia seguinte para New York e no dia 20 tomo o vapor da Moore McCormack que me deixará no Rio no dia 4 de outubro. De lá para P.A. não sei em que dia nem em que veículo. Minha mulher recusa-se a voar.

Bom, vou fazer ponto.

Recebe com os teus um grande abraço do

Erico

o cinema. Ela conservou o estilo austero do romance psicológico francês, mesmo durante a voga do nouveau roman. Além de romances, peças e uma autobiografia, compôs letras de música e roteiros cinematográficos.

https://en.wikipedia.org/wiki/Fran%C3%A7oise_Sagan

165 Jules Romains (Louis Henri Jean Farigoule) (1885-1972) foi um romancista, poeta, dramaturgo e ensaísta francês, membro da Academia Francesa. Fundou o movimento literário Unanimismo, contra o individualismo, buscando em seus trabalhos a expressão da alma coletiva dos grupos sociais. Entre suas obras, inclui-se a peça *Knock ou le Triomphe de la Médecine*, e um ciclo de romances, *Les Hommes de Bonne Volonté*. Sinclair Lewis o considerava um dos melhores seis romancistas do mundo. Foi indicado ao Prêmio Nobel dezesseis vezes. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Jules_Romains

[Logomarca]
ADELPHIA HOTEL
Chestnut Street at Thirteenth
Nearest Everything Inn
Philadelphia 7, PA.

27 de maio – 3:40 da tarde

Temperatura: 76 graus F

Caro amigo:

Não. Não estou em Philadelphia. Apenas uso o papel do Adelpia, o primeiro que me saiu da gaveta. Escrevo-te às carreiras. A vida aqui continua em ritmo acelerado. Já começo a me aborrecer destes probleminhas contínuos e chatos. Encerrei a temporada de conferências da primavera. Espero que durante o pavoroso verão washingtoniano ninguém se lembre de me convidar para falar.

112

Estive em Nova York nos dias 20 e 21. Que cidade fabulosa! Não pude fazer muita coisa. Falei na Brazilian-American Society, numa sala do Hotel Biltmore, onde me hospedei. Duas horas mágicas. Depois da conferência, veio a parte mais dura, as conversas com as velhotas, as perguntas infundáveis. Fiquei de pé das 8 da noite à 1 da madrugada. Eu que naquela tarde havia caminhado intensamente, olhando livrarias e casas de discos! Pouca coisa fiz na cidade. Almocei com os meus editores e passei uma hora com um executive dos Mentor e Signet Books.

Depois disso falei aqui em Washington para um grupo de velhas verdes e para os adidos culturais das embaixadas. Conheci os cultural attachés da União Soviética, da Romênia e Checoslováquia. Isso aconteceu num almoço no Dupont Plaza, em que fui guest da embaixada da Costa Rica.

Tua carta de 16 me chegou este dia e foi, como sempre, muito apreciada. Minha mulher reclama quando não levo para casa tuas cartas. Ela as acha muito noticiosas.

As notícias que me dás da temporada de concerto são magníficas. Tomara que tudo saia de acordo com o programa.

Aqui em Washington termina a season e o verão já se anuncia. My God!

Clarissa foi passar uma semana em New York. Telefona todos os dias. Está delirante com os shows.

Recebi hoje carta do Cavalheiro, em que me fala no Maurício e me conta que este nosso amigo andou muito preocupado com uma fotografia minha em que apareço empunhando uma garrafa de leite. Devo contar-te a história dessa foto. Estava eu almoçando com alguns professores da Universidade de Denver, no Colorado, quando alguém se lembrou de chamar o fotógrafo da universidade. O rapaz veio, me tirou várias poses e por fim sugeriu que eu pegasse the bottle of milk. Tudo uma brincadeira. Só não imaginei é que essa fotografia pudesse ser distribuída por toda a América e logo no momento em que se fazia aqui a campanha contra o café. Positivamente, a gente tem de andar com cautela. Sei que vários amigos aí me censuraram por isso. Como explicar a coisa? Não, o melhor é não explicar. O que não compreendo é como um sujeito com o meu temperamento e as minhas inclinações tenha escolhido a profissão que escolhi...

Tens visto o Maurício? Continuo no escuro a respeito dele. Estará feliz no novo negócio? Vai abrir um varejo ou apenas um depósito? Em que condições se meteu na firma? Entrou com dinheiro? Tem percentagem? Ordenado? Ambos? Nada sei.

Estou hoje cansadíssimo. Quisera escrever-te uma carta descansada, numa hora mais favorável. Mas, se vou esperar essas clareiras na floresta de trabalho e preocupações, não escrevo nunca.

Passei o dia redigindo um memorial ao Conselho da OEA para apresentá-lo na próxima sessão em que se discutirá a nossa briga

“familiar” com o Comitê do México. E a todas estas cá estou eu com o sentimento de “não ser daqui, mas de Niterói”¹⁶⁶.

Em New York vi livros ótimos por preços baixíssimos. É uma cidade em que encontras tudo. Quando as finanças melhorarem vou passar uma semana lá. Há muito que ver e fazer.

Mando-te de volta o artigo teu que o *Correio* não publicou. É uma pena que o suplemento tenha sido interrompido. Se um jornal que ganha dinheiro não pode manter um suplemento literário, quem pode?

Perdoa pelo desalinhavado desta carta.

Um grande abraço do

Erico

166 Alusão ao samba de Ataulfo Alves, *Eu Não Sou Daqui. Eu Sou de Niterói*.

Cartas de Erico Verissimo a Vianna Moog



Vianna Moog e Erico Verissimo, em 1956.
Fonte: ALEV/IMS

ORGANIZACION DE LOS ESTADOS AMERICANOS
 ALBERTO LLERAS [Logomarca OEA] WILLIAM MANGER
 Secretário General Secretário General Adjunto

SECRETARIA GENERAL
 UNION PANAMERICANA
 Washington 6, D.C., E.U.A.

7 de maio de 1953

Meu caro Moog:

Parece brinquedo, mas cá estamos nós, tu e eu, dentro da *organization*¹⁶⁷. Chegamos aqui domingo passado, por volta das 6 da tarde. O dr. Lleras e o cônsul Veras e mais uns brasileiros estavam na estação. Segunda-feira tomei “poesia” do cargo. O negócio me parece duma complicação incrível. Confesso-lhe que nos primeiros dois dias fiquei deprimido, assim com uma vontade danada de fugir. Ora, tu sabes, este lugar exige um *comissário* e eles conseguiram apenas um *iogui*. Estou tentando ter um bird’s eye view de todo o Departamento ou, melhor, da OEA, para depois estudar a coisa em detalhe. Mas numa coisa estou certo. É de que não poderei substituir decentemente o Amoroso Lima, que aqui deixou um grande nome. Claro, eles me acharão um nice fellow, mas não acredito que possa dar ao Departamento meta e o entusiasmo e o ímpeto do Tristão. Enfim, veremos.

117

Como vais aí pelo CCA? Creio que muitas vezes em cartas particulares e sem papas na língua terei de conversar contigo e te contar a respeito de vários problemas. (I was told there are many concerning your department, kid.) A coisa assim fica mais fácil e a gente pode evitar atritos e demoras.

¹⁶⁷ Refere-se à OEA.

Antes que eu me torne oficial demais, quero te perguntar como vai a Frigga¹⁶⁸, como vão vocês e quais são os planos do casal.

Estou com toda a tribo aboletada no Roger Smith à procura duma casa e muito esperançado de achar uma hoje ainda, em Washington.

Nestes cinco dias de Washington, em matéria de tempo, temos tido tudo: doçuras primaveris, tempestades de granizo, calor de trópico e principalmente aquele tempinho tipo Porto Alegre, em que a gente não sabe se vai vestir tropical ou casimira.

Manda notícias. O Brasil está muito mal. O custo da vida sobe assustadoramente. (Comprei dólares a 45, inapelavelmente.) Há inquietação, rumores de golpe militar, fermentações comunistas, o diabo. Creio que é bom a gente estar longe de lá. Mas confesso-te que as saudades são muitas. Em 1943 deixei P.A. sem emoção. Desta vez saí comovido. Pudera! Lá era outono e as paineiras estavam floridas.

Confidentially, se eu soubesse que o trabalho na direção do Departamento de Cultura era desta natureza, eu não o teria aceito. É absorvente e complexo. Não posso dormir atrás do desk. Nem na frente dele. E não creio que possa encontrar tempo (principalmente tempo psicológico) para escrever o terceiro volume de *O Tempo e o Vento*.

118

By the way, que fim deste ao teu livro? Que é que há com ele? Não vais entregar ao editor? Quais são as tuas dúvidas? Me parece que é a melhor coisa que fizeste até hoje, a mais séria e mesmo assim uma das de maior interesse de leitura.

Ah! Escrevi uma novela no veraneio – *Noite*– artisticamente talvez o meu melhor livro. 200 páginas com tipo grande, composição rombada.

Mafalda recomenda-se à Frigga. So do I.

Para ti um grande abraço do

Erico

168 Consulte o índice de citações.

ORGANIZACION DE LOS ESTADOS AMERICANOS

ROBERTO LLERAS
Secretario General



WILLIAM WANDER
Secretario General Adjunto

ARGENTINA - BOLIVIA - BRASIL - COLOMBIA
COSTA RICA - CUBA - CHILE - GUAYMAL
SALVADOR - ESTADOS UNIDOS - GUATEMALA

HAI TI - HONDURAS - NICARAGUA
PARAGUAY - PERU - REPUBLICA
DOMINICANA - URUGUAY - VENEZUELA

SECRETARIA GENERAL
UNION PANAMERICANA
Washington 6, D. C., E. U. A.

13 de Maio de 1953

Meu caro Mayra: Não há necessidade a certo que te escrevi
há alguns dias e que talvez não o tenha feito e isso, é certo, por causa
do cristão, já muito interessava neste, que não, não, não e absorvente
trabalho que me ocupa há 5 dias, não há 5,30 de tarde.

Consegui uma acomodação numa casa nas proximidades do Rock Creek
Park e da rua 16. Estubo ali há num hotel de apartamentos, pois a casa
não será entregue no dia 10 de junho próximo. Fui lá até feliz e já fasti-
dava com o trabalho.

Está muito te informo de tua chegada a New York. O breves
no sugaria que te pedisse as idéias sugeridas que na tua volta para o Brasil
de, ficasse uma parada em Washington, pois seria interessante que conversas-
sésseis, e a eu sobre assuntos do G.C.A. Será privativo? Faltas a ver que
além dos maiores assuntos da Organização que tem a honra de contar com o
nome de rei de suas colaborações. Faltas a ver que há muitas incertezas
surgidas que seria fácil de discutir, de fato. Faltas, de São Leopoldo e dar umas
boas rixadas, que isso não faz mal a ninguém.

Não diga qualquer coisa. Um o meu endereço de U.P.A.

Mais uma vez pergunto o ^{teu}plano?

Recibo com a firma um abraço de toda esta família.

E vem!

Erico

ORGANIZACION DE LOS ESTADOS AMERICANOS
ALBERTO LLERAS [Logomarca OEA] WILLIAM MANGER
Secretário General Secretário General Adjunto

SECRETARIA GENERAL
UNION PANAMERICANA
Washington 6, D.C., E.U.A.

13 de maio de 1953

Meu caro Moog:

Não sei se recebeste a carta que te escrevi há alguns dias e que remeti para o México. De todo o caso, cá estou, no lugar do Tristão, e já muito interessado neste complexo, complicado e absorvente trabalho que me ocupa das 9 da manhã às 5:30 da tarde.

Conseguimos uma esplêndida casa nas proximidades de Rock
120 Creek Park e da rua 16. Estamos ainda num hotel de apartamentos, pois a casa só nos será entregue no dia 10 de junho próximo. A família está feliz e já familiarizada com Washington.

Esta manhã me informaram de tua chegada a New York. O Crevenna¹⁶⁹ me sugeriu que te passasse um bilhete sugerindo que, na tua volta para o México, fizesses uma parada em Washington, pois seria interessante que conversássemos, tu, ele e eu sobre assuntos do C.C.A. Será possível? Estás a ver que além dos magnos assuntos da Organização que tem a honra de contar com nossos nomes no rol de seus colaboradores, teríamos outros não menos importantes assuntos que seriam falar do Brasil, de Porto Alegre, de São Leopoldo e dar umas boas risadas, que isso não faz mal a ninguém.

169 Consultar índice de citações.

Manda dizer qualquer coisa. Usa o meu endereço da U.P.A.
Mais uma vez pergunto: e o teu livro?
Recebe com a Frigga um abraço de toda esta família.
E vem!

Erico

ORGANIZATION OF AMERICAN STATES

ALBERTO LLERAS [Logomarca OEA] WILLIAM MANGER
Secretary General Assistant Secretary General

GENERAL SECRETARIAT
PAN AMERICAN UNION
Washington 6, D.C., U.S.A.
Department of Cultural Affairs
Érico Veríssimo, Director

17 de junho de 1953 [a]

Moog:

Tua esplêndida carta me deu uma grande alegria. As notícias sobre *Pioneiros e Bandeirantes* (ou vice-versa) são ótimas. O livro já estava bom na primeira forma e agora com o segundo capítulo ficou ainda melhor. Participo plenamente do teu otimismo quanto ao sucesso de crítica e de venda. (Por sucesso de crítica *I mean* as discussões, as notas desfavoráveis, *as well as* as críticas elogiosas.)¹²² É realmente o livro da tua maturidade. E um livro para ficar.

Muito boa está também a carta para o Henriquillo¹⁷⁰. Talvez ele se comova. Tu o conheces tão bem como eu e sabes que, sendo o sujeito melhor do mundo, além de inteligente, ele vive num permanente medo de *aventuras* – isto é, de edições acima da tiragem de rotina. Vamos esperar. Seria uma pena que tivesses de ir bater à porta do Zé Olympio¹⁷¹.

Cada vez me convenço mais de que é um erro estar o Comitê de Ação Cultural no México. Podíamos bater grandes papos com proveito mútuo.

Estamos agora na casa do McDermott, que é um encanto de

¹⁷⁰ Refere-se a Henrique Bertaso.

¹⁷¹ Fundador da Livraria José Olympio Editora.

casa. Fica praticamente dentro do Rock Creek Park.¹⁷² Ouvimos o dia inteiro o canto dos passarinhos, como nos melhores versos de Gonçalves Dias, e esquilos brincam no nosso jardim, o que não deixa de ser uma novidade para um sujeito de Cruz Alta.

Ontem tivemos uma grande noite brasileira. Jantamos com Augusto Frederico Schmidt¹⁷³ (de quem gostei muito, veja só) com a Clarice Lispector e o marido. Depois de comermos um bom prato no Colony, fomos caminhar no Mall até depois da meia-noite.

Tenho achado a colônia brasileira aqui muito simpática. Estou enternecido até pela castelhanada, que me parece muito mais interessante do que os nativos.

Ainda não pude ler nada de substancial e muito menos escrever. Vou fazer a primeira tentativa no próximo sábado.

O trabalho aqui aumenta à medida que vou ficando mais senhor dos assuntos e da engrenagem do Departamento e da União.

I am sorry, mas tenho que tratar contigo dum abacaxi do CAC, o que faço na carta anexa para não macular esta.

Mafalda lá está se lançando na cozinha, mas bastante feliz. A Theda Bara¹⁷⁴ gasta carradas de carvão naqueles olhos. O Lico¹⁷⁵ continua na sua vida de lobo solitário.

Bom, vou parar. Recebe com a Frigga o nosso abraço. (*What about your kids?*)

E inté!

Erico

172 Parque urbano de Washington, com 1.754 acres, criado em 1890 pelo Presidente Benjamin Harrison, terceiro parque nacional implantado pelo governo federal. Cf. <https://www.nps.gov/rocr/index.htm>

173 Poeta carioca da segunda geração do Modernismo.

174 A filha Clarissa, atriz amadora, é comparada à atriz estadunidense do cinema mudo.

175 Apelido de Luis Fernando Verissimo.

17 de junho de 1953 [b]

Velho Moog:

Um rápido bilhete. Teu chamado telefônico de ontem me alarmou porque não vejo jeito de atender ao teu pedido quanto à ida do pessoal dessa Secretaria a São Paulo e porque, por outro lado, isso pode ser mais um puntito de fricção.

124 A organização da lista de funcionários da UPA que vão ao Brasil para as duas reuniões – a nossa e a do Conselho Econômico – está sendo discutida com muito cuidado e selecionada com um rigor que nada tem de pessoal. O número de pessoas cujas despesas de transporte e diárias o governo brasileiro vai pagar tem de ser limitado. Nós não temos senão 8.000 dólares para custear transporte e estada em São Paulo da nossa delegação (sete pessoas). O nosso chefe da secção de Música está roxo para ir à América do Sul, onde tem concertos contratados em Buenos Aires, Lima e possivelmente Porto Alegre. No entanto nada lhe posso prometer. O negócio é sério. Só vai quem pode ser útil nas duas conferências (exceção feita a Nannetti, Sanchez e outros chefes de secção do Departamento). Estamos até encontrando dificuldades para levar homens como o dr. Heft, da nossa secção de intercâmbio educacional.

Como posso eu justificar a inclusão de toda a Secretaria do CAC? Tu achas que estas coisas aqui têm de ser discutidas nestes meetings e se o Diretor não pode fazer uma defesa convincente, está perdido.

Eu compreendo tua situação. Si compreendo! Mas que é que se vai fazer? Não há dinheiro.

Agora, te peço uma coisa. Por amor de Deus tira da cabeça a ideia de que o Crevenna possa estar fazendo qualquer trancinha neste assunto.

A lista está sendo preparada pela Secção de Conferências do

Departamento Administrativo, em consulta com o Manger, o dr. Taylor (diretor de Assuntos Econômicos e Sociais) e comigo.

Estou procurando na *Volta do Gato* (e no volume anterior também) a citação dos gadgets.

Não podes calcular o que se trabalha por aqui. Dia e noite. Estou quase estourando de chateação com estas traduções de manuais, relatórios.

Um abraço e até a vista!

Erico

ORGANIZATION OF AMERICAN STATES

ALBERTO LLERAS [Logomarca OEA] WILLIAM MANGER
Secretary General Assistant Secretary General

GENERAL SECRETARIAT
PAN AMERICAN UNION
Washington 6, D.C., U.S.A.
Department of Cultural Affairs
Érico Veríssimo, Director

17 de junho de 1953 [Anexo]

Moog:

Já que o CAC não está aqui a nosso coté, é pelo menos um alívio para mim saber que estás aí e de vez em quando posso te passar uma carta confidencial speaking my mind a respeito do trabalho desse respeitável Comité.

126 Não acredito que já tenhas entrado em atividade, pois se tivesses eles não poderiam produzir um paper tão ridículo como o

ESTÚDIO DEL COMITÉ DE ACCIÓN CULTURAL

Sobre las bases para el desarrollo de Programas de Geografía e Historia, etc.

Pega um exemplar e abre-o na página 6. Encontrarás no parágrafo 3 uma conversa à melhor maneira de Cantinflas.

Na página 7 terás dissertações muito discutíveis (e crucialmente os parágrafos 4, 5 e 7).

Página 14: parece-me tola aquela frase “Mentalidad entre los norteamericanos e los latinos del resto del continente”.

O pior, entretanto, vem na página 15, quando se fala em “la raza aria inventada totalmente por el señor de Gobineau¹⁷⁶”.

¹⁷⁶ Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882), diplomata, escritor e filósofo

Não creio que “no exista ninguna diferencia entre la inteligencia de los diversos grupos humanos que poblan la tierra”. Acho que temos de levar em conta o environment, que acaba determinando diferenças.

Na página 16 encontro este horror: “Y se hemos de creer a Platón, comprenderlo todo es olvidar y perdonarlo todo”.

E assim por diante. Não quero nem posso discutir a filosofia do comitê, mas posso e devo discutir a qualidade do “estudio”. Não te parecem ridículas e sem propósito essas filosofanças? (Há besteiras imensas nas páginas 19, 20, 21, 22, 23 e 24). A transcrição da carta ao prof. Scott Elton¹⁷⁷, página 26, é dum ridículo de matar.

Bom. Perguntarás: “mas que queres que eu faça?”. Eu te digo. Quero que tentes, caso aches isso possível, fazer que o comitê retire o estudo e o refaça, não esquecendo a recomendação que acho sensatíssima do Dr. Lewis (ver carta página 30 do mesmo estudio). Segundo a qual “all projects relating to geography and history should be channeled through the Pan American Institution of Geography and History”. Seria muito fácil vocês fazerem o trabalho de acordo com o Instituto aí no México.

127

Seja o que for que decidires, manda logo me dizer.

Outra coisa, o comitê pede um tape recording. Não temos verba pra comprar. No hay plata. There is no money. Pas d’argent.

Estou informado também de que o CAC pediu ao Sr. Fatib¹⁷⁸ e ao dr. Holmes para prepararem um resumo dos quatro volumes da Carta Cultural. Isso é um absurdo. É impossível fazer um resumo. O total dos volumes vai a mais de 8. O Fachedo, aqui no Departamento, trabalha há mais de um ano no index da Carta Cultural. Depois disso é que vai ser feita uma consolidação pelo departamento jurídico.

francês, teórico do racionalismo no século XIX. Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Arthur_de_Gobineau

177 Pouco legível. Provavelmente Elton.

178 Pouco legível. Provavelmente Fatib ou Latib.

Velho Moog, perdoa esta chateação. Não penses que eu já
esteja ficando um panamerichato convicto, heavens no.

Manda dizer alguma coisa. My heart bleeds.

Um abraço

Erico

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS
ALBERTO LLERAS [Logomarca OEA] WILLIAM MANGER
Secretário Geral

Subsecretário Geral

SECRETARIA GERAL
UNIÃO PAN-AMERICANA
Washington 6, D.C., E.U.A.
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS
ERICO VERISSIMO, Diretor

13 de julho de 1953

Meu caro Moog: O portador é o dr. Angel¹⁷⁹, um dos melhores homens do meu Departamento. Vai ao México defender uma tese a gozar uns dias de férias. Gostaria que conversasses com ele. Não me refiro a assuntos da OEA, mas a outros assuntos mais arejados. Ele parece interessado na tese de teu livro *Bandeirantes e Pioneiros*.

Recebi tua carta. Chegou uma oficial do embaixador MacEachen. Que mais podemos lhe dizer senão que tudo está okay? É melhor não provocar atritos. Tenho muito medo dessa raça de embaixadores. (Já reparaste que grande embaixador daria o dr. Abdon de Melo¹⁸⁰?).

129

Vamos todos bem em Upshur Street, onde esperamos vocês a qualquer momento.

Temos tido muitos brasileiros lá em casa, não só os residentes em Washington como também os itinerantes.

O Henrique já te respondeu? Keep me informed, will you?

Ainda não pude escrever uma linha. Recebi há três dias as

179 Consultar índice de citações.

180 Procurador-geral do Ministério Público do Rio Grande do Sul, presidiu a fundação da Associação do Ministério Público em 1941. Cf. https://www.amprs.com.br/public/arquivos/revista_artigo/arquivo_1274904313.pdf

provas de página de *Noite* que já corrigi. Tenho, porém, de reescrever o último capítulo, verdadeiro tatu, e dos big.

Mafalda manda lembranças a vocês.

Aceita com tua esposa e vítima um abraço do amigo de sempre

Erico

Washington, 6 de Agosto de 1953

Meu caro Moor: Recibi neste momento tua excelente carta. Me acordas com o que disse de Bandenants + Prouais, e da tua Conclusão em torno de Capitalismo, catolicismo e protestantismo é provoking. O livro será um bestseller de Aida e depois, constituirá o que chamamos de "journalists", isto é, com de toda carta mais permanentemente. Como a imprensa americana, e da parte particular que o Patrimônio assinou no Brasil, vi que o livro está realmente muito bom como o teu livro. De tua pessoa de "esse homem de quem eu sei de fato mais": "em suma, faças muito que consorça sobre o teu livro. O Henrique só o mencionou uma vez em tua carta. "Não sei por que é que o Moor, em tanta quantidade de tua primeira edição de 15.000." So.

Pela carta que recebi do Subarcaner Meu irmão si me realmente não há nada contra mim pessoalmente. Parte da culpa de todo o isto me parece estar no seguinte ponto: nosso. Isto carta de que poderemos apurar todos os defeitos, principalmente a tua - a minha por o "Cochesito-philosof" - o filósofo Rodriquez. Continuamos de tua plom.

Qua tua jornada: sou só o México. Chegou na manhã de domingo 30 de agosto, no avião de São Paulo e amanhã de ler 27. Infelizmente teu humor de vom. Além disso, não há dinheiro para a viagem: proibido o México. De tua vez o L. Fonseca outro, em tua mesma parte. E uma vez de tua plom. Vi passando aqui.

Bom. Looking forward to seeing you soon. Como sempre o sempre abraço aos dois.

P.S. Meu tradutor, o Barrett, volta de um breve de férias. Continuaremos a respeito da mat. do teu livro.

Washington, 6 de agosto de 1953

Meu caro Moog:

Recebi neste momento tua excelente carta. De acordo com o que dizes de *Bandeirantes e Pioneiros*, e com a tua conclusão em torno de capitalismo, catolicismo e protestantismo, é provoking. O livro será um bestseller de saída e depois, constituirá o que chamo de “permalento”, isto é, obra de venda lenta, mas permanente, como *Casa Grande e Senzala*. Pela carta particular que o Caro escreveu ao Crevenna, vi que o homem está realmente entusiasmado com o teu livro. De tua pessoa ele diz: “Esse homem de quem cada vez gosto mais”. Em suma, temos muito que conversar sobre o teu livro. O Henrique só o mencionou uma vez em carta: “Não sei porque é que o Moog faz tanta questão de ter uma primeira edição de 15.000”. Só.

132 Pela carta que recebi do Embaixador MacEachen vi que realmente não há nada contra mim pessoalmente. Parte da culpa de todo o lío me parece caber ao secretário nosso. Estou certo de que poderemos ajustar todas as diferenças, principalmente agora que pulou para o licenciado-filósofo-pistoleiro Rodriguez. Combinaremos aí um plano.

Para teu governo: vou só ao México. Chegarei na manhã de domingo 30 de agosto no avião que sai daqui a meia-noite do dia 29. Mafalda tem horror de voar. Além disso, não há dinheiro. Clarissa foi hoje operada: quisto pilonidal. Eu tive um e o L. Furnsach¹⁸¹ outro, in the same place. É uma marca da fábrica. Vai passando bem.

181 Erico se refere ao filho Luis Fernando, qualificando-o de “furnsach”, em gaélico-escocês, “arrogante”.

Bom. Looking forward to seeing you soon como dizem os gringos, abraço vocês todos.

Erico

P.S.: Meu tradutor, o Barrett, voltará em breve do Equador. Conversaremos a respeito da trad. do teu livro.

Washington, 18, VIII (agosto), 1953

Moog:

Tem paciência. Lê este negócio. É curto e – I hope – painless. Quero conversar contigo sobre o último capítulo. Que tatu, seu compadre!

Dia 28, viernes, estarei aí. Conforme te comuniquei, tive de antecipar a viagem para aceitar um convite do dr. MacEachen.

Mafalda e *hijos* vão muito bem.

Para vocês todos, abraços do

Erico

Washington, 17 de novembro de 1953

Meu caro Moog:

Cá estou para dar e pedir notícias. Como vão vocês? Como vai o teu livro? Já te entendeste com o Henrique? E a prima Iara? A Frigida foi para o Brasil? Speak up, hombre!

Os Verissimos vão muito bem, bastante felizes com Washington. A Mafalda andou numa recepção na Casa Branca, às voltas com a Mamie. Quando ela voltou para casa, lancei-lhe ao rosto: “tirei-te do anonimato, ó imigrante, para te abrir as portas da Casa Branca e os braços da Mamie Eisenhower”. Mas, como bem sabes, essas gringas são mais mal-agraçadas...

A Clarissa tomou parte num play de profissionais (mas como extra) no Arena Stage¹⁸². Estava feliz da vida. Já não quer nem ouvir falar em voltar para o Brasil. Estuda arte dramática na Universidade Católica.

136

O Luis Fernando continua no seu trancão antigo, não toma conhecimento da vida social, vive no seu mundo de hotjazz, discos, novelas, sports. Está terminando a High School.

Quanto a mim, continuo a trabalhar como um burro. Andei por Chicago, Philadelphia, Delaware e vários pueblitos dos arredores de Washington, fazendo conferências. Escrevi um artigo para uma revista de Paris, outro para *Americas* e um review de *Amazon Town*¹⁸³ para o *New York Times Book Review*. Há poucos dias revisei

182 O Arena Stage é um teatro amador regional, fundado em 1950, em Washington, dedicado a peças e dramaturgos norte-americanos. Suas produções têm recebido inúmeros prêmios locais e nacionais, inclusive o Tony Award. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Arena_Stage

183 Publicado em 1953, *Amazon Town: a study of man in the tropics*, de Charles Wagley, é um estudo etnográfico da comunidade Gurupá, situada

o diálogo do script de *Ana Terra*, que está muito bem feito e que pode dar um grande filme. Quanto ao romance, por enquanto nada.

Vai aqui uma cópia do speech que fiz em Delaware. Lê e passa para o Piazza¹⁸⁴. Ah! E uma besteirinha que escrevi sobre minha visita ao México.

Por carta deste nosso amigo [seta indicando o nome de Piazza no parágrafo anterior] fiquei sabendo que uma nova crise do CAC se aproxima, ainda mais séria que a anterior. Não sei o que possa ser. Tu sabes?

O embaixador MacEachen me escreveu dizendo que o comitê não quer preparar o paper sobre a Carta Cultural para Caracas por falta de tempo. Mando dizer que nada lhe resta senão conformar-se e parece que ele não gostou da resposta. Como é que vou provar que há tempo se o CAC acha que não há?

O outro ponto parece ser o da modificação do sistema de escolha dos representantes. Estou tão ansioso quanto vocês para que esse problema seja resolvido, mas acontece que o assunto não foi posto na agenda, apesar das nossas insinuações.

Um terceiro ponto: a presença do comitê ou de algum representante seu em Caracas. Acho que devo mandar um representante. O pessoal “lá de cima” afirma que nos estatutos não consta nada. Por insistência minha o dr. Manger vai ver se pode conseguir que se convide um delegado.

Por mais que procure não vejo motivo de crise ou queixa... poderás me dizer que é que há?

Todas essas diferenças e dificuldades têm origem no fato do CAC estar tão longe. Há problemas que se resolveriam com uma telefonada ou com umas palavras trocadas ao redor duma mesa

próxima de Marajó. Cf. <https://www.amazon.com.br/Amazon-Town-Study-Man-Tropics/dp/1258803372>

184 Consulte o índice de citações.

de café. No entanto, vivemos a trocar uma correspondência longa, complicada e, às vezes, inútil.

Manda dizer alguma coisa. Quais são os teus planos? Até quando ficas aí? Que notícias tens do Brasil?

Bom. Recebe com a Frigga e a Iara o nosso abraço.

E até!

Erico

Pan American Union
Washington 6, D.C.

May 5, 1954

Meu caro Moog:

Antes de mais nada, um abraço – caso não aches, como o MacEachen, que é demasiada petulância e presunção querer um simples funcionário da União Pan-americana abraçar um embaixador. (Não vale me mandar àquele lugar...).

Mas, falando sério, quero dar meu depoimento sobre esse azedíssimo *affair*: CAC x DAC.

Aqui vão os *highlights*:

1. O dr. R. Heliodoro Valle, numa sessão do Conselho, pergunta: “Que está fazendo o CAC?”
2. O CAC raciocina: “Se o dr. Valle pensa que nós não estamos trabalhando, é porque o DAC não distribuiu nossos estudos; logo, o DAC está nos sabotando”.
3. As desconfianças e as mal querenças do CAC se concentram no Crevenna, que passa a ser considerado a Eminência Parda do Departamento.
4. Chego a Washington e encontro esta situação: o CAC parece exigir o cadáver do Crevenna.
5. Concluo que tudo se deve a um grande mal-entendido e decido ir ao México.
6. Volto de México com a impressão de que as coisas ficaram razoavelmente arranjadas, mas que a distância que separa o CAC do DAC criará sempre mal-entendidos e desconfianças.

7. O tempo confirma minhas suspeitas.
8. Em vésperas de nossa partida para Caracas, o Piazza nos chega com um memorando do CAC que reduz o Diretor do Departamento à situação de mero datilógrafo do Comitê, tirando-lhe não só o direito de ter opiniões como também até o de classificar os documentos. (A coisa, no fundo, me parece um problema de semântica. Como sou “Secretário-Executivo” do CIC, o Embaixador MacEachen interpretou a palavra *secretário* ao pé da letra: - o que se encarrega da correspondência, o que toma ditado, o que datilografa cartas...).
9. *Contra a minha opinião*, o dr. Lleras aceita a maioria das imposições do CAC.
10. Em Caracas, numa das reuniões da Comissão de Funcionamento, o Embaixador Dreier dos Estados Unidos sugere que eu seja ouvido.
11. O que eu disse, em resumo, foi o seguinte: “Temos tido muitas dificuldades no Departamento em nossas relações com o CAC. Essas dificuldades têm origem principalmente num problema de limites de jurisdição e competência; e no fato de a distância geográfica que separa o CAC do DAC determinar um afastamento psicológico”.

140

“Devo confessar que as relações entre o Departamento e o Comitê são muito tensas.

“Falando com toda sinceridade, acho que a sugestão do delegado dos Estados Unidos quanto à redução do tempo de reunião do CAC é boa.

“Os cinco embaixadores que formam o CAC são pessoas indiscutivelmente cultas (não é verdade que eu tenha dito “*buenos señores*”). Mas não me parece que sejam especialistas em todas as matérias abrangidas pelos estudos que lhe encomendou o Conselho Cultural.

“Temos no DAC especialistas em sociologia, antropologia, história, geografia, filosofia, letras, ciências naturais, biblioteconomia, etc.

“Reunindo-se durante três meses por ano o CAC poderia examinar nossos estudos, aprová-los ou não; poderia fiscalizar também nosso trabalho e determinar nosso programa para o futuro”.

Agora, se achas que essa declaração constitui uma traição ou deslealdade, não poderemos continuar a discutir porque então estaremos falando línguas diferentes. Se pensas, como o dr. MacEachen, que um *empregado da União* não tem direito de dar opinião sobre um comitê formado de embaixadores, então eu me declaro completamente *emmerdé*.

Que tu queiras continuar trabalhando *full time* no CAC é coisa mui louvável. Mas que se procure negar-me o direito de dizer o que penso, ah!, isso não: morro seco e não me entrego, como dizia o meu saudoso conterrâneo João Mandioca.

Bom. O destino do CAC não está em minhas mãos. O CIC é que vai decidir. Seja como for, só ficarei mais um ano no DAC...

O que eu desejo é que agora com a nomeação dos novos membros do Comitê possamos ter um *fresh start*, e para isso conto contigo. Espero que o novo *chairman* não sofra de “complexo olímpico” e possa manter conosco relações normais que não sejam necessariamente as de rei e vassalos.

Manda notícias. Como está a tua gente? Quando vais entregar os originais do *Bandeirantes e Pioneiros*?

Tenho muita coisa a te contar. Mas fica para outra carta... menos cacada que esta.

Um abraço

Erico

O GETULIO... QUE BIRRAPTA BIRY!

Moray: Não comentar o suicídio do felício nem o resto porque são assuntos bons demais para gastar numa apressada carta de sexta-feira, à última hora da tarde.

O que te quero dizer é que, tendo recebido ontem a visita dum big shot da Macmillan Co, pedi-lhe uma cantata, tratada de ver-
der-lhe a ideia de uma tradução de PADEIRANTES E PIONEIROS em inglês. O homem tem conta-pedra do meu entusiasmo, tornou nota, fez perguntas e por fim ficou combinado que lhe mandaremos 5 exemplares da ideia brasileira logo que aparecerem. Achá que tem boas possibilidades.

Como deves saber, a Reunião do CIC foi transferida para 1958. Que pretensões fazer? Voltas p. o México?

Em qualquer caso, manda notícias

Vamos todos muito bem.

Recibe, com a Missa e a Kidalhada, o nosso saudoso abraço

Leiria

W. 10 de set-1957

Exmo. Sr.
Dr. Vianna Moog
Comitê de Ação Cultural
Apartado Postal 20994
México, D.F., México

Washington, 10 de setembro de 1954

Moog:

Não comentarei o suicídio do Getúlio nem o resto porque são assuntos bons demais para gastar numa apressada carta de sexta-feira, à última hora da tarde.

O que te quero dizer é que, tendo recebido ontem a visita dum big shot da Macmillan Co., passei-lhe uma cantada, tratando de vender-lhe a ideia de uma tradução de *Bandeirantes e Pioneiros* em inglês. O homem ficou contagiado do meu entusiasmo, tomou nota, fez perguntas e por fim ficou combinado que lhe mandaremos 5 exemplares da edição brasileira logo que aparecesse. Acha que tens boas possibilidades.

Como deves saber, a reunião do CIC foi transferida para 1955. Que pretendes fazer? Voltas p. o México?

Em qualquer caso, manda notícias.

Vamos todos muito bem.

Recebe com a Frigga e a kidalhada, o nosso saudoso abraço.

Erico

[Escrito na margem esquerda] O Getúlio... que biografia. Boy!

6 de outubro de 1954

Meu caro Moog:

Tu não calculas como ando atrapalhado. Tua carta e teu telegrama me chegaram na hora em que estou com o pé no estribo para uma nova viagem de conferências, desta vez a Minnesota, Illinois, Wisconsin, Michigan, Iowa e Ohio. Falarei sobre a técnica da novela na Northwestern, sobre o Getúlio em Minnesota, sobre o Brasil em Iowa e nos restantes estados farei aquele paralelo que conheces entre latinos e gringos. O assunto Getúlio foi pedido especialmente por telegrama.

Gostei das tuas notícias, principalmente do que me contaste das tuas andanças e falanças em Porto Alegre. E it is certainly good news saber que teu livro¹⁸⁵ aparecerá em novembro (embora eu ainda
144 duvide de que isso seja possível).

Bom, mas o fato é que não escrevi o artigo e nesta afobação não me será possível fazê-lo antes de voltar da excursão no fim deste mês de outubro. Mando aqui uma frase, um frasalhão, para o lançamento. O artigo então aparecerá quando o livro já estiver distribuído e começar a ser discutido. Está bem?

Quanto às reuniões do CAC estou contigo. Férias! Férias! Férias! Estamos, por outro lado, alarmados com a notícia de que o governo do Brasil só quer 10 (ou menos) funcionários da UPA para a conferência econômica. Se a coisa é assim, é bastante possível que peçam 3 ou 4 para a cultural, que reputam menos importante... e menos técnica.

¹⁸⁵ *Bandeirantes e Pioneiros*.

Estarei, pois, ausente deste escritório até o dia 31 de outubro.
Mafalda, como sempre, fica. Estamos procurando casa, pois
o embaixador McDermott deixou o posto e quer seu *home* de volta.
Recebe com a Frigga e hijos nossos abraços saudosos.
E até!

Erico

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS

CARLOS DAVILA
Secretário Geral



WILLIAM MANDER
Subsecretário Geral

ARGENTINA BOLÍVIA BRASIL CHILE
COLOMBIA COSTA RICA CUBA EL SALVADOR
GUATEMALA HAITI HONDURAS PARAGUAI
PERU URUGUAI VENEZUELA

GUATEMALA HAITI HONDURAS PARAGUAI
PERU URUGUAI VENEZUELA

SECRETARIA GERAL

UNIÃO PAN-AMERICANA
Washington 6, D. C., E. U. A.

26 de novembro de 1954

Prezado Senhor:

Tomo a liberdade de comunicar-me com V. Sa. para solicitar-lhe a valiosa colaboração em um dos projetos do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana. Como parte de nosso programa de aproximação cultural interamericana, tentamos preparar uma antologia de contos brasileiros em tradução inglesa, a qual, assim o esperamos, haverá de concorrer, em não pequena escala, para a divulgação de nossa literatura nos Estados Unidos da América.

A aludida obra seria elaborada de acordo com os seguintes critérios:

- a) Não se limitaria a autores vivos nem a um período determinado, porém incluiria de preferência escritores contemporâneos (desde fins do século passado até aos dias de hoje);
- b) Reproduziria seleções que, além de sua qualidade literária, tivessem valor por seu entredo ou por sua ação, vindo assim a interessar um público numeroso e não somente as elites.

A fim de facilitar a resposta de V. Sa., aprez-me anexar à presente um questionário sobre o assunto, rogando-lhe se digne de presentê-lo devidamente.

Sem dúvida, uma tarefa dessa natureza jamais poderia ser levada a bom termo sem o abalizado parecer de pessoas como V. Sa., razão pela qual lhe instamos encarecidamente atenda ao nosso pedido.

Valho-me do ensejo para apresentar a V. Sa., com os meus antecipados agradecimentos, os protestos de meu alto apreço,

Erico Veríssimo
Erico Veríssimo, Diretor,
Departamento de Assuntos Culturais

Ilmo. Sr. Clodomir Vianna Hoog
Rua Toneleros 200
Rio de Janeiro
Brasil

A Organização dos Estados Americanos remonta à Primeira Conferência Internacional Americana, celebrada em 1890. Sua Carta definidora foi assinada em 1948, na Nova Conferência. É um sistema contínuo, uma ordem de paz e de justiça, pautado na solidariedade americana, orientado à cooperação entre os Estados Membros e baseado na soberania, integridade territorial e independência. Dentro das Nações Unidas, a Organização constitui um organismo regional. A União Pan-Americana é o órgão central e permanente e o Secretário Geral da Organização.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS
CARLOS DAVILA [Logomarca OEA] WILLIAM MANGER
Secretário Geral Subsecretário Geral
SECRETARIA GERAL
UNIÃO PAN-AMERICANA

26 de novembro de 1954

Prezado Senhor:

Tomo a liberdade de comunicar-me com V. Sa. para solicitar-lhe a valiosa colaboração em um dos projetos do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana. Como parte de nosso programa de aproximação cultural interamericana, tencionamos preparar uma antologia de contos brasileiros em tradução inglesa, a qual, assim o esperamos, haverá de concorrer, em não pequena escala, para a divulgação de nossa literatura nos Estados Unidos da América.

147

A aludida obra seria elaborada de acordo com os seguintes critérios:

- a. Não se limitaria a autores vivos nem a um período determinado, porém incluiria de preferência escritores contemporâneos (desde fins do século passado até aos dias de hoje);
- b. Reproduziria seleções que, além de sua qualidade literária, tivessem valor por seu entrecho ou por sua ação, vindo assim a interessar um público numeroso e não somente as elites.

A fim de facilitar a resposta de V. Sa., aprez-me anexar à presente um questionário sobre o assunto, rogando-lhe se digne de preenchê-lo devidamente.

Sem dúvida, uma tarefa dessa natureza jamais poderia ser levada a bom termo sem o abalizado parecer de pessoas como V. Sa., razão pela qual lhe instamos encarecidamente atenda ao nosso pedido.

Valho-me do ensejo para apresentar a V. Sa., com os meus antecipados agradecimentos, os protestos do meu alto apreço,

[Assinatura de Erico Verissimo]
Erico Verissimo, Diretor,
Departamento de Assuntos Culturais.

Ilmo. Sr. Clodomir Vianna Moog
Rua Toneleros 200
Rio de Janeiro
Brasil

Washington, 24 de janeiro de 1955

Moog Velho:

Tua carta me chegou quando eu estava ausente, numa viagem a Georgia, onde tomei parte num panel que discutia *Latin American Affairs*.

Parece mentira, mas até agora não recebi nada da Livraria a respeito de teu livro. Nem os volumes nem a menor notícia. Não sei o que se passa com aquela gente. Deve ser falta de método no trabalho, o horror que o Henrique tem às secretárias; tudo isso e mais aquele ranço de Porto Alegre (tão encantadora em outros respeitos). Para teu governo, a edição portuguesa de *Noite* me chegou primeiro que a brasileira. A despeito de meus repetidos, angustiosos, dramáticos pedidos, só me mandaram alguns exemplares dessa novela um mês depois de seu aparecimento. Logo que chegar o pacote, remeterei por via aérea os exemplares destinados a ti, ficarei com um (que relerei para escrever o artigo) e mandarei dois ao Macmillan¹⁸⁶, conforme prometi. Tu achas mesmo que vale a pena publicar o artigo em *Americas*? Não será melhor divulgá-lo mais largamente no Brasil? Decide.

149

Hoje estou blue. (Diz a Mafalda, por telefone, que são restos da gripe que me atacou este fim de semana.) Ao meio-dia desejei almoçar com um sujeito que não me falasse da UPA nem da OEA nem do COASO nem do CACA¹⁸⁷, mas sim da rua da Praia, do Internacional, da Galeria Chaves, enfim, do Rio Grande, do Brasil. Tu estavas muito longe. Telefonei para o Armando Pires¹⁸⁸: comprometido. Acabei almoçando com o Erico Verissimo, sujeito chato, quase

186 Editor de Erico nos Estados Unidos.

187 Blague com CAC, Comitê de Assuntos Culturais.

188 Amigo que trabalhava na União Pan-Americana.

cinquentão, mau fígado. Não é totalmente um mau sujeito, mas hoje estava nos seus dias sombrios.

Pois é. Estamos numa casa nova, muito simpática e acolhedora. Estou tentando escrever *Encruzilhada*¹⁸⁹. Assim na maciota, como quem não quer nada, como quem procura se pegar de surpresa. Comprei uma escrivaninha de segunda mão, botei em cima dela aquele deus chinês, e nas horas vagas – que são poucas e cansadas – tento rabiscar alguma coisa.

A família vai muito bem. O Luis Fernando já toca valsinhas e vagos blues no saxofone. Duse¹⁹⁰ cita o Macbeth. A Mafalda se diverte, sadia, dá boas risadas, socorre a Clarice Lispector, que se parece muito com o Maurífico (por que saiu Maurífico em vez de Mauricio?)

A notícia de que teu *Bandeirantes e Pioneiros* está fazendo sucesso me alegrou. Tenho confiança no livro. É preciso que o Henrique toque uma boa propaganda e não deixe o livro ficar esgotado.

O Tejo me escreveu, mostrando-se escandalizado com a minha declaração de que teu novo opus está à altura do *Casa Grande*. Parece não concordar com tua tese.

150

Aqui vamos trabalhando. Não podes calcular a quantidade de problemas: rivalidades, ambições, atritos. Ah! E as chatíssimas reuniões de comitês. Se vou ficando é porque:

- a. Já gosto da turma com que trabalho.
- b. Há alguns projetos que me parecem bons e quero levar adiante.
- c. Minha família está felicíssima aqui e não quer ir-se agora.

189 *Encruzilhada* é a última parte de *O Arquipélago*.

190 Refere-se a Clarissa Verissimo. Eleonora Duse (1858-1924) foi uma atriz italiana de grande sucesso, que inovou a interpretação, renunciando a seu eu para encarnar suas personagens.

d. Este ano de eleições presidenciais vai ser brabo no Brasil.¹⁹¹

De vez em quando me dá uma vontade de meter o pé em tudo e ir embora. Por outro lado, penso que estes problemas eu os deixo na UPA, jamais os levo para casa, ao passo que os problemas de Porto Alegre eu os tenho na Globo e vão bater à minha porta, 24 horas por dia, 7 dias por semana, 52 semanas por ano.

Seu Moog, estou convencido de que, depois da família da gente (a coisa mais séria), escrever é o que importa. E eu não estou escrevendo. É ridículo!

As conferências que faço têm um sucesso espetacular. Em outubro andei pelo Midwest: 12 universidades. Vou agora a Virginia, Ohio (Taft Lectures), Massachussets (Harvard e Wellesley College), Hartford, Conn. Tenho falado muito (além desses assuntos chatos em torno da OEA etc.) em técnica de novela, como nascem as personagens, etc.

Vou responder a tua carta oficial. Não posso ir até o México para os festejos do CAC porque tenho todo o mês de abril tomado por conferências.

151

Manda mais notícias do *Band. e Pion*. Quando eu sarar destes blues, te escreverei uma carta melhor.

Um grande abraço.

Erico

[*na margem lateral*] Plon¹⁹² vai publicar *Noite* em francês. A trad. inglesa vai também este ano.

191 As acirradas eleições de 1955 no Brasil, com a vitória do PSD/PTB, levaram Juscelino Kubistchek à presidência, com João Goulart como vice. Cf. <https://jk.cpdoc.fgv.br/trajetoria-de-vida/10-campanha-presidencial-de-1955>

192 Éditions Plon, criada em 1845, é uma das mais representativas editoras francesas. Cf. <https://www.editis.com/maisons/plon/>

Washington, 20 de fevereiro de 1955

Velho Moog:

Escrevo-te às 11h da manhã deste domingo enfarruscado e um tanto quente, depois dum tremendo spell de frio e neve.

Como dentro de poucas horas tenho de embarcar para Roanoke, Virginia, onde vou tomar parte num panel internacional que discutirá “Freedom Around the World” – tenho que ser breve.

BANDEIRANTES E PIONEIROS – como no fim da próxima semana (25th) espero estar em New York, de volta de Hartford, Conn. (outra conferência!), irei *pessoalmente* levar exemplares do teu livro ao meu amigo Charles Cunningham, da Macmillan, com o qual conversarei sobre as possibilidades da tradução americana. Recebi ontem carta (de 12 de fevereiro) do Henrique com as seguintes informações:

152

“Sobre a venda do livro do Moog nada posso informar. O livro ficou pronto nos últimos dias de dezembro e, com os nossos demorados transportes, teve a sua venda iniciada pela metade de janeiro. Recebi uma carta do Moog, dizendo que não recebeu o livro por via aérea, que não lhe respondemos um telegrama com outro telegrama, que o livro esteve faltando no Rio, etc... etc... Estou respondendo dizendo que nada disso aconteceu”.

Dessas coisas eu sei que uma aconteceu: o livro não foi remetido por via aérea. (Espero que já estejam contigo os exemplares que Palerm levou).

Viagem ao México: estamos pensando, Mafalda e eu, em tirar férias da UPA e dos filhos para ir passar uma temporada no México. Isso poderá ser em maio, pois tenho compromissos de conferências até fins de abril. Mais tarde te escreverei informando a respeito. Por enquanto o projeto está na fase... de mero projeto.¹⁹³

193 A viagem foi realizada em maio de 1955 e resultou na narrativa *México*,

CAC – Estás enganado. O documento intitulado VALIDATION OF DIPLOMAS AND GRANTING OF LOCAL CREDIT foi remetido à secretaria do México em 24 de agosto do ano passado, portanto *há meio ano*. Um exemplar foi por via aérea e os restantes por mala comum. Pergunta ao Piazza.

Outro assunto. Lendo a ata da sessão do CAC de 27 de janeiro, topei com tua sugestão quanto a uma secção de ciências. Comunico-te que essa secção já existe (CIÊNCIAS NATURAIS E TECNOLOGIA) e dirigida por um competente cientista argentino, dr. Cortés Plá, e tem publicado o diretório de cientistas latino-americanos.

Quanto ao outro assunto – ao da transferência do posto – acho, cá para nós, que a Comissão de Finanças, pela qual não morro de amores, cometeu um erro. Eles não tinham que extinguir o posto do México e criar outro aqui, porque – como vivo repetindo a vocês – essa secretaria e a nossa na UPA formam uma só, o Departamento de Assuntos Culturais, que é a secretaria de vocês. O Presidente do CAC não pode deixar de ser consultado antes que se nomeie um funcionário para essa secretaria. O Diretor do Departamento não pode mudar, transferir funcionários como bem entender, mas no caso da secretaria local do México ele, diretor, não pode deixar de consultar el señor Presidente del CAC, como fiz. Acho que a coisa está clara, não? Agora, se vocês insistem – que diabo! –, vamos ajeitar esse negócio. Cada qual diz onde lhe aperta o sapato e o Sapateiro Mor decidirá se pode comprar outro par novo ou se temos de nos arranjar com os velhos que possuímos.

153

Bom. Está na hora de irmos para a estação. Recebe com a Frigga e Anna Maria¹⁹⁴ os nossos abraços. E inté!

Erico

lançada em 1957.

194 Filha do casal Moog.

V. B. de Ag. 20 de 1959

Velho Noeg: Estamos sofrendo o pior verão de que tenho notícia em mi puta vida, manito. Umidade, 94%. Respiração é um inferno. Inha sima está encharcada.

Falei com o Barrett sobre o teu assunto. O homem está entusiasmado. Acho a solução muito boa. Tu livro tem circulado por aqui e toda a gente gosta dele, mesmo quando não concorda com todas as tuas ideias.

A revista "The Atlantic" vai dar um numero especial sobre o Brasil. Encomendaram-me um conto. Escrevi "Fandango: The Life and Death of a Gaucho".

Já comuniquei ao Wanger que me vou em fevereiro de 56. Perguntou se eu não podia ficar mais um ano. Não posso. A PAU encheu. Já comeci a perder a paciência. Isto é "frustrating". Um belo instrumento que vivemos a polir, afinar, mudar de cordas... mas que nunca tocamos! Nem um sambinha, nem uma rumba. "No dá um dô, Dr. Feijão." O velho não dá. "Um lá comol, dr. Wanger." E lá vem o lá comol. Continua a afinação, mas cadê a musica? Não tem verba. Muita papelama. Muitas rivalidades. Passei uma tarde meio ironica e muito franca para o Hannetti, que está gozando férias na Colombia. O Lleras deu demasiada liberdade à divisão dele e isso às vezes me coloca numa posição um tanto constrangedora. Perdi a paciência e resolvi puxar briga. Convoquei o homem para uma grande conversa. ^{na Show down} Por outro lado, minha mãe esteve muito doente na pouca. Está bem agora, mas nunca se sabe. Em março de 56 fará dois anos e 10 meses que comeci a trabalhar neste mausoleu de mar-sore. Por isso me voy. Ah! O que está agravando a situação é o fato de eu estar positivamente grávido dum livro sobre o Mexico. Estou lendo muita coisa e cada vez mais fascinado. Só posso escrever aos sábados e domingos. É ridiculo.

Nada se sabe sobre a Segunda reunião. O Peru ainda não responde. Estou fazendo força para a coisa sair em novembro. O Wanger também. Mas ninguém sabe de nada. Uma mierda.

Que tens feito? Já estás escrevendo o "proximo"? manda noticias.

Andei de casa. Estou na 3009, 34th. street. Tem quarto de hospedes, toma nota.

Quero te pedir um grande, um imenso favor, coisa capital para mim. A ideia de que ao voltar para o Brasil eu não possa ~~levar~~ levar minhas coisas me horripila. Vou te dizer qual é a situação.

O Itaratti me dará licença para levar um carro (e o resto) pois considera meu trabalho missão oficial. (Tenho passaporte oficial). Temem, porém, os meus amigos aqui da Embaixada

da que a alfândega de outro lado, então ao caso e negue licença para o desembarque do carro.

Eu queria que falasses com o Mario Covas ^{e AVISAR} ~~para falar~~ uma conversa. Explica que está em missão oficial e tenho passaporte rojo. Que as coisas foram compradas com dinheiro anão e não dinheiro saído do Brasil. Quero levar um automóvel (Chevrolet), o meu "high fidelity", um fogão, um refrigerador, alguns objetos elétricos, etc. Funciono subarcar em Março de 1956. Se o homem achar que meu caso é bom, pede-lhe que me dê instruções, me diga que devo fazer, quando e como. Sinto te dar essa moçada, mas não vejo outro jeito. E tu sabes que para mim será horrível voltar sem um carro, ter de voltar ao regime de bondes em Porto Alegre.

Que tal a tua casa? E a família? Quais são os planos? Volta para o México? E a polícia? Qual é o teu candidato, if any?

Recebe com a família os nossos abraços saudáveis.



8 de agosto de 1955

Velho Moog:

Estamos sofrendo o pior verão de que tenho notícia em mi puta vida, manito. Umidade, 94%. Respiramos água. Minha alma está encharcada.

Falei com o Barrett¹⁹⁵ sobre o teu assunto. O homem está entusiasmado. Acho a solução muito boa. Teu livro tem circulado por aqui e toda a gente gosta dele, mesmo quando não concorde com *todas* as tuas ideias.

A revista *The Atlantic* vai dar um número especial sobre o Brasil. Encomendaram-me um conto. Escrevi “Fandango: The Life and Death of a Gaucho”.

Já comuniquei ao Manger que me vou em fevereiro de 56. Perguntou se eu não podia ficar mais um ano. Não posso. A PAU encheu. Já comecei a perder a paciência. Isto é *frustrating*. A UPA é um belo instrumento que vivemos a polir, afinar, mudar de cordas..., mas nunca tocamos. Nem um sambinha, nem uma rumba. “Me dê um dó, Dr. Fendrick.¹⁹⁶” O velhinho dá. “Um lá bemol, dr. Manger.” E lá vem o lá bemol. Continua a afinação, mas cadê a música? Não tem verba. Muita papelada. Muitas rivalidades. Passei uma carta meio irônica e muito franca para o Nannetti, que está gozando férias na Colombia. O Lleras deu demasiada liberdade à divisão dele e isso às vezes me coloca numa posição um tanto constrangedora. Perdi a paciência e resolvi puxar briga. Convoquei o homem para

195 Linton Lomas Barrett foi educador, administrador, diplomata, editor e tradutor norte-americano. Traduziu para o inglês diversas obras de Erico, entre elas, *O Tempo e o Vento*, e de Vianna Moog traduziu *Bandeirantes e Pioneiros*. Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Linton_Lomas_Barrett

196 Então integrante da secretaria da OEA.

uma grande conversa. Um showdown. Por outro lado, minha mãe esteve muito doente há pouco. Está bem agora, mas nunca se sabe. Em março de 56 fará dois anos e 10 meses que comecei a trabalhar neste mausoléu de mármore. Por eso me voy. Ah! O que está agravando a situação é o fato de eu estar positivamente grávido dum livro sobre o México. Estou lendo muita coisa e cada vez mais fascinado. Só posso escrever aos sábados e domingos. É ridículo.

Nada se sabe sobre a Segunda Reunião¹⁹⁷. O Peru ainda não respondeu. Estou fazendo força para a coisa sair em novembro. O Manger também. Mas ninguém sabe de nada. Una mierda.

Que tens feito? Já estás escrevendo o “próximo”? Manda notícias.

Mudei de casa. Estou na 3609, 34th Street. Tem quarto de hóspedes, toma nota.

Quero te pedir um grande, um imenso favor, *coisa capital para mim*. A ideia de que ao voltar para o Brasil eu não possa levar minhas coisas me horripila. Vou te dizer qual é a situação.

O Itamarati me dará licença para levar um carro (e o resto), pois considera meu trabalho missão oficial. (Tenho passaporte oficial.) Temem, porém, os meus amigos aqui da Embaixada que a alfândega dê outra interpretação ao caso e negue licença para o desembarque do carro.

Eu queria que falasses com o Mario Câmara¹⁹⁸ e fizesses uma *sondagem*. Explica que estou em missão oficial e tenho passaporte rojo. Que as minhas coisas foram compradas com dinheiro ganho *aqui* e não dinheiro saído do Brasil. Quero levar um automóvel (Chevrolet), o meu high fidelity, um fogão, um refrigerador, alguns

157

197 Refere-se à Conferência Interamericana de Lima.

198 Mário Leopoldo Pereira da Câmara foi advogado e ministro brasileiro. Interventor federal no Rio Grande do Norte entre 1933 e 1935 e Ministro da Fazenda entre 1955 e 1956. Cf. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/mario-leopoldo->

objetos elétricos, etc. Tenciono embarcar em março de 1956. Se o homem achar que meu caso é bom, pede-lhe que me dê instruções, me diga *que* devo fazer, *quando* e *como*. Sinto te dar essa maçada, mas não vejo outro jeito. E tu sabes que para nós será horrível voltar sem um carro, ter de voltar ao regime do bonde em Porto Alegre.

Que tal a tua casa? E a família? Quais são os planos? Voltas para o México? E a política? Qual é o teu candidato, if any?

Recebe com a família os nossos abraços saudosos.

Inté!

Erico

[desenho de um homem, o próprio Erico, identificável pelas sobrancelhas grossas, com sombrero e um cactus]

1º de março de 1956

Moog velho de guerra!

Um bilhete rápido, pois não há de ser em carta que te vou contar todas as minhas andanças nos últimos meses. Só te direi que tudo vai bem e, com um grão de sal, espero a conferência de Lima. Peço-te que estudes os documentos intitulados PROGRAMA DE AÇÃO CULTURAL (Educação, Ciência e Cultura) que, afora os estudos de vocês, me parecem constituírem a parte mais importante da conferência.

Mas o que te quero dizer mesmo – a razão desta carta – é que o Anísio Teixeira está aqui, de passagem, e passagem rápida. Conversamos ontem e eu o encontrei entusiasmadíssimo com o teu livro, achando entre outras coisas que é o melhor estudo que se já se fez do brasileiro. Acha que devias escrever um livro sobre a cultura brasileira e que estaria disposto até a te dar uma bolsa para tal fim. Que tal? Achei a ideia maravilhosa e já vi o livro. Falamos no Gilberto e lamentamos que ele continue a ignorar a parte mais vital do Brasil, o Sul. O teu livro abrangeria tudo e tomaria conhecimento da “nova realidade”, das correntes imigratórias, etc. Pretendo um dia escrever sobre o Brasil, mas *light stuff*, como diria o Renato Costa, aspectos humanos e paisagens e costumes. O teu ensaio iria mais fundo que para isso tens mais engenho e arte. O que te falta é ar, como dizia o finado Júlio de Castilhos. Sem querer fazer um frasalhão, acho que nós dois devemos esses livros à Kara Pátria, não achas?

Aconteceu um caso curioso. Fui a Cincinnati para uma *panel discussion* e tomei conta da sessão. Lá estava o presidente da *Life Internacional* que se entusiasmou de tal maneira com meu discurso que me encomendou um artigo para a edição espanhola da revista e talvez para a inglesa. Pelas dúvidas escrevi o artigo diretamente

em inglês. Já está pronto, falta só datilografar. Se pegar nas duas *Lifes*, ganharei 1.500 dólares por um artiguete de 5.000 palavras: paralelo entre a América Latina e esta América em que me encontro.

Viste o ATLANTIC com o suplemento sobre o Brasil?

Tens notícia da tua gente? Esperarás a conferência aí? O Piazza já chegou?

Estou firme no propósito de voltar em julho para o Brasil, embora não sinta nenhuma vontade disso. Creio que te contei que minha estada em Porto Alegre em dezembro me deixou assustado.

Usa esse telefone, homem, e me chama. Estou sempre aqui todo o dia. Mas o mais certo são as horas da manhã.

Um abraço!

Erico

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS
CARLOS DAVILA [Logomarca] WILLIAM MANGER
Secretário Geral

Subsecretário Geral

SECRETARIA GERAL
UNIÃO PAN-AMERICANA
Washington 6, D.C., E.U.A.
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS
ERICO VERISSIMO, Diretor

Exmo. Sr. Dr. Viana Moog
M/D Presidente da Comissão de Ação Cultural
Apartado Postal 20994
México, DF, México

Em 29 de março de 1956

161

Meu caro Presidente:

Por ocasião de minha última visita ao México, numa das reuniões da CAC à qual compareci, o meu prezado amigo manifestou o desejo de ver incluídos no secretariado que a UPA vai mandar às conferências de Lima alguns membros de sua secretaria local: pelo menos um investigador e uma das secretárias, além do Dr. Luis G. Piazza. Naquela ocasião e mais tarde – no encontro que tivemos em New York em princípios do passado mês de dezembro – declarei-lhe francamente que, por motivos orçamentários, com toda a probabilidade não nos seria possível satisfazer esse desejo do CAC.

Em nossa primeira palestra telefônica deste mês tive a oportunidade de comunicar-lhe que a equipe de representantes e mem-

bros do secretariado que vão a Lima estava finalmente escolhida e incluía apenas um nome da secretaria do México: o Dr. Piazza. Dei ao meu caro Presidente explicações verbais e sumárias. Agora, depois de ler a cópia da ata da sessão da CAC de 22 de março, em que o assunto é de novo trazido à tona, e diante duma carta que o Dr. Piazza escreveu diretamente ao Secretário Geral adjunto – sinto-me no dever de prestar à Comissão de Ação Cultural, por intermédio de seu presidente, maiores esclarecimentos sobre o assunto.

REPRESENTAÇÃO DA UNIÃO PAN-AMERICANA

Consiste ela das seguintes pessoas: o signatário desta, Guillermo Nannetti, Aníbal Sánchez Reulet, Pedro Cebollero¹⁹⁹ e Angel Palerm. Este grupo de cinco, escolhido pelo Secretário Geral em exercício, Dr. William Manger, representará a Organização dos Estados Americanos nas três conferências de Lima. Dr. Nannetti e Dr. Cebollero foram designados especificamente para representar o Secretário Geral da OEA na Conferência Regional da UNESCO, que precederá a de Ministros de Educação.

162 Nesta última conferência o Dr. Nannetti e Cebollero (bem como o Dr. Céspedes²⁰⁰ na qualidade de secretário) representarão o Secretário Geral, de acordo com o Artigo 4 do Regulamento da referida reunião.

Na Segunda Reunião do Conselho Cultural Interamericano – além do Secretário Executivo – o Secretário Geral será representado pelos Drs. Nannetti, Cebollero, Sánchez Reulet e Palerm, de acordo com o Artigo 23 dos Estatutos do Conselho Cultural Interamericano.

199 Pedro Abellanas Cebollero (1914-1999), matemático espanhol, desenvolveu o primeiro modelo do método global de alfabetização, enquanto membro da OEA/UNESCO. Cf. <https://mathshistory.st-andrews.ac.uk/Biographies/Abellanas/>

200 Francisco S. Céspedes (1906-1997), educador panamenho, foi docente da Universidade do Panamá e diretor do Departamento de Assuntos Educativos e do Programa Regional de Desenvolvimento Educativo da Organização dos Estados Americanos.

Todas essas representações foram sancionadas pelo Secretário Geral em exercício, a quem cabia a palavra final no assunto.

SECRETARIADO PARA AS TRÊS CONFERÊNCIAS DE LIMA

Compõe-se de 17 pessoas e foi escolhido de acordo com os artigos pertinentes do regulamento de reuniões dessa natureza, os quais rezam que o governo em cujo território a conferência se realiza pode requisitar da UPA tantos especialistas e técnicos quantos achar necessários. As despesas com esse secretariado serão objeto dum acordo entre o citado governo e a UPA.

Não devemos perder de vista o fato importantíssimo de que o secretariado ora escolhido *vai trabalhar em três conferências*. É uma situação muito especial. Os tradutores-revisores nas quatro línguas oficiais terão de trabalhar para a Conferência Regional da UNESCO, para a Segunda Reunião Interamericana de Ministros da Educação e para a Segunda Reunião do Conselho Cultural Interamericano. Compreendemos muito bem a importância dos estudos preparados por essa Comissão, aos quais – estamos certos – o Conselho dará a maior atenção. Mas força é reconhecer que o exame desses documentos é apenas um dos pontos da agenda – agenda essa preparada em consulta com a própria CAC –, a qual compreende outras matérias de não menor alcance no campo das relações culturais interamericanas.

163

Em vista da irremediável exiguidade dos fundos de que dispomos para essas conferências, tivemos de organizar um secretariado reduzido que incluísse pessoas capazes de, em certos casos, *acumular funções*.

A escolha do secretariado ficou a cargo duma comissão em que *todos* os departamentos da UPA estavam representados, e que contou com o assessoramento de técnicos da Divisão de Pessoal, da Divisão de Conferências e uma representante do Secretário Geral Adjunto com grande prática de conferências internacionais.

O critério usado na seleção levou em conta:

1. As qualidades pessoais de cada indivíduo;

2. Experiência e conferências anteriores;
3. Dar preferência, sempre que possível, a funcionários originários do Peru;
4. A capacidade física e mental de arcar com as árduas tarefas que lhe serão atribuídas.

De acordo com esse critério, o Departamento de Assuntos Culturais, depois de consultar outros departamentos da UPA, escolheu os 17 componentes do secretariado que vai a Lima. A escolha foi finalmente aprovada pelo Secretário Geral em exercício.

NOSSA RESPONSABILIDADE PERANTE O GOVERNO DO PERU

Esses 17 funcionários da UPA trabalharão sob a direção dum Secretário Geral peruano designado por seu próprio governo. As obrigações do secretariado, dentro das tarefas específicas de cada um, são as seguintes:

Oferecer todos os serviços possíveis às delegações dos Estados Membros;

164 Prestar todo o auxílio possível aos membros do Comitê de Ação Cultural, bem como aos observadores credenciados de organizações nacionais e internacionais;

Tratar a representação da UPA apenas como um dos muitos grupos interessados na conferência, *sem dar-lhe qualquer tratamento especial*.

Quero, com esse último ponto, frisar que os 17 membros de nosso secretariado serão colocados à disposição do governo peruano para que levem a cabo a tarefa para a qual foram designados. Os membros da Representação da OEA estarão sob minha responsabilidade. O Secretariado não receberá ordens minhas ou de qualquer outro membro da Representação, alguns dos quais terão de, em muitos casos, *servir como secretários*.

Estou certo de que o prezado amigo e seus ilustres colegas da CAC hão de compreender a situação e desculpar-nos por não podermos

satisfazer seu pedido quanto aos membros de seu secretariado local.

Na expectativa, para mim muito agradável, de revê-los a todos em Lima, aqui fica quem o abraça muito cordialmente,

Erico Verissimo,
Secretário Executivo
Conselho Cultural Interamericano

Washington, 20 de maio de 1956 [1955]

Meu caro Moog:

Como vê, cometi um erro ao escrever acima a data desta carta: 1956. Por quê? Talvez porque no fundo eu já quisesse estar em 56, na minha casa, ouvindo um concerto de Vivaldi e olhando para as colinas de Petrópolis. Pensando melhor... não sei. Não estou muito certo de querer voltar ao Brasil. Claro, tenho saudade de alguns amigos, da minha casa, dos céus do Rio Grande e daquela sensação de pertencer, ter um passado, uma história naquela terra, naquele chão. Por outro lado, penso na minha chatoteca, na bagunça política, na miséria daquele povo, na enfadonha sanha dos políticos, num certo ranço que anda no ar – então me vem um certo horror de voltar. Não sei se gosto mesmo dos Estados Unidos. Já te disse que os americanos não me interessam como gente. Acho-os sem graça, sem drama, sem terceira dimensão. Mas é um país confortável, onde os serviços públicos são bons, a vida é fácil. Há shows agradáveis (mas como emburrecem!). Os vizinhos não nos incomodam. (Mas como não existem!). E least but not last, esta União Pan-Americana, a um tempo tão simpática e tão sem sal, tão besta e tão amável... Valerá a pena toda esta agitação? Believe me, não há dia em que não surja um problema. Meu escritório é pior que o Guaíba. Não apenas cinco rios desaguardam aqui, mas trinta, cinquenta, cem... Desde que cheguei levei a sério este negócio. Depois de Tristão, que outra coisa podia eu fazer senão trabalhar, trabalhar, trabalhar? A ideia de fracassar como administrador (se bem que nunca pretendesse ser isso) me era desagradável. Empenhei-me a fundo e o Departamento marcha direitinho. Isto é, a pedra do nosso sapato é o CAC. Estou convencido que a culpa não é de vocês nem nossa. É da própria natureza do comitê. Não concordarás comigo, claro. Mas estou convencido de

que é. O CAC é um asteroide fora do sistema. Bueno, concordo em mudar a palavra. Digamos, antes, astro. (Satélites todos nós somos da Conferência Interamericana, não achas?).

Bom... recebi tuas cartas. A primeira, há vários dias; a segunda há poucos minutos.

Li a primeira com delícia. Estás em grande forma literária. Li teu catatau pelo puro prazer literário. Li e gostei. Depois reli dando mais atenção ao fundo. Vamos examiná-la puntito por puntito. (Sorry!).

Não creio que tenha havido falta de receptividade da União Pan-Americana. A distância – reafirmo – criou problemas de coordenação, de entendimento. A palavra escrita é letra morta e depois de algum tempo a gente começa a emprestar ao texto intenções que o autor jamais teve. (Te lembrás daquela história do telegrama do filho ao pai: “Pai, me manda um conto de réis”. O velho achou-o bem autoritário. Veio a mãe e leu a mesma frase com voz doce e o velho mudou de ideia: “Bom, assim é diferente?”). O que nos pareceu desde o princípio é que o CAC não compreende a sua posição dentro da Organização. Aliás, essa história de jurisdição e competência tem de ser esclarecida pelo Conselho, quando o funcionamento e organização de teu comitê forem estudados. Tu te lembrás daquela ridícula história do CAC distribuir seus estudos (não aprovados pelo CIC e, portanto, *documentos internos*) pelas embaixadas do México? Que me dizes a isso? É ou não é uma falta de compreensão de suas funções e atribuições? A outra é exigir edições extraordinárias de seus estudos para fins de distribuição larga, como se tratasse dum livro destinado a entrar no mercado editorial. Há ainda o fato de o CAC imaginar que pode passar por cima do Secretário Geral e ter poderes discricionários sobre este Departamento. E ainda a ideia para mim absurda de imaginarem os membros do CAC que podem dispensar os serviços dos especialistas que temos na União. Antes de chegares ao México, os estudos do Comitê eram ridículos de tão

maus. Relendo agora a tradução portuguesa dos dois primeiros e confrontando-a com o original, pude ver de perto como estão mal escritos, como são pueris, ilógicos, péssimos. Depois que chegaste, os estudos melhoraram sensivelmente (e, pelo menos na forma – digo *pelo menos* porque, não sendo especialista, por exemplo, em indianismo, não posso dizer se as ideias do estudo são igualmente boas).

Falas na falsificação das atas e me é duro acreditar que o Crevenna tenha feito isso. Com que propósito? De resto, vocês assinaram as atas e eu tenho de supor que as assinaram depois de lê-las. Acredito, mas acredito mesmo, que elas não correspondam (as atas) ao que ficou resolvido, mas aceito a palavra do Crevenna (não tenho razão para não aceitá-la) e assim a única explicação que dou ao fato é que tudo não passa dum grande mal-entendido.

168 Não tem havido nenhuma sabotagem. Nem má vontade. Pela tua carta dás a entender que a versão que Piazza te deu de meu statement em Caracas não corresponde ao resumo que te fiz. Atribuo isso a uma questão de memória. Não posso acreditar que Piazza esteja procurando me intrigar com vocês. Não vejo o que possa ele lucrar com isso.

Não seria direito que eu fizesse a citada declaração numa mesa de café. Falei at the nighttime, to the right place, to the right people. E só falei porque me pediram que falasse. Não mencionei a história da distribuição dos estudos pelas embaixadas nem outras que poderiam corroborar meu ponto de vista sobre o CAC. Procurei ser impessoal e objetivo. Claro, eu sabia que minhas palavras não iam agradar vocês. Sabia que o embaixador MacEachen ia ficar furioso e invocaria sua qualidade de embaixador e a minha de simples funcionário. Sim, eu sabia de tudo isso. Mas o mínimo que eu podia fazer era dizer o que eu pensava. E é isso que eu pensava *e ainda penso*.

a. O CAC não conhece sua posição dentro da OEA.

- b. Vocês não são *nem podem ser* especialistas em todos os campos cobertos pelos estudos que o CIC lhes encomenda.
- c. A distância geográfica cria problemas de coordenação de relações.

Não temos culpa de embaixadores como o sr. Alfaro e o sr. Valle terem dúvidas quanto à atividade do CAC. São pessoas que nunca aparecem neste departamento e com as quais não temos relações íntimas. Muitos recebem regularmente (como podemos provar) os estudos do CAC. Se não leem é porque não querem.

Não posso compreender (mas isso é lá contigo, autor da teoria) como o CAC possa ser uma excelente definição contra o marxismo. Estou esperando que me proves isso.

Quanto à posição geográfica do CAC, é assunto resolvido e, portanto, não há o que fazer.

Quanto aos períodos da atividade do CAC, o Conselho decidirá isso em consulta com a segunda reunião.

Está claro que temos de nos conformar com a existência do CAC. Uso a palavra conformar porque acho difícil trabalhar com vocês. A coisa começou errada. O CIC cometeu erros encomendando a vocês trabalhos que deviam ser encomendados a organismos especializados. A ideia mesma desse comitê me parece abstrusa. Pensa bem, Giacomino.

Quanto à influência do Department of State, se um sujeito está disposto a sempre dizer *Yes* ao Mr. Dulles²⁰¹, não interessa que esteja perto ou longe de Washington. Pode estar na Tierra del Fuego e ser um capacho; mas pode estar na Constitution Avenue²⁰² e dizer não e ser um osso duro de roer. Não é questão de geografia. É de caráter.

²⁰¹ John Foster Dulles (1888-1959), diplomata, Secretário de Estado no governo de Dwight Eisenhower. Cf. <https://www.britannica.com/biography/John-Foster-Dulles>

²⁰² Endereço da OEA.

Gostei de teres speakado up tua mind. Só lamento é que esta carta te vá tão besta, tão sem graça, tão sem ordem. É que minha alma não está nesse negócio. E hoje estou chateado.

Ah! A segunda carta. Não compreendo tua reação. Não sabes, miserável, que a agenda foi discutida e aprovada pela Comissão de Conferências da OEA, da qual fazem parte representantes do Brasil (Chairman), do Haiti, dos Estados Unidos, Colômbia, Guatemala, Honduras? E que o memorando explicativo foi aprovado pelo Manger, secretário geral assistente, e pela própria comissão? Estás vendo fantasmas, homem!

Uma agenda tem de ser escueta. *Não é um documento de trabalho.*

Sabes duma coisa? Faço votos para que te elejam presidente do CAC. Assim a União te convidará para dar um pulo a Washington (por nossa conta, é claro), afim de que possamos conversar a fundo sobre todos esses assuntos. Não vejo outro jeito.

Estou muito cansado. O calor começou. A reunião de São Paulo está nos dando um trabalho danado.

170

Clarissa está de passeio em New York. Mafalda vai muito bem, seguindo a luta McCarthy x Army²⁰³ (parecida com a do CAC com o DAC. E não vale dizer que o Crevenna é o Cohn, bandido!). Luiz Fernando sempre às voltas com o jazz e as novelas de mistério.

As notícias que me dás dos teus kids são ótimas. Por quem teriam puxado?

203 As audiências Army–McCarthy foram promovidas pelo Subcomitê de Investigações do Senado norte-americano em abril-junho de 1954, para esclarecer acusações conflitantes entre o Exército dos Estados Unidos e o senador Joseph McCarthy. O Exército acusou o Conselheiro-Chefe do Comitê Roy Cohn de pressionar o Exército para dar tratamento preferencial a G. David Schine, antigo auxiliar de McCarthy e amigo de Cohn. McCarthy contra-atacou afirmando que a acusação fora de má-fé e em retaliação a suas recentes investigações a comunistas suspeitos e riscos de segurança no Exército. In: En.wikipedia.org. Acesso em: 17/02/2020.

Até a próxima! Um grande abraço

Erico

P.S.: As atas das sessões do Conselho *são remetidas regularmente à secretaria, aí.*

Apêndice

**Cartas a Clarice Lispector e Maury Valente
(de volta a Porto Alegre)**

Editora Globo
[Logomarca]
Filial da Livraria do Globo S.A.
Andradas 1128 – Porto Alegre – Brasil
Caixa Postal 1520 – Tel.: Dicionário

11 de outubro de 1956

Queridos compadres:²⁰⁴

Isto é uma carta rápida, para dar notícias e chorar. Ainda não nos deram paz para uma longa conversa com vocês. O movimento tem sido tremendo nestes primeiros dias.

A viagem foi ótima, mar calmo, bons companheiros, a Fal²⁰⁵ disposta e de pé, sem enjoar. Passamos no Rio quase dois dias. Esse trecho merece capítulo especial, que irá depois. Consegui meter a família num *Super-Constellation*, que em duas horas e quarenta minutos nos deixou em casa. Travessia perfeita!

Família e amigos, todos bem. Mafalda ficou decepcionada com a casa. Gostou do meu escritório e descobriu graves defeitos no resto, principalmente na parte velha. Não sai água das torneiras, o chão do banheiro está afundando, as portas do “aumento” são de tal modo estreitas que por elas não pode passar nenhum de nossos móveis. E a todas essas – as moscas, os chatos, a chuva de primavera, um certo friozinho escondido e a horrenda humidade. Ai que glória! Ai que glória! Ai que glória!

Começaram depois as visitas. As mesmas caras, as mesmas conversas, as mesmas miserinhas. Ninguém quer saber como é o mundo fora do Primeiro Distrito. Adultérios, divórcios, mexericos,

204 Clarice Lispector e Maury Gurgel Valente.

205 Apelido carinhoso de Mafalda Volpe Verissimo.

repetições enjoativas, gente pequena, compadres, gente pequena. Vamos precisar de muita força interior para resistir, para sobreviver. Mas não há de ser nada!

Ontem comecei a fazer as mudanças de móveis e cheguei a dar um jeito no gabinete novo, o que me animou muito. Como eu disse ontem à Mafa²⁰⁶, nossos problemas são:

O Brasil, com suas dificuldades, preços altos, descabros. Que podemos fazer? Muito pouco ou nada. Portanto...

As pessoas daqui.

Neste caso trataremos de isolar os chatos e receber os amigos.

Nossa casa.

Esta tem remédio. E já vamos começar a aplicá-lo: pintura das paredes, portas e janelas, reforma do quarto-de-banho, etc.

Mas eu não disse o mais importante. É que estamos com uma saudade danada de vocês, da casa de vocês, do nosso convívio. Quando o desânimo ameaça me dominar, olho aquele retrato do Paulinho²⁰⁷ com o Nariz²⁰⁸ (a maiúscula aqui se impõe) e desato a rir.

Mafalda contará a vocês mais e melhor. São 9 da manhã. Estou banhado, barbeado, vestido e mal pago. Vou descer à cidade, enfrentar os chatos, as peitudas, e tratar dos papéis casamentícios do Dave.²⁰⁹

Bom, amigos, sempre vos amando, como nas melhores valsas, aqui fico. Beijos no Pa e no Pe²¹⁰, lembranças para a Ava e a Furnanda. Para vocês afetuosos abraços de compadre e amigo atento obrigado

Erico

206 Idem.

207 Paulo Gurgel Valente, filho de Clarice Lispector e Maury Gurgel Valente.

208 Erico se refere a um nariz de papelão, enorme, usado para surpreender ou fazer graça.

209 Dave Jaffe, futuro marido de Clarissa Verissimo.

210 Abreviaturas carinhosas de Paulo e Pedro Gurgel Valente.



Mafalda, Erico e Clarice Lispector,
com os filhos Pedro e Paulo, em Washington.
Fonte: ALEV/IMS

[Desenho na marginália esquerda]

25 de setembro de 1957

Valentes²¹¹:

Anteontem fui a uma conferência do Moisés Vellinho²¹² na Universidade. O assunto: os Jesuítas no Rio Grande do Sul. Lá pelas tantas avistei numa das filas na frente da minha um guri tão parecido com o Pedrinho²¹³ – a mesma idade, o mesmo formato de cara, a mesma cor de cabelo, a mesma expressão – que comecei a fazer sinais para ele. Quando a conferência terminou fui apertar-lhe a mão. Ele me mostrou um pão dizendo: “Olha aqui o que eu comprei hoje!” E como eu lhe perguntasse curioso, se tinha gostado da conferência, respondeu, sério: “Esse assunto já foi tratado numa de nossas aulas.” Era o Pedrinho perfeito! Isso me deu uma saudade danada de vocês todos.

A Mafunfa²¹⁴ já sarou da asiática que a derrubou na cama, com febre, *dolores* de cabeça e nos *músculos* (pronunciar esta palavra com a *zeta* do Maury). No momento em que escrevo estas mal traçadas, Madame está na casa dumas das *vizinhas cujo marido tombou, vítima* também da “*Asian flu*”. Luis Fernando está deitado, lendo um livro sério. E eu, que devia estar escrevendo a Encruzilhada²¹⁵ (que estou pensando em chamar de *Arquipélago*... que acham vocês?), resolvi de repente conversar com os Valentes de Wimpole Street, Chevy Chase.

177

211 Clarice Lispector e Maury G. Valente.

212 Escritor, jornalista e político gaúcho, editor, para a Globo, da *Revista da Província de São Pedro*.

213 Pedro Gurgel Valente.

214 Apelido carinhoso de Mafalda Volpe Verissimo.

215 Trata-se do último capítulo de *O Arquipélago*, terceiro volume de *O Tempo e o Vento*.

Tive uma semana agitada. Andou por aqui o Columbus Boys' Choir, de Princeton, e Mafalda e eu hospedamos dois dos anjos: um rapazote de 13 anos, de óculos, ar intelectual, sardas e bons modos, e outro de 12, mais alto que eu, louro, bonito, desmantelado e *helpless*. Mafalda não estava em condições de tomar conhecimento dos hóspedes. Eu me encarreguei deles. Toquei-lhes Bach no *hi-fi*, apliquei vitamina C no anjo que estava fungando com um princípio de resfriado, e lá pelas tantas, sem outro assunto, botei o famoso Nariz. Pois os dois meninos me olharam em silêncio, numa seriedade assustadora. Desconcertado, tirei o nariz e a vida recomeçou na sua normalidade. Quando no dia seguinte contei a história à Mafalda, ela quase morreu de rir e recordou, Maury, os nossos triunfos e fracassos com o Nariz.

Andou por aqui um grupo teatral, da Universidade de Minnesota, que levou *Our Town* em inglês. Havia quase mil pessoas na plateia, imaginem. O entusiasmo com que essa plateia aplaudiu os artistas foi calorosíssimo.

178 No fim da semana me surge o Prof. George Counts²¹⁶, um dos maiores educadores americanos, professor emérito de Columbia. Levei-os, ele e a mulher, em vários passeios pela cidade e arredores, jantei-os no Cotillon (Mafalda não foi) e depois convidei-os a ver um espetáculo para eles desconhecido: a Rua da Praia à noite. Ficaram impressionadíssimos. Queriam saber quem eram aqueles homens que estavam parados nas calçadas e no meio da rua, a conversar ociosamente. Que faziam? Sobre que conversavam?

Há dias mandei um exemplar do *México* para a Clarissa. É uma amostra gratuita. Há uns quatro dias remeti a vocês todos exemplares autografados.

Clarice, e o teu romance?²¹⁷ Vi ontem uma notícia de seu próximo aparecimento. Estou esperando para o reler.

216 George Sylvester Counts (1889-1974) foi um famoso educador e teórico da área da educação, que desenvolveu o reconstrutivismo social.

217 Provavelmente *A Maçã no Escuro*, publicado só em 1961.

Clarissa escreveu hoje, carta do dia 16. Armando²¹⁸ escreveu há dias. Não sabemos da saúde da Dona Agmar.²¹⁹ Mandem contar algo. E deem notícias.

Depois de 25 dias de chuva, umidade e céu pardo, rompeu o sol há dois dias. Nosso ipê rebentou em flores amarelas. Um beija-flor costuma vir fazer seu *breakfast* nelas todos os dias. Besouros aparecem. Ficam lindos contra o céu azul.

Ando burro. Já fiz tudo quanto se pode fazer no romance no que diz respeito a História, técnica, estrutura. Quero entrar na *estória*, sentir minha gente, acreditar nela, nos seus problemas. Estou à espera do momento milagroso. Desse momento em diante, serei um homem feliz. Por ora ando meio chateado, e ontem, ouvindo umas músicas no *hi-fi*, olhando para o céu, para o retrato da Clarissa, fiquei com uma coisa meio esquisita no peito. Foi um momento de beleza, mas doeu um bocado. Vocês entraram no quadro. Não é agradável saber que não é possível ir a essa *casa de Ridge Street* para bater um bom papo – coisa que aí se resolvia em quinze minutos. Mandem pelo menos um bilhete para compensar essa falta.

Lembranças para a Ava²²⁰. Beijos para os guris. Para vocês, abraços vastíssimos nossos.

179

Erico

218 Armando Pires, ligado à revista *Americas* da UPA.

219 Esposa do Embaixador na UPA, Fernando Lobo. O casal foi muito amigo de Erico e Mafalda Verissimo.

220 Avani cuidava dos filhos de Clarice Lispector e Maury Valente.

**Cartas a Vianna Moog
(de volta a Porto Alegre)**

Porto Alegre 3 de Dezº de 1950

Moog:

A situation é a seguinte.

A Alfândega - graças à intervenção do ~~Adm~~ Adm. de Leões - me entregou a bagagem sem exigir direitos. Estão em tudo em casa e em ordem.

Quanto ao carro, o Inspetor da Alfândega, embora tenha boa vontade, está indeciso. É novo no posto e não sabe como interpretar o meu caso. Assim, vai amanhã, terça, ao Rio levar, pessoalmente, o problema ao Ministério da Fazenda.

Que posso fazer nesta nova fase?

Que possíveis pistolas poderemos usar?

① Caso me parece líquido:

- 3 1/2 anos nos States
- Fatura legalizada pelo consulado
- Serviços prestados à Pátria conforme reconheceu o Itamarati
- Carro com mais de 6 meses de uso.
- Nacional da OEA, ~~seja~~ ^{tenha} ~~região~~ ^{região} da ONU

Perda e chateação. Talvez o que pudesse, e depressa pois o caso vai entrar na Fazenda ainda esta semana.

Depois te contarei minha odisséia em 2 meses de Porasil ^{tenha} ~~meu~~ ^{meu} ~~interior~~ ^{interior} mais do que em 3 anos nos States.

Porto Alegre, 3 de dezembro de 1956

Moog:

A *situation* é a seguinte.

A Alfândega – graças à intervenção do Ajadil de Lemos – me entregou a bagagem sem exigir direitos. Estou com tudo em casa e em ordem.

Quanto ao carro, o Inspetor da Alfândega, embora tenha boa vontade, está indeciso. É novo no posto e não sabe como interpretar o meu caso. Assim, vai amanhã, terça, ao Rio levar, pessoalmente, o problema ao Ministério da Fazenda.

Que podes fazer nesta nova fase?

Que possíveis pistolões poderemos usar?

O caso me parece líquido:

- 3 ½ anos nos States
- Fatura legalizada pelo Consulado
- Serviços prestados à Pátria conforme reconheceu o Itamarati
- Carro com mais de 6 meses de uso
- Funcionário da OEA, *agência regional da ONU*

Perdoa a chateação – faze o que puderes, e depressa, pois o caso vai entrar na Fazenda ainda esta semana.

Depois te contarei minha odisseia.

Em 2 meses de Brasil me tenho irritado mais do que em 3 anos nos States.

Manda notícias. Como vai o romance? Quando pretendes voltar ao México?

Nada pude fazer. Desde que cheguei ando às voltas com a reforma da casa [já pronta] e com o casório da Clarissa que será no dia 15.

Lembranças nossas à Friga e *children*.

Um abraço deste sofredor

At. abr. do

Erico

[desenho México – índio tocando flauta ao lado da cordilheira
dos Andes e lhama]

Torres, 03 de março 1958

Moog velho:

Escrevo-te across the street from the sea. Nosso apartamento fica num andar térreo, minha máquina está numa extremidade da mesa da sala de jantar. Estamos aqui desde 3 de janeiro e o que eu previa e desejava aconteceu. Entrei no terceiro volume, cujo título definitivo, decorrência das coisas que acontecem nele, é *Arquipélago*, ficando a trilogia assim:

O Continente

O Retrato

O Arquipélago

O sentido é este. O poeta John Donne afirma que nenhum homem é uma ilha, etc. Pois o meu herói acha que o homem é, sim, uma ilha e nisso reside o seu grande drama, sua solidão, falta de comunicação. Cada qual deseja integrar-se no Continente, na terra firme, que tanto pode ser Deus, através da ponte da igreja, como o Partido Comunista ou Rotary Clube. Mas, falando sério, o problema é de comunicação.

185

Comecei a escrever dia 10 de janeiro, cercado duma saparia danada que cantava noite e dia. Tenho já mais de 300 páginas de almoço em três espaços. O essencial é que comecei, set the mood, entrei mesmo na história e já estou me divertindo. O plano é trabalhar intensamente todo este ano, deixar o livro no seu primeiro borrão dentro duma gaveta, ir passar cinco meses ou quatro na Europa e mais um ou dois nos States (na volta, para ver Clarissa e o neto) e só corrigir *O Arquipélago* na volta. O que achas?

Andou por aqui, fazendo sucesso com sua bela pinta e sua bela noiva, o grande Gilberto Moog, if you know what I mean. Vi-os na praia e nos amigos, o rapaz estava meio arredio, se eu não tivesse

ido falar com ele, acho que ele não viria falar comigo. Parecia até meu filho.

Que me contas de ti? Recebi uma excelente carta do velho José Vasconcelos. Os mexicanos em geral não gostaram do meu livro, acham que exagerei os “defeitos” do seus paysanos. Eu esperava isso.

Agora o problema. O eterno. O Piazza me conta numa carta que vai ser transferido e me pede uma declaração dizendo que eu sempre achei que ele era o homem para o cargo, etc... etc... Fico numa situação dos diabos. Por um lado, não quero abandonar a criatura. Por outro, lembro-me de que ele foi, durante os 3 anos e meio, em que trabalhei no DAC, o meu “problema número um”. Se dou essa declaração, ele usará perante o Marin ou o Mora. Tu, o Crevenna, o Dimick e os outros que conhecem o assunto de perto terão todo o direito de perguntar se estou bom da bola. Palavra que não sei que fazer. O que sei é que nenhuma declaração minha pode salvar o Piazza. Talvez se trate apenas de eu *me* salvar perante a opinião do Piazza. Que dices, hermanito?

186 Conta alguma coisa de ti e do México. Estás escrevendo algo? O Moysés Vellinho, que está aqui há dois meses, me tem falado com enorme entusiasmo do teu *Bandeirantes e Pioneiros*, que eu chamo “Bandeirantes e Beduínos”, para te insultar. Quando voltas? Quando vieres, me traz dois papeles do Chucho Reys: um galo e um palhaço.

Estarei de volta a Porto Alegre dia 17 deste. Escreve para lá.

Distribuí abraços (nessa altura “disculpas”) para todos os amigos do escritório da OEA.

Para ti um abraço especial deste africano

Erico

Índice de citações

Alberto Lleras Camargo (1906-1990), importante diplomata e figura política colombiana. Foi presidente de seu país entre 1945 e 1946, e de 1958 a 1962. Foi secretário geral da OEA entre 1948 e 1954. **Aparece em 4 cartas:** EV a Caro – 15 de dezembro de 1953; EV a Moog – 7 de maio de 1953; EV a Moog – 5 de maio de 1954; EV a Moog – 8 de agosto de 1955.

Alceu Amoroso Lima (1893-1983), crítico literário, professor e escritor brasileiro, que ocupou o cargo de diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana antes de Erico Verissimo. **Aparece em 1 carta:** EV a Moog – 7 de maio de 1953. [Seu pseudônimo Tristão de Athayde aparece mais vezes]

Alfred B. Crevenna (1914-1996), diretor de cinema e escritor. Fazia parte do Committee of Cultural Actions no México. **Aparece em 6 cartas:** EV a Moog – 13 de maio de 1953; EV a Moog – 17 de junho de 1953 [b]; EV a Moog – 6 de agosto de 1953; EV a Moog – 5 de maio de 1954; EV a Moog – 20 de maio de 1956; EV a Moog – 03 de março de 1958.

Allan Joseph MacEachen (1921-2017), estadista canadense, foi Ministro das Relações Exteriores e Primeiro Ministro do Canadá. Participou de summits da OEA. **Aparece em 6 cartas:** EV a Moog – 13 de julho de 1953; EV a Moog – 6 de agosto de 1953; EV a Moog – 18 de agosto de 1953; EV a Moog – 17 de novembro de 1953; EV a Moog – 5 de maio de 1954; EV a Moog – 20 de maio de 1956.

187

Ángel Palerm Vich (1917-1980) foi antropólogo, professor e investigador espanhol. **Aparece em 4 cartas:** EV a Moog – 13 de julho de 1953; EV a Moog – 6 de agosto de 1953; EV a Moog – 20 de fevereiro de 1955; EV a Moog – 29 de março de 1956.

Aníbal Sánchez Reulet (1910-1998), filósofo argentino, autor de *Filosofia Latinoamericana Contemporánea* (1949). Exilou-se nos Estados Unidos por motivo de perseguição política durante do golpe de Estado de Juan Perón. **Aparece em 2 cartas:** EV a Caro – 28 de setembro de 1953; EV a Moog – 29 de março de 1956.

Aurélio de Limeira Tejo (1908-1992) foi jornalista, escritor, político e analista econômico brasileiro. Foi colaborador da Revista do Globo e dos jor-

nais *Correio do Povo e Zero Hora*, de Porto Alegre. **Aparece em 2 cartas:** EV a Caro – 28 de setembro de 1953; EV a Moog – 24 de janeiro de 1955.

Clarice Lispector (1920-1977) foi uma escritora e jornalista ucraniana naturalizada brasileira. Escreveu romances, contos e ensaios. É considerada uma das escritoras brasileiras mais importantes do século XX. Foi casada com Maury Gurgel Valente. Devido ao trabalho de diplomata do marido, morou muitos anos nos Estados Unidos. Era amiga da família Verissimo. **Aparece em 6 cartas:** EV a Caro – 13 de novembro de 1953; EV a Caro – 15 de dezembro de 1953; EV a Moog – 17 de junho de 1953 [a]; EV a Moog – 24 de janeiro de 1955; EV a Clarice e Maury – 11 de outubro de 1956; EV a Clarice e Maury – 25 de setembro de 1957.

Clarissa Verissimo (1935) é filha de Erico e Mafalda. **Aparece em 17 cartas:** EV a Caro – 28 de setembro de 1953; EV a Caro – 13 de novembro de 1953; EV a Caro – 10 de maio de 1954; EV a Caro – 13 de fevereiro de 1955; EV a Caro – 2 de março de 1955; EV a Caro – 4 de agosto de 1955; EV a Caro – 19 de agosto de 1955; EV a Caro – 11 de junho de 1956; EV a Caro – 27 de maio s.a.; EV a Moog – 17 de junho de 1953 [a]; EV a Moog – 6 de agosto de 1953; EV a Moog – 17 de novembro de 1953; EV a Moog – 24 de janeiro de 1955; EV a Moog – 20 de maio de 1956; EV a Clarice e Maury – 25 de setembro de 1957; EV a Moog – 3 de dezembro de 1956; EV a Moog – 03 de março de 1958.

188 **Clodomir Vianna Moog** (1906-1988), foi advogado, jornalista, romancista e ensaísta gaúcho, muito amigo de Erico. Em 1950 foi nomeado representante do Brasil junto à Comissão de Assuntos Sociais das Nações Unidas e, nesse caráter, participou em Nova York e Genebra de todas as reuniões da Comissão. Em 1952, indicado pelo Brasil, foi eleito pelo Conselho Internacional Cultural para representar o Brasil na Comissão de Ação Cultural da OEA, com sede no México. Foi membro da Academia Brasileira de Letras. **Aparece em 21 cartas:** EV a Caro – 28 de setembro de 1953; EV a Moog – 7 de maio de 1953; EV a Moog – 13 de maio de 1953; EV a Moog – 17 de junho de 1953 [a]; EV a Moog – 17 de junho de 1953 [b]; EV a Moog – 17 de junho de 53 [Anexo]; EV a Moog – 13 de julho de 1953; EV a Moog – 6 de agosto de 1953; EV a Moog – 18 de agosto de 1953; EV a Moog – 17 de novembro de 1953; EV a Moog – 5 de maio de 1954; EV a Moog – 10 de setembro de 1954; EV a Moog – 6 de outubro de 1954; EV a Moog – 26 de novembro de 1954; EV a Moog – 24 de janeiro de 1955; EV a Moog – 20 de fevereiro de 1955; EV a Moog – 8 de agosto de 1955; EV a Moog – 1 de março de 1956; EV a Moog – 29 de março de 1956; EV a Moog – 20 de maio de 1956; EV a Moog – 3 de dezembro de 1956; EV a

Moog – 03 de março de 1958.

Cortés Plá, físico argentino, integrante do Departamento de Assuntos Culturais da UPA. **Aparece em 2 cartas:** EV a Caro – 28 de setembro de 1953; EV a Moog – 20 de fevereiro de 1955.

David Heft, funcionário da União Pan-Americana em Washington, foi assessor de confiança de Erico Verissimo durante sua gestão no Departamento de Assuntos Culturais da UPA. **Aparece em 2 cartas:** EV a Caro – 6 de abril de 1954; EV a Moog - 17 de junho de 1953 [b].

Edgar Cavalheiro (1911-1958), escritor, editor, crítico literário e biógrafo. Escreveu para 84 periódicos nacionais e dois estrangeiros, entre eles *O Estado de S. Paulo*, *Correio da Manhã*, *Revista do Globo*, *Diário de São Paulo* e *Jornal de São Paulo*. Foi um dos fundadores da Câmara Brasileira do Livro, da União Brasileira de Escritores e da Companhia Distribuidora de Livros. Entre seus livros mais conhecidos está *Testamento de uma Geração* de 1944. Em 1943, com Carlos Lacerda, criou o programa *No Sítio do Picapau Amarelo*, transmitido pela Rádio Gazeta. Enquanto presidente da Câmara Brasileira do Livro, por volta de 1957, foi, ao lado de Mário da Silva Brito, um dos principais idealizadores do Prêmio Jabuti. **Aparece em 3 cartas:** EV a Caro – 03 de setembro de 1954; EV a Caro – 2 de março de 1955; EV a Caro – 27 de maio s.a.

Frigga, esposa de Vianna Moog. **Aparece em 9 cartas:** EV a Moog – 7 de maio de 1953; EV a Moog – 13 de maio de 1953; EV a Moog – 17 de junho de 1953 [a]; EV a Moog – 13 de julho de 1953; EV a Moog – 17 de novembro de 1953; EV a Moog – 10 de setembro de 1954; EV a Moog – 6 de outubro de 1954; EV a Moog – 20 de fevereiro de 1955; EV a Moog – 3 de dezembro de 1956.

189

Getúlio Vargas (1882-1954), nasceu em São Borja no Rio Grande do Sul e tornou-se assumiu a presidência do Brasil entre 1934 e 1945 e entre 1951 e 1954. O suicídio de Vargas em 1954 é comentado por Verissimo nas cartas. **Aparece em 5 cartas:** EV a Caro – 25 de agosto de 1954; EV a Caro – 3 de setembro de 1954; EV a Caro – 2 de março de 1955; EV a Moog – 10 de setembro de 1954; EV a Moog – 6 de outubro de 1954.

Guillermo Espinosa (1905-1990), maestro colombiano, nascido em Cartagena, diretor da Divisão de Música da UPA. Estudou com Felix Von Weingartner na Alemanha. Criou os Festivais Interamericanos de Música em Washington, D.C, em 1958. **Aparece em 3 cartas:** EV a Caro – 20 de abril de 1954; EV a Caro – 10 de maio de 1954; EV a Moog – 17 de junho de 1953 [b].

Guillermo Nannetti Cárdenas foi chefe da Divisão de Educação da União Pan-Americana durante a gestão de Erico Verissimo no Departamento de Assuntos Culturais. **Aparece em 4 cartas:** EV a Caro – 6 de abril de 1954; EV a Moog – 8 de agosto de 1955; EV a Moog – 17 de junho de 1953 [b]; EV a Moog – 29 de março de 1956.

Henrique Bertaso (1906-1977) foi um dos sócios da Livraria do Globo. No final da década de 1920, passou a cuidar da seção editorial da casa, que viria a se transformar na Editora Globo, tornando responsável pela edição de grandes escritores gaúchos. Também foi um dos criadores da *Revista do Globo* e participou do grupo de fundadores da Feira do Livro de Porto Alegre. **Aparece em 8 cartas:** EV a Caro – 28 de setembro de 1953; EV a Caro – 6 de abril de 1954; EV a Moog – 17 de junho de 1953 [a]; EV a Moog – 13 de julho de 1953; EV a Moog – 6 de agosto de 1953; EV a Moog – 17 de novembro de 1953; EV a Moog – 24 de janeiro de 1955; EV a Moog – 20 de fevereiro de 1955.

Herbert Moritz Caro (1906-1991), judeu alemão naturalizado brasileiro, foi um importante tradutor, jornalista, ensaísta e crítico literário. Era um grande amigo de Erico. Herbert Caro foi balconista da Livraria Americana por anos e, da experiência, resultaram suas crônicas “Balcão de Livraria”, publicadas no *Correio do Povo* de Porto Alegre. **Aparece em 17 cartas:** EV a Caro - 19 de maio de 1953; EV a Caro – 28 de setembro de 1953; EV a Caro – 13 de novembro de 1953; EV a Caro – 15 de dezembro de 1953; EV a Caro – 6 de abril de 1954; EV a Caro – 20 de abril de 1954; EV a Caro – 10 de maio de 1954; EV a Caro – 25 de agosto de 1954; EV a Caro – 03 de setembro de 1954; EV a Caro – 21 de outubro de 1954; EV a Caro – 13 de fevereiro de 1955; EV a Caro – 2 de março de 1955; EV a Caro – 26 de junho de 1955; EV a Caro – 4 de agosto de 1955; EV a Caro – 19 de agosto de 1955; EV a Caro – 11 de junho de 1956; EV a Caro – 27 de maio, s.a.

José Rasgado Filho, artista plástico, foi desenhista da Livraria e depois Editora Globo, colega e amigo de Erico Verissimo. **Aparece em 5 cartas:** EV a Caro – 28 de setembro de 1953; EV a Caro – 15 de dezembro de 1953; EV a Caro – 6 de abril de 1954; EV a Caro – 20 de abril de 1954; EV a Caro – 13 de fevereiro de 1955.

Luis Fernando Verissimo (1936) é filho de Erico e Mafalda. É escritor, cartunista e tradutor. **Aparece em 11 cartas:** EV a Caro – 28 de setembro de 1953; EV a Caro – 03 de setembro de 1954; EV a Caro – 2 de março de 1955; EV a Caro – 26 de junho de 1955; EV a Caro – 4 de agosto de 1955; EV a Caro – 19 de agosto de 1955; EV a Moog – 17 de junho de 1953 [a]; EV

a Moog – 6 de agosto de 1953; EV a Moog – 17 de novembro de 1953; EV a Moog – 24 de janeiro de 1955; EV a Moog – 20 de maio de 1956.

Luis Guillermo Piazza (1922-2007), novelista argentino, radicado no México, participou como especialista em Direito Latino-Americano na OEA em 1949 e 1952. **Aparece em 7 cartas:** EV a Moog – 17 de novembro de 1953; EV a Moog – 5 de maio de 1954; EV a Moog – 20 de fevereiro de 1955; EV a Moog – 1 de março de 1956; EV a Moog – 29 de março de 1956; EV a Moog – 20 de maio de 1956; EV a Moog – 03 de março de 1958.

Mafalda Volpe Verissimo (1913-2003), esposa de Erico. **Aparece em 20 cartas:** EV a Caro – 13 de novembro de 1953; EV a Caro – 15 de dezembro de 1953; EV a Caro – 20 de abril de 1954; EV a Caro – 10 de maio de 1954; EV a Caro – 03 de setembro de 1954; EV a Caro – 2 de março de 1955; EV a Caro – 11 de junho de 1956; EV a Caro – 27 de maio s.a.; EV a Moog – 7 de maio de 1953; EV a Moog – 17 de junho de 1953 [a]; EV a Moog – 13 de julho de 1953; EV a Moog – 6 de agosto de 1953; EV a Moog – 18 de agosto de 1953; EV a Moog – 17 de novembro de 1953; EV a Moog – 6 de outubro de 1954; EV a Moog – 24 de janeiro de 1955; EV a Moog – 20 de fevereiro de 1955; EV a Moog – 20 de maio de 1956; EV a Clarice e Maury – 11 de outubro de 1956; EV a Clarice e Maury – 25 de setembro de 1957.

Maurício Rosenblatt (1906-1988), em 1941, assumiu a secretaria do departamento editorial da Livraria do Globo. De 1942 a 1953 foi diretor da sucursal da Editora Globo no Rio de Janeiro. Quando voltou a Porto Alegre, transferiu-se para a José Olympio Editora, onde se aposentou em abril de 1976. Foi amigo e colega de Editora Globo de Erico Verissimo. **Aparece em 11 cartas:** EV a Caro – 28 de setembro de 1953; EV a Caro – 13 de novembro de 1953; EV a Caro – 15 de dezembro de 1953; EV a Caro – 6 de abril de 1954; EV a Caro – 20 de abril de 1954; EV a Caro – 10 de maio de 1954; EV a Caro – 13 de fevereiro de 1955; EV a Caro – 2 de março de 1955; EV a Caro – 19 de agosto de 1955; EV a Caro – 27 de maio s.a.; EV a Moog – 24 de janeiro de 1955.

Maury Gurgel Valente, diplomata da Embaixada do Brasil em Washington, marido de Clarice Lispector. **Aparece em 6 cartas:** EV a Caro – 13 de novembro de 1953; EV a Caro – 15 de dezembro de 1953; EV a Caro – 2 de março de 1955; EV a Moog – 17 de junho de 1953 [a]; EV a Clarice e Maury – 11 de outubro de 1956; EV a Clarice e Maury – 25 de setembro de 1957.

McDermott, ex-adido de imprensa do State Department, depois embaixador em El Salvador, cuja residência, localizada na Upshur Street, era alugada pelos Verissimo durante a estada na OEA. **Aparece em 3 cartas:**

EV a Caro – 6 de abril de 1954; EV a Moog – 17 de junho de 1953 [a]; EV a Moog – 6 de outubro de 1954.

Moysés de Moraes Vellinho (1902-1980) foi um escritor, jornalista e político brasileiro. Na mocidade, assinava sempre sob o pseudônimo de *Paulo Arinos*. Foi o editor da revista *Província de São Pedro*, da Globo. Historiador, ensaísta e crítico literário, vinculou-se à vertente lusitana da historiografia sul-rio-grandense e dedicou-se a defender a origem e a evolução cultural luso-brasileira do Rio Grande do Sul. Sua obra mais importante é *Capitania d' El-Rei: Aspectos Polêmicos da Formação Rio-Grandense*. Foi amigo e colega de Erico Verissimo na Livraria do Globo e presidiu a Fundação da OSPA de 1952 a 1972. **Aparece em 4 cartas:** EV a Caro – 10 de maio de 1954; EV a Caro – 21 de outubro de 1954; EV a Clarice e Maury – 25 de setembro de 1957; EV a Moog – 03 de março de 1958.

Nina Zabłudowski, esposa de Caro. Mudou-se para o Brasil com o marido em 1935 e nos primeiros anos no país trabalhou como professora de línguas. **Aparece em 6 cartas:** EV a Caro – 19 de maio de 1953; EV a Caro – 13 de novembro de 1953; EV a Caro – 6 de abril de 1954; EV a Caro – 13 de fevereiro de 1955; EV a Caro – 2 de março de 1955; EV a Caro – 4 de agosto de 1955.

Ralph E. Dimmick (1916-2015), doutor em filosofia. Ensinou inglês no Brasil por três anos, depois retornou aos Estados Unidos onde deu aulas de literatura em Harvard e Northwestern University. Em 1952, tornou-se assistente de Erico Verissimo no Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana. **Aparece em 3 cartas:** EV a Caro – 28 de setembro de 1953; EV a Caro – 10 de maio de 1954; EV a Moog – 03 de março de 1958.

Tristão de Athayde, pseudônimo de Alceu Amoroso Lima. **Aparece em 3 cartas:** EV a Moog – 7 de maio de 1953; EV a Moog – 13 de maio de 1953; EV a Moog – 20 de maio de 1956.

William Manger, secretário adjunto da OEA no período. **Aparece em 4 cartas:** EV a Moog – 17 de novembro de 1953 [b]; EV a Moog – 8 de agosto de 1955; EV a Moog – 29 de março de 1956; EV a Moog – 20 de maio de 1956.

Índice de siglas

CAC - Comitê de Ação Cultural da OEA/Comissão de Ação Cultural. **Aparece em 11 cartas:** EV a Caro – 15 de dezembro de 1953; EV a Moog – 17 de junho de 1953 [a]; EV a Moog – 17 de junho de 1953 [b]; EV a Moog – 17 de junho de 1953 – 17 de junho de 1953 [Anexo]; EV a Moog – 17 de novembro de 1953; EV a Moog – 5 de maio de 1954; EV a Moog – 6 de outubro de 1954; EV a Moog – 24 de janeiro de 1955; EV a Moog – 20 de fevereiro de 1955; EV a Moog – 29 de março de 1956; EV a Moog – 20 de maio de 1956.

CCA – Committee of Cultural Actions. **Aparece em 2 cartas:** EV a Moog – 7 de maio de 1953; EV a Moog – 13 de maio de 1953.

CIC - Inter-American Committee on Culture/ Comitê Interamericano de Cultura/ Comissão Interamericana de Cultura da OEA. **Aparece em 4 cartas:** EV a Moog – 5 de maio de 1954; EV a Moog – 10 de setembro de 1954; EV a Moog – 29 de março de 1956; EV a Moog – 20 de maio de 1956.

DAC - Departamento de Assuntos Culturais da UPA. Erico presidiu esse departamento durante o período em que trabalhou na UPA. **Aparece em 16 cartas:** EV a Caro – 28 de setembro de 1953; EV a Caro – 13 de novembro de 1953; EV a Caro – 15 de dezembro de 1953; EV a Caro – 6 de abril de 1954; EV a Caro – 20 de abril de 1954; EV a Caro – 11 de junho de 1956; EV a Moog – 7 de maio de 1953; EV a Moog – 17 de junho de 1953 [a]; EV a Moog – 17 de junho de 1953 [b]; EV a Moog – 17 de junho de 1953 [Anexo]; EV a Moog – 13 de julho de 1953; EV a Moog – 5 de maio de 1954; EV a Moog – 26 de novembro de 1954; EV a Moog – 20 de fevereiro de 1955; EV a Moog – 20 de maio de 1956; EV a Moog – 03 de março de 1958.

OAS – Organization of American States. Sigla em inglês para Organização dos Estados Americanos (OEA). Todas as citações à Organização dos Estados Americanos foram reunidas junto à sigla OEA.

OEA – Organização dos Estados Americanos. **Aparece em 13 cartas:** EV a Caro – 28 de setembro de 1953; EV a Caro – 13 de novembro de 1953; EV a Caro – 15 de dezembro de 1953; EV a Caro – 2 de março de 1955; EV a Caro – 27 de maio s.a.; EV a Moog – 7 de maio de 1953; EV a Moog – 13 de maio de 1953; EV a Moog – 13 de julho de 1953; EV a Moog – 24 de janeiro de 1955; EV a Moog – 29 de março de 1956; EV a Moog – 20 de maio de 1956;

EV a Moog – 3 de dezembro de 1956; EV a Moog – 03 de março de 1958.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Aparece em 1 carta:** EV a Moog – 3 de dezembro de 1956.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Aparece em 2 cartas:** EV a Caro – 03 de setembro de 1954; EV a Moog – 29 de março de 1956.

OSPA – Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. **Aparece em 1 carta:** EV a Caro – 10 de maio de 1954.

UPA – União Pan-Americana. Erico trabalhou na União Pan-Americana entre 1953 e 1956. **Aparece em 22 cartas:** EV a Caro – 19 de maio de 1953; EV a Caro – 28 de setembro de 1953; EV a Caro – 13 de novembro de 1953; EV a Caro – 15 de dezembro de 1953; EV a Caro – 20 de abril

de 1954; EV a Caro – 10 de maio de 1954; EV a Caro – 03 de setembro de 1954; EV a Caro – 2 de março de 1955; EV a Caro – 26 de junho de 1955; EV a Caro – 19 de agosto de 1955; EV a Caro – 11 de junho de 1956; EV a Moog – 13 de maio de 1953; EV a Moog – 17 de junho de 1953 [a]; EV a Moog – 17 de junho de 1953 [b]; EV a Moog – 5 de maio de 1954; EV a Moog – 6 de outubro de 1954; EV a Moog – 26 de novembro de 1954; EV a Moog – 24 de janeiro de 1955; EV a Moog – 20 de fevereiro de 1955; EV a Moog – 8 de agosto de 1955; EV a Moog – 29 de março de 1956; EV a Moog – 20 de maio de 1956.

